SIÃO

AUDIL DISTRIBUIÇÃO DE LIVROS
E MATERIAL AUDIOVISUAL, LDA.
Rua Cidade de Cadiz, 14-B - Tel. 726 58 59 - 1500 LISBOA
R. Adolfo Casais Monteiro, 16 - Tel. 66 85 17 - 4000 PORTO

Tanto pode o benefício
da Graça, que dá saúde,
que ordena que a vida mude;
e o que tomei por vício
me faz grau para a virtude;
E faz que este natural
amor, que tanto se preza,
suba da sombra ao Real,
da particular beleza
para a Beleza geral.

Camões, de *Sôbolos rios...*

DA ALMA À RUA

0. NOTA PRÉVIA

Ao contrário do que muitas vezes se diz, numa antologia de poesia nunca falta nenhum poeta, nem nenhum poema. Porque uma antologia se define pelo que inclui e pelo que exclui: esse, o ponto de partida. Portanto, nesta antologia não falta nenhum poeta, o que não quer dizer que a um ou outro poeta não passe a faltar esta antologia.

Apresentando textos de 70 poetas que, nas datas de nascimento, vão de 1842 a 1960, é sempre possível arranjar um arranjo histórico. Tudo bem dividido entre figuras de proa, figurantes também muito aceitáveis, e mais as sucessivas correntes literárias para fazer o caldo em que nomes e versos cronologicamente se explicam uns a seguir aos outros; ressalvando meia dúzia de nomes únicos que nunca há maneira de guardar em nenhuma fase. É o comboio da história. Esquecido de que os poetas não se engendram nem reproduzem segundo as regras habituais entre as gentinhas e outras espécies.

Outra possibilidade, para maquinistas de menos fôlego, mas cumpridores, é a de vigiar as proporções que em linhas, poemas e páginas, hão-de caber a cada nome. Como é possível que um Autor como aquele tenha tanta página como um Autor como este? Ofensa ao sossego da nomenklatura instituída pela mediocracia bestsellerizante para simplificação das suas débil vida e pobre cabeça. Este vende bem, aquele escreve mal; este escreve bem, aquele vende mal. Basta não trocar os nomes.

Gostar assinadamente é um gosto que não respeita nem tolera proporções. Por isso os desconhecidos podem ser tantos e tão novos e terem escrito tantos poemas. E também porque existem e disso se sabe muito menos que da existência de outros. Não é preciso falar de poesia portuguesa dos anos 80 — como se vai dizendo para os artistas plásticos — porque a temporalidade da escrita e da leitura é outra. Basta ler os livros, depois de saber que eles existem.

Três rejeições — a de «corrigir» a selecção, a de «traçar» uma história, a de «proporcionar» os valores —, para

chegar a circunscrever um outro ponto de vista a que se chama da contemporaneidade. No sentido em que, em cada tempo, todos os poetas são, ao mesmo tempo, ou não são. E o que são é ao mesmo tempo que os pensamentos, sentimentos, gestos, objectos, problemas: actuais. Porque não os há de outra maneira, nem mesmo aqueles que tudo indica poderem ser considerados eternos.

Sião é aqui ponto de partida.

1. LINHAS DE CLIVAGEM

«— *Caiu-me a Alma ao meio da rua, / E não a posso ir apanhar!*» (Mário de Sá-Carneiro) São os dois últimos versos da 7.ª canção de declínio e não deixam de ter sido escolhidos por causa da palavra declínio. A partir deles se podem delinear quatro linhas de clivagem abertas por esta leitura desta antologia.

Alma/Sociedade. As formas conhecidas, socializadas, convencionadas, da existência humana, são modalidades inferiores, redutoras, às vezes quase intoleráveis, do infinito que a palavra Alma designa ao ser humano. Alma não é aqui o apêndice de qualquer doutrina religiosa. Alma, infinito abstracto do espírito, não se opõe a corpo, infinito concreto da carne. Opõem-se ambos às formas ideológicas e psicológicas de os apoucar na mediania das sociedades.

Queda/Equilíbrio. A queda da alma produz uma insatisfação, rejeição, retracção em relação à existência racionalmente equilibrada. À noção estável e progressiva de equilíbrio opõem-se modelações insanas do movimento e da velocidade: queda e ascensão, aceleração e imobilidade, ritmo. «*Os afogados, no castelo da proa ou subidos aos mastros, interrogam sem resultado o seu novo horizonte. Desce-se? Sobe-se? Ou simplesmente oscilam?*» (Mário Cesariny) «*Tão bom, voar a fio de morte na Energia.*» (Vitorino Nemésio) «*ocupo o tempo estarrecido a / alta velocidade. não derrapo, tenho a pele bem colada / à corrida das horas.*» (José Mira) Movimentos de des-estabilização que podem assumir as diferentes formas da revolta criminal, do tédio mortal, da redução minimal, da alucinação eufórica. Com as correlativas e consequentes inversões de valores. «*Ó Morte, quero entrar no teu Recolhimento!...*» (António Nobre) A morte contra a vida, a loucura contra

a razão, a doença contra a saúde. «*Se não temos saúde bastante sejamos pelo menos doentes exemplares.*» (António José Forte)

Rua/Doméstico. Domésticos são, por excelência, os casais e os empregos. Demarcação excluinte que, em casos anacronicamente ideológicos, se enfatiza em denúncia retórica do trabalho e do consumo. O que se quer dizer é que chão para a alma — o oposto do seu espaço, sem chão, o da morte ou da queda —, só mesmo estatelada na rua. A rua é o lugar concreto do corpo. Mesmo os quartos, as camas, essas coisas, são à rua, no mesmo sentido em que são à noite. Tal como a crueldade, os crimes e o sangue que são o preço a pagar ou, mais exactamente, a fazer pagar, por esse grande erro, o mundo, a humanidade.

«*não há doutrina / para o mais secreto / luxo, não se despede / um dia a faca / na garganta adolescente.*» (José Carlos Soares) Não se trata de projectos revolucionários mas, apenas, de objectos cortantes devidamente relacionados com a carne dos corpos: a fisicidade inapelável que é a sua única honestidade, a pornografia. «*Corta o barbante, / e segura no corpo / até que ele morra.*» (Gil Nozes de Carvalho) Ficam de fora — em casa — o lirismo piegas do sentimento, a militância higiénica do desejo, a estética lambida do erotismo. Portanto: rua, noite, carne e crime.

Recolher/Enfeitar. É na rua que as pessoas andam a apanhar coisas — não, a alma não, não é uma coisa. São vagabundos, andam ao papel, o que torna único o seu modo de recolha é a imprevisibilidade de cada objecto, a sua desinserção de um grupo coerente utilitário, a indeterminação do valor, a acumulação num conjunto heteróclito.

De uma desvalorização e des-utilitarização indiferenciadoras passa-se a uma nova valorização de cada, ou este, objecto, inútil, como único, de cada colecção, absurda, como capricho. Uma obstinação nas coisas que é equivalente à obstinação nas palavras quando quem escreve não anda à procura de emprego como decorador de interiores.

2. A PORCARIA DA VIDA

«*Leve o diabo a vida e a gente tê-la!*». «*Ah quanta alma haverá, que ande metida / Assim como eu na Linha, e*

como eu mística! / Quantos sob a casaca característica / / Não terão como eu o horror à vida?» (Fernando Pessoa) *«Meu Deus, que insuportável Mundo!»* (António Nobre) *«Que partout, everywhere, em toda a parte, / A vida égale, idêntica, the same, / É sempre um esforço inútil, / Um voo cego a nada.»* (Reinaldo Ferreira) São sem fim as maneiras de dizer que qualquer coisa na vida não está mesmo nada bem, não presta, e que até é capaz de ser tudo. Mal estar ontológico, mais do que social, trágico, mais do que dramático. Mudanças de sítio, ocupação, viagens, não podem remediar ao tédio incurável: spleen. *«E tédio, tédio, tédio e nada mais!»* (António Nobre)

Deus. Almada Negreiros, em forma de dilema metafísico, invectiva: *«Escolhe: a vida ou a existência. Funcionário da existência ou advento da vida»*. Denuncia: *«Este falcatruar dos valores existência e vida, é-nos suministrado com o título de progresso histórico.»* Esta vida é apenas existência e a verdadeira vida teria de remeter para outros planos. A hipótese panteísta de Pascoaes: *«O homem não vive: nasce e morre. Viver vivem as árvores... e certas criaturas que eu conheço, profundamente vegetais.»*

A perspectiva de um ponto de fuga religioso, Deus. *«O meu perfil é* [...] *o derradeiro e fabuloso esforço para desnudar o delírio de um deus que a minha epiderme subjuga». «Um deus que não limita»*, a entender em oposição aos deuses *«estupidamente demonstráveis na imagem e semelhança das vossas mandíbulas de devoradores do além»* (Natália Correia)

Ou ainda a via da elevação do humano ao divino que Nuno Júdice, num poema chamado *Queda*, vai situar na figura do poeta. *«Sem dúvida, a sensação de divino aparece a muitos,* [...] *Mas só o poeta a recebe como duração, algo que nasce / entre a vegetação dos minutos, que as mãos da alma colhem num êxtase musical, / e só ele por instantes compartilha uma vibração de eternidade / na inércia nocturna das aparências. Assim se desprende da humana corrente.»*

Crime. Agora, uma mudança de rumo, acompanhando Herberto Helder — *A poesia é feita contra todos*. Deslocamento: de como, precisamente a partir da «morte das coisas divinas», somos conduzidos a uma poética da «criminalidade» — esse outro modo da recusa e da transcendência. *«Tudo morreu em nós, menos exactamente a morte das coisas divinas. É por dentro de poemas que transportamos esse estranho alimento de todas as mortes». «Nós respeitamos os atributos e instrumentos da criminalidade: agressão, provocação, subversão, corrupção. Queremos conhecer, exer-*

cendo-nos dentro de poemas, até onde estamos radicalmente contra o mundo.»

É possível, agora, e conveniente, baixar o nível de abstracção. Lembremo-nos, por Cesariny, que «*Emile Henri / escritor da literatura da dinamite / lança a segunda bomba à porta do Café Términus / dado que: da má distribuição da riqueza e das coisas boas da Terra / todos sem excepção têm a máxima culpa*» Explosão produtora de múltiplos estilhaços e ecos. «*Pelo meu relógio são horas de matar.*» (António José Forte) «*Juro uma vingança grave sobre / toda esta falta de viver.*» (Levi Condinho)

Remetendo para referências ainda mais concretas e actuais — Portugal, anos 80, adolescentes, rua, cidade — os 6 × 14 versos de Joaquim Manuel Magalhães, exemplarmente dedicados «aos da educação». O próprio autor tira as conclusões, a moral, para utilizar a palavra própria: «*Mas sempre a sedição de alguns / transforma na próxima granada / o equilíbrio adolescente das motorizadas.*»

Doidos. Se quisermos dizer da revolta que é uma forma de explosão, podemos aproveitar para chamar formas de implosão à loucura e às outras derivas e vertigens do espírito.

«*Eu não estou doudo. Tenho sido manejado como um puro manequim. Os seus meios de manejo têm sido — a mim aqui ao seu dispor abandonado por toda uma sociedade* [...] *já a tortura, já a sugestão, já o veneno*» É o pela própria experiência autorizado protesto de Ângelo de Lima. O filão duradouro da contestação da psiquiatria como modo de normalização dos comportamentos. «*Deram-me os vossos comprimidos: / Quero masturbar-me e não posso / Onde está a minha solidão? Quero a minha solidão / Onde está a minha angústia? Quero a minha angústia.*» (João Damasceno)

Do protesto contra a repressão da loucura, tema já retórico, chega-se à reivindicação pedagógica da loucura: «*Uma cidade, um país, uma cidade-país, que não tem doidos, mesmo poucos, não interessa.* [...] *refiro-me a doidos mesmo doidos, com quem se possa aprender alguma coisa.*» (Jorge Fallorca)

Ópio e Oriente. «*Sentir a vida convalesce e estiola / E eu vou buscar ao ópio que consola / Um Oriente ao oriente do Oriente*» (Fernando Pessoa)

Ópio, a mais clássica das amáveis substâncias propiciadoras de premeditados desequilíbrios. Veículo de infindáveis demandas, viagens. «*A última notícia: vou abandonar definitivamente a Europa. Parto para o Oriente numa viagem preliminar. Regressarei à Europa então para fazer a Grande*

Viagem.» (António Maria Lisboa) O valor da loucura, do ópio, do sonho, maneiras das viagens, das invenções de mundos: implosões libertadoras, para além do preço.

«*Há um sul e há um norte na cabeça do cavalo, / uma agulha se crava no centro do meu cérebro, / as minhas vértebras dilatam-se pelo vigor do novo*» (António Ramos Rosa). «*percorremos os sonhos de planeta em planeta desfolhando o futuro a flor sempre rara / e marcamos nos astros o nosso roteiro dez quilómetros / amanhã tirarei o curso de sonhador espacializado*» (Pedro Oom). «*Misturador de ideias e mitos, só a fantasia e o delírio me apaziguaram com a doença. Umas vezes estou no limiar da realidade, outras naufrago.* [...] *Não tenho certezas mas tão-somente um pé em três mundos. E tudo me surpreende.*» (João Pedro Rosado)

3. A CARNE DO CORPO

«*A carne é quente e basta*». «*A tua ausência é uma casa muito espaçosa. / Responde-me na volta do sangue.*» (Fernando Gandra) Claro que as coisas dos corpos não são assim tão simples. Mas há algo de honestamente terrível e necessário na maneira que têm os corpos de estarem desde logo já ali, dados, expostos, sem descontos. Qual é a diferença entre o gosto do corpo e o gosto da carne?

António Botto constata: «*Um rapaz afadistado, / Sujo, descalço, vigoroso / — Uns vinte anos, se os tivesse!*» Rui Reininho constata: «*Às 8 horas ela sentava-se frente a mim / Os seus cabelos ruivos encaracolados ondeavam ao som da Jukebox.*» Jorge de Sena descreve: «*Um dos rapazes se recosta contra o corpo / do outro rapaz que alonga dorso e pernas, / enquanto neste se debruça e dobra, / pendendo os frescos seios e os cabelos, / o corpo feminino associado ao de ambos*»

Modos de enunciar uma fisicidade absoluta que se propõe sem protocolos lógicos ou psicológicos. Presenças incontornáveis, inteiramente bastantes, desencadeiam diferentes tipos de movimentos: vertiginosos, de jubilação ou aviltamento; apavorados, de recuo ou denegação.

De um só fôlego inteiro jubilatório, *O ciclópico acto:* «*Traz-me o pequeno almoço entre vinhas virgens! / Traz-mo de rastos! Um golo dessa bacia / de água viva! / Inicia-se, portanto, o cicló- / pico acto.*» (Luiza Neto Jorge)

Num «café de cais» — *Nocturnos* — Reinaldo Ferreira consagra «*O vulto familiar / Da Virgem Vício, / Nossa Senhora do Baixo Mundo.*»

Sob certas luzes adquire a carne tonalidades assim suspeitas, geradoras de um comprazimento particular, que se alarga ainda a vulgaridades mais prosaicas. «*Que bela noite ordinária que eu passei!*» (Alexandre O'Neill) «*o que me vale aos fins de semana / é o teu amor provinciano e bom / para ele compro bombons / para ele compro bananas*» (Manuel António Pina) «*preferia ter-te sobre um lençol de saldo sobre o meu corpo.*» (Emanuel Jorge Botelho)

Em contraponto a estas várias formas de apetência em que a fisicidade funciona como desencadeadora de uma atracção logo intenção, eventualmente vil, a cumprir, temos as situações em que o excesso de fisicidade — presença só do corpo, da carne, ou sua esteticização em beleza — funciona como um impedimento, um bloqueio de todo o impulso, aproximação. O objecto sobrecarregado de poderes e força torna-se inabordável.

«*O homem que eu acompanho, é belo, tudo mo diz! / Mas num sorriso de quem viu a realidade / E quer fugir-lhe ou morrer, / A medo, atiro estas palavras: / — Já é tarde, meu amigo; / Ficará para outro dia / Ou outra noite qualquer.*» (António Botto) «*Queria falar contigo, / dizer-te apenas que estou aqui, / mas tenho medo, / medo que toda a música cesse / e tu não possas mais olhar as rosas.*» (Eugénio de Andrade)

O que começara por ser afirmação plena de fisicidade transforma-se por excesso no seu oposto. Sublimação do corpo na figura infazível do anjo: «*Tenho-te como cúmplice, um anjo sujo / e sinto-me — apenas — só.*» (Artur Rockzane) A carne transforma-se em pedra, infazível, *O anjo de pedra: «Tinha os olhos abertos, mas não via. / O corpo todo era a saudade / de alguém que o modelara e não sabia / que o tocara de maio e claridade.*» (Eugénio de Andrade)

4. O OFÍCIO DA PALAVRA

Diz-se aqui ofício, o que até soa um bocadinho enfático, não para reivindicar protocolos de pureza mas — poderia dizer-se pelo contrário e não seria correcto — por aproximação, por exemplo, àquele tipo de atenção e de movi-

mentos dos dedos dos aprendizes de mecânico quando começam a aprender a distinguir e compor as peças e ferramentas e às vezes cortam as mãos que sujam.

É uma ideia conhecida a de que se possa explicar a escrita como transferência, sublimação, prolongamento das coisas do corpo. Eugénio de Andrade autoriza a passagem: «*Com a noite de perfil / a medir-me cada passo, / recomeço, / pedra sobre pedra, / a juntar palavras; / quero eu dizer: / ranho baba merda.*»

A fisicidade estende-se à diversidade infinda das coisas, e o rigor da atenção, feito rigor da escrita, exercita-se, ao mesmo tempo, com os objectos e com as palavras. Um rigor e uma atenção que se traduzem na descrição obsessiva de universos mínimos, no apego ao concreto das coisas elementares. «*Desejei então ser eu mesmo o mais obscuro dos enigmas vivos, e aplicar as mãos na matéria primária da terra. Gostaria de ser um entrançador de tabaco.*» (Herberto Helder) «*Contar os grãos de areia destas dunas é o meu ofício actual.*» (Carlos de Oliveira) «*estou tão só como sempre mas com a alegria insuportável / de ser sensível ao particular. / um búzio carrego no bolso, púrpura e madre-pérola.*» (António Cabrita) O poema, este último, chama-se *Guardião de fósseis.*

A exacerbação da sensibilidade ao particular pode desenvolver-se no sentido de uma lógica do registo e da contabilização. A concentração num momento, *Instantamatic.* «*No interior o chá esfria / na chaleira, / o frasco de compota aberto, / o disco esquecido no tapete, / frutos secos num prato / largo e branco, / uma mão abandonada na cadeira.*» (António S. Ribeiro)

Uma forma desperta da passividade, uma prática encantatória da enumeração, da listagem, em que a minúcia referencial se enriquece no cultivo rítmico das próprias palavras, ladainhas. «*toquei nas jóias uma por uma: / um par de brincos que não ponho / porque não tenho as orelhas furadas / três alfinetes: um galgo de vermeil / com uma coleira de rubis / um lagarto de Toledo / um filete com um amor-perfeito / duas pulseiras com o fecho estragado* [...] *mudei tudo para uma caixinha de madeira* [...] *e mudei a caixinha para ao pé de mim / o que é que eu posso fazer mais?*» (Adília Lopes)

Retracção minimal, em que o apego aos objectos surge como estratégia da sobrevivência, do mesmo modo que a insistência, em si próprio fechada, nas palavras. «*Para que alguma coisa seja minha / no concerto do dia / nota para esquecer assobio falhado / escrevo estas palavras atrás do tapume.*» (Pedro Tamen) «*falo do que / por mim passa, nada / mais, confusos passos. / As frases vão ficando / no tingido azul do céu. / Só por vezes. O acaso / como num tei-*

moso fotógrafo / disparando tanta vez até / ao acerto.» (Helder Moura Pereira)

Quando a evidência fechada de uma escrita, o labor total de uma construção, adquire a consistência e a opacidade da casca de um mundo, damos por nós diante de textos cifrados. Só se abrem para um infinito de imagens, raciocínios, coisas muito concretas, pelo preço de uma iniciação, exigência de descoberta, decifração, do ritmo e da cadência mental, literal, vocal, musical, adequada à transposição do portal. «*Implorei: Amor se for possível / acostar no meio da intempérie / degolarei dois pombos / e o fígado de bode carbonizo / em tripés de amianto / o louro te ofereço / se mo deixares extrair / da noz onde embarcado / não singrou*». (Fátima Maldonado)

Trata-se de sentir e saber o tamanho do poder de um ofício, das palavras. «*Os dias já não são o que eram; nunca havíamos suposto que seria necessário recorrer tanto à escrita*». «*O meu país não é a minha língua, mas levá-la-ei para aquele que encontrar.*» (Maria Gabriela Llansol)

5. DECLARAÇÃO FINAL

«*Ele quis morrer para arrasar a morte e voltar. Pensa: 'No meu corpo depositei o mais e o menos, há porém ainda lugares onde salpicar o riso de água.' Sabia que estava no caminho da vocação do homem — romper, e o seu tumulto transporta uma memória já contida. De encontro aos olhos dele o mar teve medo e recuou*». (José Amaro Dionísio)

A. M.

SIÃO

organização e notas

Al Berto

Paulo da Costa Domingos

Rui Baião

prólogo

Alexandre Melo

LISBOA
1987

ANTERO DE QUENTAL

Nasceu em Ponta Delgada a 18 de Abril, 1842, e aí consumou o suicídio a 11 de Setembro, 1891. Tentou ser. Uma estadia rebelde em Paris fê-lo operário tipógrafo de improviso, na companhia de Proudhon e Michelet, e por sua mão a esta costa atlântica deram os possíveis sinais da Comuna. Tudo inútil. Retorno a um nihilismo búdico, retorno à doença, ao amor, aos mortos.

REDENÇÃO

I Vozes do mar, das árvores, do vento!
Quando às vezes, num sonho doloroso,
Me embala o vosso canto poderoso,
Eu julgo igual ao meu vosso tormento...

Verbo crepuscular e íntimo alento
Das coisas mudas; salmo misterioso;
Não serás tu, queixume vaporoso,
O suspiro do Mundo e o seu lamento?

Um espírito habita a imensidade:
Uma ânsia cruel de liberdade
Agita e abala as formas fugitivas.

E eu compreendo a vossa língua estranha,
Vozes do mar, da selva, da montanha...
Almas irmãs da minha, almas cativas!

II Não choreis, ventos, árvores e mares,
Coro antigo de vozes rumorosas,
Das vozes primitivas, dolorosas
Como um pranto de larvas tumulares...

Da sombra das visões crepusculares
Rompendo, um dia, surgireis radiosas
Desse sonho e essas ânsias afrontosas,
Que exprimem vossas queixas singulares...

Almas no limbo ainda da existência,
Acordareis um dia na Consciência,
E pairando, já puro pensamento,

Vereis as Formas, filhas da Ilusão,
Cair desfeitas, como um sonho vão...
E acabará por fim vosso tormento.

CESÁRIO VERDE

Insistiu em cantar a mulher. Sempre na sua aparência leviana e por uma óptica voyeur de pequeno-burguês: «Teus olhos imorais,/Mulher, que me dissecas,/Teus olhos dizem mais,/Que muitas bibliotecas!» (vd. *Lúbrica*). Contudo, ditou padrões de observação do real tensamente depurados de efeitos especiais, ferramenta do simbolismo. Mesmo no tratamento que dá ao tema de *Déjeuner sur l'Herbe* (Manet) a luminosidade impressionista é tintada pela presença parda de um «burrico», mais natural em Malhoa (cf. *De tarde*). Nasceu em Lisboa, a 25 de Fevereiro, 1855. Morreria apenas com 31 anos, tuberculoso.

FRÍGIDA

I Balzac é meu rival, minha senhora inglesa!
Eu quero-a, porque odeio as carnações redondas!
Mas ele eternizou-lhe a singular beleza
E eu turbo-me ao deter seus olhos cor das ondas.

II Admiro-a. A sua longa e plácida estatura
Expõe a majestade austera dos Invernos.
Não cora no seu todo a tímida candura;
Dançam a paz dos céus e o assombro dos infernos.

III Eu vejo-a caminhar, fleumática, irritante,
Numa das mãos franzindo um lenço de cambraia!...
Ninguém me prende assim, fúnebre, extravagante,
Quando arregaça e ondula a preguiçosa saia!

IV Ouso esperar, talvez, que o seu amor me acoite,
Mas nunca a fitarei duma maneira franca;
Traz o esplendor do Dia e a palidez da Noite,
É, como o Sol, dourada, e, como a Lua, branca!

V Pudesse-me eu prostrar, num meditado impulso,
Ó gélida mulher bizarramente estranha,
E trémulo depor os lábios no seu pulso,
Entre a macia luva e o punho de bretanha!...

VI Cintila no seu rosto a lucidez das jóias.
Ao encarar consigo, a fantasia pasma;
Pausadamente lembra o silvo das jibóias
E a marcha demorada e muda dum fantasma.

VII Metálica visão que Charles Baudelaire
Sonhou e pressentiu nos seus delírios mornos,
Permita que eu lhe adule a distinção que fere,
As curvas da magreza e o lustre dos adornos!

VIII Deslize como um astro, um astro que declina;
Tão descansada e firme é que me desvaria,
E tem a lentidão duma corveta fina
Que nobremente vá num mar de calmaria.

IX Não me imagine um doido. Eu vivo como um monge
No bosque das ficções, ó grande flor do Norte!
E, ao persegui-la, penso acompanhar de longe
O sossegado espectro angélico da Morte!

X O seu vagar oculta uma elasticidade
Que deve dar um gosto amargo e deleitoso,
E a sua glacial impassibilidade
Exalta o meu desejo e irrita o meu nervoso.

XI Porém, não arderei aos seus contactos frios,
E não me enroscará nos serpentinos braços:
Receio suportar febrões e calafrios;
Adoro no seu corpo os movimentos lassos.

XII E se alguma vez me abrisse o colo transparente,
E me osculasse, enfim, flexível e submissa,
Eu julgaria ouvir alguém, agudamente,
Nas trevas, a cortar pedaços de cortiça!

RAUL BRANDÃO

Nasceu a 12 de Março, 1867. A morte levou-o no Inverno de 1930. Os anos (entre 1916 e 1926) levaram-no a rever desastradamente a sua mais bela obra, *Húmus:* «Já os hábitos tornaram à supuração. Na botica deserta dois homens recomeçaram uma partida de gamão. [...] Estamos aqui todos à espera da morte! Estamos aqui todos à espera da morte!» veio a reciclar-se em «É preciso matar segunda vez os mortos», trocando o nihilismo de inspiração eslava pela circularidade de redil do fado atlântico.

HÚMUS e A FARSA (fragmentos)

Todo o universo se concentrou para gerar a vida, todo o universo se concentra para a destruir.

A primavera é um fenómeno eléctrico.

Na primeira tentativa da flor há fealdade e ao mesmo tempo candura; depois, da noite para o dia uma gota de tinta como uma gota de leite. Basta que à névoa se misture o sol, para entreabrir, ainda informe. Todos os seres, antes de se vestir, são abortos: têm medo de nascer belos.

---

5 de Fevereiro

O que isto custou na obscuridade do mundo caótico!... Houve decerto uma primeira primavera, mas as flores, que hoje são ternura, eram então espanto — tentativas frustradas de sonho. Os gritos da floresta primitiva, não os ouço mas estão aqui contidos. E ainda hoje a terra se perturba, porque vai assistir ao mesmo drama.

Fevereiro. Primeira noite de luar e de loucura. A primavera toca mais fundo, mais fundo ainda — esta primavera que revolve os vivos e os mortos. Todos deitam flor. Acordam na profundidade dos sepulcros, com o sonho que levaram para a cova, com todos os sonhos desfeitos em pó. Há-os que nunca se atreveram a declará-lo. Há-os que o sumiram com receio de sonhar. Há-os estonteados...

---

28 de Fevereiro

Dormi num tabuado, cingiu-me uma cadeia. Vesti-me com um saco. Todos os dias arranquei de mim próprio um farrapo e um grito. Arredei tudo para ficar só contigo no mundo. Sacrifiquei-te tudo. Fiquei nu e Deus, nu e a vida eterna. Tinha o horror da lepra, vivi com os leprosos. Calculei todas as afeições inúteis, e se uma andorinha me fizesse ninho na banca, como ao frade de Assis, torcia-lhe o pescoço. Encheste-me a vida toda.

E agora a morte não existe, Deus não existe, a vida eterna não existe. Uma luzinha e depois a escuridão!

■

A Cega habituou-se. Habituou-se à escuridão, a sofrer, a estar sozinha e calada. Apurou-se-lhe o ouvido e o tacto. Com os olhos fixos no alto, percebe que correm os dias pelo sol que lhe passa nas mãos estendidas; sente no silêncio a vida dos montes, e distingue todos os ruídos, e até a luz mais forte da luz mais fraca — o crepúsculo da madrugada. Às vezes confunde a claridade com o som, o canto da ave que ao anoitecer no salgueiro se despede da última gota de luz com o fio de água que o vento balouça e se cala, para logo tornar a cair com o mesmo gorgolejo na pedra como se lhe corresse dentro do peito. [...]

À roda o silêncio — o silêncio em que se ouve a respiração dos montes — o silêncio em que ela sente o sol

correr nas folhas — um silêncio cada vez maior e que lhe pesa como chumbo. Os próprios montes parece que suspendem a respiração e esperam... Um ruído. É o rato que passa no sobrado para ir à arca do pão ou a velha que avança na ponta dos pés?... Uma tábua estala com o fragor dum terramoto... Outra vez o silêncio, e de ouvido à escuta, os nervos todos à escuta, a Cega espera...

Tem medo de adormecer. Só há na sua vida um momento de alívio, a manhã, quando todos dormem em casa. Toda a noite espera pela primeira luz. Sente o sol muito longe, sente a claridade no ar que rareia. E toda a noite aspira pela luz. Logo que o primeiro fio entra pelo postigo e lhe corre nas mãos estendidas cai num torpor, com os olhos cerrados e tão pálida que parece morta.

Os dias passam. Outra vez a velha torna — e não ousa. A Cega sente-a, a Cega *vê-a!* Seus ouvidos apurados percebem o mais leve ruído: sobressalta-se, senta-se de estacão no catre, e logo a outra recua. Ninguém no descampado ouviria os gritos, que à velha se afiguram ir despertar todos os ecos adormecidos. A Cega adivinha. No negrume ouve cicios, palavras, rumores. Acorda de repente, surpresa, com os glóbulos brancos ansiosos.

— Ai...

E aquilo cresce, torna-se palpável, pesa-lhe sobre o peito, oprime-a — sufoca-a. Olha — e só vê treva. Nem um vislumbre. Suas órbitas rebuscam debalde na escuridão impenetrável. [...]

O ouvido afina-se-lhe até à dor. Sabe tudo o que se passa, até a vida obscura do sótão onde só moram os ratos e a doninha. Sente a aflição da fonte que diminui no Verão até chegar a uma gota. — Lá anda o vento nos montes!... — E ninguém ainda o ouviu. Distingue todas as notas musicais da chuva e as do sapo — voz prodigiosa de tristeza, voz quase humana que se queixa da fealdade na solidão da noite. Ouve o caminhar das raízes à volta dos muros e a própria luz chega a ser um som para a sua sensibilidade exasperada. [...]

Donde vem a Morte? Em que momento preciso vai desabar sobre ela? Não tem um segundo de calma — e

não pode fugir nem desatar aos berros. Apenas suspira baixinho:

— Ai!...

E os olhos — os olhos brancos que procuram e se fixam na direcção do ruído, os olhos que querem ver e que num desespero procuram ver, brancos e salientes, líquidos e inquietos, tornam-se expressivos à força de terror.

Passa assim um mês — tem os cabelos todos brancos...

■

25 de Abril

E o doirado não cessa. Doira o luar e a inépcia, doira a tragédia e o ridículo... Teçamos, teçamos todos a nossa teia... A minha prendo-a às árvores, ao céu e às coisas eternas. Todos os sonhos se põem a caminho. É uma coisa equívoca. É uma coisa desgrenhada e fétida. É o sonho lastimoso das velhas, o sonho que não chega a ser sonho, onde bóiam mortos informes, com laivos verdes, com tentáculos esbranquiçados que se prolongam no escuro. Toda a gente fala só. E o luar intolerável, o luar indiferente, derrete-se sobre as ameias, sobre a catedral, sobre os santos imóveis nos seus nichos. Dão horas, mas as horas acabaram. Coisa singular: esta gente só fala consigo mesma, em monólogos roucos, desesperados, infindáveis.

Por uma palavra fui absurdo. Por uma palavra tenho atrás de mim uma arquitectura desconforme e destroços que enchem o mundo — por uma palavra e mais nada. Tu não existias!

ANTÓNIO NOBRE

Coube-lhe a fatia amarga do bolo da vida; nunca o escondeu. «[...] movimenta-se entre o universo da frustração e da náusea e o paraíso perdido da infância», diz Natália Correia; e por essa ponte veio aos nossos anos 80. Nasceu no Porto a 16 de Agosto, 1867, e em 1900, a três dias da Primavera, morre tuberculoso.

AO CANTO DO LUME

Novembro. Só! Meu Deus, que insuportável Mundo!
Ninguém, vivalma... O que farão os mais?
Senhor! a Vida não é um rápido segundo:
Que longas estas horas! Que profundo
Spleen o destas noites imortais!

Faz tanto frio. (Só de a ver, me gela a cama...)
Que frio! Olá, Joseph! Deita mais carvão!
E quando todo se extinguir na áurea chama,
Eu deitarei (para que serve? já não ama)
Às cinzas brancas, o meu pobre coração!

Lá fora o Vento como um gato bufa e mia...
Ó pescadores, vai tão bravo o Mar!
Cautela... Orçai! Largai a escota! *Avé, Maria!*
Cheia de Graça... Horror! Mortos! E a água tão fria!...
Que triste ver os Mortos a nadar!

Spleen! Que hei-de eu fazer? Dormir, não tenho sono,
Leva-me a carne a Dor, desgasta-me o perfil.
Nada há pior que este sonâmbulo abandono!
Ó meus Castelos-em-Espanha! Ó meu Outono
De Alma! Ó meu cair-das-folhas, em Abril!

A Vida! Horror! Ó vós que estais no último alento!
Que felizes, sois prestes a partir!
Ó Morte, quero entrar no teu Recolhimento!...
Oiço bater. Quem é? Ninguém: um rato... o Vento...
Coitado! é o Georges, tísico, a tossir...

Mês de Novembro! Mês dos tísicos! Suando
Quantos a esta hora, não se estorcem a morrer!
Vê-se os Padres as mãos, contentes, esfregando...
Mês em que a cera dá mais e a botica, e quando
Os carpinteiros têm mais obra pra fazer...

Oiço um apito. O trem que se vai... Engatar-te
Quem me dera o vagão dos sonhos meus!
Lá passa, ao longe. Adeus! Quisera acompanhar-te...
— Boa viagem! Feliz de quem vai, de quem parte!
Coitado de quem fica... Adeus! adeus!

Que ilusão, viajar! Todo o Planeta é zero.
Por toda a parte é mau o Homem e bom o Céu.
— Américas! Japão! Índias; Calvário!... Quero
Mas é ir à Ilha orar sobre a cova do Antero
E a Águeda beber água do Botaréu...

Vi a Ilha loira, o Mar! Pisei terras de Espanha,
Países raros, Neves, Areais;
Cantando, ao luar, errei nas ruas da Alemanha,
Armei na França minha tenda de campanha...
E tédio, tédio, tédio e nada mais!

Que hei-de eu fazer! Calai essas canções imundas,
Cervejarias do Quartier! Rezai, rezai!
Paisagem, onde estás? Ó luar, águas profundas!
Ó choupos, à tardinha, altivos, mas corcundas,
Tal como aspirações irrealizáveis, ai!

Não me tortura mais a Dor. Sou feliz. Creio
Em Deus, numa Outra-Vida, além do Ar.
Vendi meus livros, meu Filósofo queimei-o.
Agora, trago uma medalha sobre o seio
Com a qual falo, às noites, ao deitar.

(E a chuva cai...) Meu Deus! Que insuportável Mundo!
Vivalma! (O Vento geme...) O que farão os mais?
Senhor! A Vida não é um rápido segundo:
Que longas horas estas horas! Que profundo
Spleen mortal o destas noites imortais!

CAMILO PESSANHA

Nasceu a 7 de Setembro, 1867, em Coimbra, e em Macau terminou os seus dias, entregue ao ópio, a 1 de Março de 1926. Lega-nos o tempo líquido num livro único. *Clepsydra.*

VÉNUS

I

À flor da vaga, o seu cabelo verde,
Que o torvelinho enreda e desenreda...
O cheiro a carne que nos embebeda!
Em que desvios a razão se perde!

Pútrido o ventre, azul e aglutinoso,
Que a onda, crassa, num balanço alaga,
E reflui (um olfacto que se embriaga)
Como em um sorvo, murmura de gozo.

O seu esboço, na marinha turva...
De pé flutua, levemente curva;
Ficam-lhe os pés atrás, como voando...

E as ondas lutam, como feras mugem,
A lia em que a desfazem disputando,
E arrastando-se na areia, coa salsugem

II

Singra o navio. Sob a água clara
Vê-se o fundo do mar, de areia fina...
— Impecável figura peregrina,
A distância sem fim que nos separa!

Seixinhos da mais alva porcelana,
Conchinhas tenuemente cor-de-rosa,
Na fria transparência luminosa
Repousam, fundos, sob a água plana.

E a vista sonda, reconstrui, compara.
Tantos naufrágios, perdições, destroços!
— Ó fúlgida visão, linda mentira!

Róseas unhinhas que a maré partira...
Dentinhos que o vaivém desengastara...
Conchas, pedrinhas, pedacinhos de ossos...

ÂNGELO DE LIMA

Nasceu em 1872 a 30 de Julho, no Porto. De somenos importância será a travessia dos manicómios; a magnífica doideira rói qualquer cabeça, cujos mecânicos, sabe-se, talvez por paixão, suicidam-se. O volume *Poesias Completas* (1971) testemunha as fulgurações desta passagem. Faleceu em 1921, no dia 14 de Agosto.

EU NÃO ESTOU DOUDO

Eu não estou doudo.

Tenho sido manejado como um puro manequim. Os seus meios de manejo têm sido — a mim aqui ao seu dispor abandonado por toda uma sociedade, a começar por aqueles que mais estrito dever tinham de tal não fazer — os seus meios de acção são, já a tortura, já a sugestão, já o veneno.

A tortura consiste em maus tratos aqui, sequestros, insultos, intriga por aí, etc. A sugestão consiste em alusões nas conversas, recadinhos como que involuntariamente enviados, etc.

O veneno, esse é o subministrado nas comidas que encontro por ração colocadas no meu lugar, — e consiste em venenos locais, vírus infecciosos, e micróbios, extraídos e culturados nos órgãos dos cadáveres, defuntos naturalmente, ou defuncionados por esta gente, aqui, no meio da imensa mole de carne humilde, anónima, e descurada, desta mole que faz o numerário dos hospitais. Mas também venenos d'outra origem, trazidos através d'um d'estes organismos ao seu dispor (d'um dos doentes humildes que depois defuncionam).

Por meio d'estes venenos são-me senhores do cérebro, (que legam, manejam, sobreexcitam, centro por centro, fazendo-me assim, rir, chorar, estar triste, falar, estar calado) — são me senhores do cérebro, atacando-me já

o modo de função de cada órgão, já ainda cada zona dos órgãos vários, de modo a influir n'aquela zona ou totalidade de tal ou tal pulmão, a que correspondem, e que por seu turno corresponde a tal ou tal órgão.

Longo é explicar o meu caso, minúcia por minúcia — mesmo só o poderia fazer com descanso e n'um sítio em que por um dia estivesse seguro da sua não acção, — mas aqui aonde tenho de almoçar e jantar o que me derem, eles são-me pelo processo acima senhores do organismo e perturbam-me a funcionação do cérebro, o que muito lhes convém pois sou assim confuso — e há gente superficial como aquela a quem eles com um sorriso da sua mais que abalada autoridade, fazem descrer de que se possa actuando nos centros correspondentes (sobre terem tirado todo o outro meio de desabafo e comunicação e tê-lo oprimido de modo a enfurecê-lo) fazem crer que não é possível ser motivado por manejo o bradar furioso.

De quantas moléstias me têm acusado?

Sobretudo, sempre no fundo a infecção alcoólica.

Eu respondo

A infecção alcoólica, mesmo quando incurável (e há-de aí talvez lembrar o que era dito n'uma relação oficial, feita 1 ano que não 3 meses depois (máximo tempo concedido, este de 3 meses, para definição e classificação da moléstia, definição sem a qual ninguém aqui pode ser retido — isto segundo o regulamento elaborado por um especialista eminente) — há-de aí talvez lembrar que eu era n'ela dado como curável) mesmo quando incurável isto é quando adiantada, diminui de intensidade com o tempo de abstenção de bebidas.

Eu desde que aqui estou tenho bebido apenas 3 decilitros de vinho aos jantares de 5.as e domingos — e 2 vezes que saí com o Fiscal duas ou 3 pingas de vinho —

Como aumenta pois a minha infecção?

(E cabe aqui dizer que não tem conta nem peso os esforços que eles fazem para me igualar com um alcoólico paralítico, procurando a toda a pressa paralisar-me os movimentos das pernas, o que será anormal que se dê diminuindo a causa, como seria o aumento da infecção).

Hão de me dizer também

TEIXEIRA DE PASCOAES

Nasceu e morreu em Amarante, 1877 (2 de Novembro) — 1952 (14 de Dezembro). «Ao evocar [...] a impressão característica que do Pascoaes me ficou, o que sobretudo avulta no meu painel interno é uma espécie de cenário setentrional de névoas — com florestas espectralizadas pelo palor das brumas, com horizontes esfumaçados onde um triste sol desfalece, com uivos de ventanias pelas solidões nocturnas; em suma: um Mundo que é uma Alma onde sobrevoa o Medo, torva emanação do Sombrio. O Pascoaes, por isso, é talvez o mais romântico de todos os escritores portugueses na modalidade mais nórdica que o alto romantismo assumiu, e o maximamente nocturno de todos eles.» Assim o sentiu — inequívoco — António Sérgio. *O Bailado* (1921) confirma aforisticamente todos os acordes de um Visionário.

O BAILADO (fragmentos)

O homem é a lembrança de *Alguém*. Vivemos no mundo como as lembranças na memória.

O mundo é memória... de Deus ou de Satã? Somos imagens evocadas e, por sua vez, evocadoras... Nos momentos de profunda comoção, pressentimos esse *Alguém* que nos invoca e abrasa de vida e nos prende aos ossos, à carne, às nuvens e aos rochedos...

Eu vejo-me como um sonho agitado no interior duma caveira monstruosa... E ouço a voz dos meus sonhos... Ouço-a e ponho-me a cantar... Pobre maluco! Faço rir o meu vizinho! E o meu vizinho cresce, diante dos meus olhos, como a torre de Babel... Assim a nossa linguagem se confunde e não há brutinho que a perceba!

O Universo é um cérebro infinito povoado de inúmeras imagens...

Somos imagens evocadas pelo Amor e pelo Ódio! Ígneas figuras que desaparecem num rasto imenso de estrelas... Vultos de espuma, flutuando num mar de lágrimas, com os olhos abertos para o sol... Perfis de aço puído, a reluzir, onde a luz grita rasgada de lado a lado...

Somos imagens de névoa e ferro, porque *vivemos* e *existimos.*

Vivemos como névoa e existimos como ferro. A *vida* é *existência* volatilizada... um vapor de metais elevados à temperatura do Delírio...

Mas a vida arrefece; a névoa que pairava no Infinito volta a condensar-se, e é peso bruto — pedra e ferro...

O homem é feito de água; e por isso toda a paisagem vizinha existe nele e as nuvens que passam por cima e as estrelas do céu e outras estrelas ainda. O homem é feito de água, uma pintura a água: um prodigioso esboço do Mistério, visto por dentro; por fora, um banal retrato a óleo. Banal? Sim, porque a banalidade quer dizer revelação. A banalidade é uma obra terrível dos nossos olhos... Quem espreita por eles é o Demónio, o inimigo das almas. Quem vê em nós é um demónio, e quem ouve é um anjo.

O som passa no ar como um espectro. Não tem o impudor de se mostrar, de se entregar — esse impudor que pertence às formas reais, materiais, vulgares, desfrutadas por todos os demónios...

O som é casto, não despe a sua túnica de névoa e só os anjos o contemplam.

Alegro-me de ser, porque amo e sofro; espero e desespero, choro e rio; cantando, elevo-me às estrelas e há silêncios que se abrem em mim, tão profundos como a noite! Entontecido, precipito-me nesse abismo! E ressurjo depois, entre os cantos da Aleluia...

Sim, há horas em que a vida nos esmaga e esfarrapa!

Somos como um papel escrito nas mãos insatisfeitas dum poeta, esse animal raivoso. Voamos aos quatro ventos!

Mas aí vem a Primavera e regressamos na sua companhia... Tudo, em nós, é perfume, luz, candura, enlevo, nova infância...

O homem nasce e morre várias vezes, desde que sai do berço até que entra no túmulo.

Viver é nascer e morrer, a toda a hora.

O homem não vive: nasce e morre.

Viver vivem as árvores... e certas criaturas que eu conheço, profundamente vegetais — só raiz entranhada no estrume!

E vive a donzela, que é uma flor...

Mas um homem, apanhado na rede viva dos seus nervos, debate-se, estrebucha, sufoca! É um peixe monstruoso fora da água, deslumbrado e agonizante! Consegue entrever um novo mundo para que os seus olhos não foram feitos... Pobre dele! Morre, saindo fora da água, contemplando a luz, e revive quando se escapa do laço traiçoeiro e volta a mergulhar na fundura.

FERNANDO PESSOA

Entre 13 de Junho de 1888 e 30 de Novembro de 1935 Lisboa manteve-se alheia ao seu insuperável poder da ubiquidade; a morte fez dele pasto de abutres. 1915 — o primeiro volume de *Orpheu* indicia já, pela irritação de pituitária da Imprensa vigente, o país de comadres que tão bem conhecemos. Seguiram-se quatro lustros de celibato. Como astrólogo foi um desastre.

OPIÁRIO

É antes do ópio que a minh'alma é doente.
Sentir a vida convalesce e estiola
E eu vou buscar ao ópio que consola
Um Oriente ao oriente do Oriente.

Esta vida de bordo há-de matar-me.
São dias só de febre na cabeça
E, por mais que procure até que adoeça,
Já não encontro a mola pra adaptar-me.

Em paradoxo e incompetência astral
Eu vivo a vincos d'ouro a minha vida,
Onda onde o pundonor é uma descida
E os próprios gozos gânglios do meu mal.

É por um mecanismo de desastres,
Uma engrenagem com volantes falsos,
Que passo entre visões de cadafalsos
Num jardim onde há flores no ar, sem hastes.

Vou cambaleando através do lavor
Duma vida-interior de renda e laca.
Tenho a impressão de ter em casa a faca
Com que foi degolado o Precursor.

Ando expiando um crime numa mala,
Que um avô meu cometeu por requinte.
Tenho os nervos na forca, vinte a vinte,
E caí no ópio como numa vala.

Ao toque adormecido da morfina
Perco-me em transparências latejantes
E numa noite cheia de brilhantes
Ergue-se a lua como a minha Sina.

Eu, que fui sempre um mau estudante, agora
Não faço mais que ver o navio ir
Pelo canal de Suez a conduzir
A minha vida, cânfora na aurora.

Perdi os dias que já aproveitara.
Trabalhei para ter só o cansaço
Que é hoje em mim uma espécie de braço
Que ao meu pescoço me sufoca e ampara.

E fui criança como toda a gente.
Nasci numa província portuguesa
E tenho conhecido gente inglesa
Que diz que eu sei inglês perfeitamente.

Gostava de ter poemas e novelas
Publicados por Plon e no *Mercure*,
Mas é impossível que esta vida dure.
Se nesta viagem nem houve procelas!

A vida a bordo é uma coisa triste
Embora a gente se divirta às vezes.
[illegible] com alemães, suecos e ingleses
E a minha mágoa de viver persiste.

Eu acho que não vale a pena ter
Ido ao Oriente e visto a Índia e a China.
A terra é semelhante e pequenina
E há só uma maneira de viver.

Por isso eu tomo ópio. É um remédio.
Sou um convalescente do Momento.
Moro no rés-do-chão do pensamento
E ver passar a Vida faz-me tédio.

Fumo. Canso. Ah uma terra aonde, enfim,
Muito a leste não fosse o oeste já!
Pra que fui visitar a Índia que há
Se não há Índia senão a alma em mim?

Sou desgraçado por meu morgadio.
Os ciganos roubaram minha Sorte.
Talvez nem mesmo encontre ao pé da morte
Um lugar que me abrigue do meu frio.

Eu fingi que estudei engenharia.
Vivi na Escócia. Visitei a Irlanda.
Meu coração é uma avozinha que anda
Pedindo esmola às portas da Alegria.

Não chegues a Port-Said, navio de ferro!
Volta à direita, nem eu sei para onde.
Passo os dias no smoking-room com o conde —
Um escroc francês, conde de fim de enterro.

Volto à Europa descontente, e em sortes
De vir a ser um poeta sonambólico.
Eu sou monárquico mas não católico
E gostava de ser as coisas fortes.

Gostava de ter crenças e dinheiro,
Ser vária gente insípida que vi.
Hoje, afinal, não sou senão, aqui,
Num navio qualquer um passageiro.

Não tenho personalidade alguma.
É mais notado que eu esse criado
De bordo que tem um belo modo alçado
De *laird* escocês há dias em jejum.

Não posso estar em parte alguma. A minha
Pátria é onde não estou. Sou doente e fraco.
O comissário de bordo é velhaco.
Viu-me co'a sueca... e o resto ele adivinha.

Um dia faço escândalo cá a bordo,
Só para dar que falar de mim aos mais,
Não posso com a vida, e acho fatais
As iras com que às vezes me debordo.

Levo o dia a fumar, a beber coisas,
Drogas americanas que entontecem,
E eu já tão bêbado sem nada! Dessem
Melhor cérebro aos meus nervos como rosas.

Escrevo estas linhas. Parece impossível
Que mesmo ao ter talento eu mal o sinta!
O facto é que esta vida é uma quinta
Onde se aborrece uma alma sensível.

Os ingleses são feitos pra existir.
Não há gente como esta pra estar feita
Com a Tranquilidade. A gente deita
Um vintém e sai um deles a sorrir.

Pertenço a um género de portugueses
Que depois de estar a Índia descoberta
Ficaram sem trabalho. A morte é certa.
Tenho pensado nisto muitas vezes.

Leve o diabo a vida e a gente tê-la!
Nem leio o livro à minha cebeceira.
Enoja-me o Oriente. É uma esteira
Que a gente enrola e deixa de ser bela.

Caio no ópio por força. Lá querer
Que eu leve a limpo uma vida destas
Não se pode exigir. Almas honestas
Com horas pra dormir e pra comer,

Que um raio as parta! E isto afinal é inveja.
Porque estes nervos são a minha morte.
Não haver um navio que me transporte
Para onde eu nada queira que o não veja!

Ora! Eu cansava-me do mesmo modo.
Qu'ria outro ópio mais forte pra ir de ali
Para sonhos que dessem cabo de mim
E pregassem comigo nalgum lodo.

Febre! Se isto que tenho não é febre,
Não sei como é que se tem febre e sente.
O facto essencial é que estou doente.
Está corrida, amigos, esta lebre.

Veio a noite. Tocou já a primeira
Corneta, pra vestir para o jantar.
Vida social por cima! Isso! E marchar
Até que a gente saia pla coleira!

Porque isto acaba mal e há-de haver
(Olá!) sangue e um revólver lá pró fim
Deste desassossego que há em mim
E não há forma de se resolver.

E quem me olhar, há-de-me achar banal,
A mim e à minha vida... Ora! um rapaz...
O meu próprio monóculo me faz
Pertencer a um tipo universal.

Ah quanta alma haverá, que ande metida
Assim como eu na Linha, e como eu mística!
Quantos sob a casaca característica
Não terão como eu o horror à vida?

Se ao menos eu por fora fosse tão
Interessante como sou por dentro!
Vou no Maelstrom, cada vez mais pró centro.
Não fazer nada é a minha perdição.

Um inútil. Mas é tão justo sê-lo!
Pudesse a gente desprezar os outros
E, ainda que co'os cotovelos rotos,
Ser herói, doido, amaldiçoado ou belo!

Tenho vontade de levar as mãos
À boca e morder nelas fundo e a mal.
Era uma ocupação original
E distraía os outros, os tais sãos.

O absurdo como uma flor da tal Índia
Que não vim encontrar na Índia, nasce
No meu cérebro farto de cansar-se.
A minha vida mude-a Deus ou finde-a...

Deixe-me estar aqui, nesta cadeira,
Até virem meter-me no caixão.
Nasci pra mandarim de condição,
Mas faltam-me o sossego, o chá e a esteira.

Ah que bom que era ir daqui de caída
Prá cova por um alçapão de estouro!
A vida sabe-me a tabaco louro.
Nunca fiz mais do que fumar a vida.

E afinal o que quero é fé, é calma,
E não ter estas sensações confusas.
Deus que acabe com isto! Abra as eclusas—
E basta de comédias na minh'alma!

1914, Março.
No Canal de Suez, a bordo.

MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

Nasceu a 19 de Maio, 1890, em Lisboa, e a 26 de Abril de 1916 saiu de mão dada com Antero a uma festa sem regresso. Dele herdámos *Indícios de Oiro* e *Dispersão*, um raro Poder auto-destrutivo e o charme de polir as unhas em plena arena literária.

SETE CANÇÕES DE DECLÍNIO

1 Um vago tom de opala debelou
Prolixos funerais de luto de Astro —
E pelo espaço, a Oiro se enfolou
O estandarte real — livre, sem mastro.

Fantástica bandeira sem suporte,
Incerta, nevoenta, recamada —
A desdobrar-se como a minha Sorte
Predita por ciganos numa estrada...

2 Atapetemos a vida
Contra nós e contra o mundo.
— Desçamos panos de fundo
A cada hora vivida!

Desfiles, danças — embora
Mal sejam uma ilusão...
Cenários de mutação
Pela minha vida fora!

Quero ser Eu plenamente:
Eu, o possesso do Pasmo.
— Todo o meu entusiasmo,
Ah! que seja o meu Oriente!

O grande doido, o varrido,
O perdulário do Instante —
O amante sem amante,
Ora amado ora traído...

Lançar os barcos ao Mar —
De névoa, em rumo de incerto...
— Pra mim o longe é mais perto
Do que o presente lugar.

...E as minhas unhas polidas —
Ideia de olhos pintados...
Meus sentidos maquilhados
A tintas desconhecidas...

Mistério duma incerteza
Que nunca se há-de fixar...
Sonhador em frente ao mar
Duma olvidada riqueza...

— Num programa de teatro
Suceda-se a minha vida —
Escada de Oiro descida
Aos pinotes, quatro a quatro!...

3 — Embora num funeral
Desfraldemos as bandeiras:
Só as Cores são verdadeiras —
Siga sempre o festival!

Quermesse — eia! — e ruído!
Louça quebrada! Tropel!
(Defronte do carroussel,
Eu, em ternura esquecido...).

Fitas de cor, vozearia —
Os automóveis repletos:
Seus chauffeurs — os meus afectos
Com librés de fantasia!

Ser bom... Gostaria tanto
De o ser... Mas como? Afinal
Só se me fizesse mal
Eu fruiria esse encanto.

— Afectos?... Divagações...
Amigo dos meus amigos...
Amizades são castigos,
Não me embaraço em prisões!

Fiz deles os meus criados,
Com muita pena — decerto.
Mas quero o Salão aberto,
E os meus braços repousados.

4 As grandes Horas! — vivê-las
A preço mesmo dum crime!
Só a beleza redime —
Sacrifícios são novelas.

«Ganhar o pão do seu dia
Com o suor do seu rosto...»
— Mas não há maior desgosto
Nem há maior vilania!

E quem for Grande não venha
Dizer-me que passa fome:
Nada há que se não dome
Quando a Estrela for tamanha!

Nem receios nem temores,
Mesmo que sofra por nós
Quem nos faz bem. Esses dós
Impeçam os inferiores.

Os Grandes, partam — dominem
Sua sorte em suas mãos:
— Toldados, inúteis, vãos,
Que o seu Destino imaginem!

Nada nos pode deter;
O nosso caminho é de Astro!
Luto — embora! — o nosso rastro,
Se pra nós Oiro há-de ser!...

5 Vaga lenda facetada
A imprevisto e miragens —
Um grande livro de imagens,
Uma toalha bordada...

Um baile russo a mil cores,
Um Domingo de Paris —
Cofre de Imperatriz
Roubado por malfeitores...

Antiga quinta deserta
Em que os donos faleceram —
Porta de cristal aberta
Sobre sonhos que esqueceram...

Um lago à luz do luar
Com um barquinho de corda...
Saudade que não recorda —
Bola de ténis no ar...

Um leque que se rasgou —
Anel perdido no parque —
Lenço que acenou no embarque
De Aquela que não voltou...

Praia de banhos do sul
Com meninos a brincar
Descalços, à beira-mar,
Em tardes de céu azul...

Viagem circulatória
Num expresso de vagãos-leitos —
Balão aceso — defeitos
De instalação provisória...

Palace cosmopolita
De rastaqouères e cocottes —
Audaciosos decotes
Duma francesa bonita...

Confusão de music-hall,
Aplausos e brou-u-ha —
Interminável sofá
Dum estofo profundo e mole...

Pinturas a «ripolin»,
Anúncios pelos telhados —
O barulho dos teclados
Das Linotype do *Matin*...

Manchette de sensação
Transmitida a todo o mundo —
Famoso artigo de fundo
Que acende uma revolução...

Um sobrescrito lacrado
Que transviou no correio,
E nos chega sujo — cheio
De carimbos, lado a lado...

Nobre ponte citadina
De intranquila capital —
A humidade outonal
De uma manhã de neblina...

Uma bebida gelada —
Presentes todos os dias...
Champanhe em taças esguias
Ou água ao sol entornada...

Uma gaveta secreta
Com segredos de adultérios...
Porta falsa de mistérios —
Toda uma estante repleta:

Seja enfim a minha vida
Tarada de ócios e Lua:
Vida de Café e rua,
Dolorosa, suspendida —

Ah! mas de enlevo tão grande
Que outra nem sonho ou prevejo...
— A eterna mágoa dum beijo,
Essa mesma, ela me expande...

6 Um frenesi hialino arrepiou
Pra sempre a minha carne e a minha vida,
Fui um barco de vela que parou
Em súbita baía adormecida...

Baía embandeirada de miragem,
Dormente de ópio, de cristal e anil,
Na ideia de um país de gaze e Abril,
Em duvidosa e tremulante imagem...

Parou ali a barca — e, ou fosse encanto,
Ou preguiça, ou delírio, ou esquecimento,
Não mais aparelhou... — ou fosse o vento
Propício que faltasse: ágil e santo...

...Frente ao porto esboçara-se a cidade,
Descendo enlanguescida e preciosa:
As cúpulas de sombra cor-de-rosa,
As torres de platina e de saudade.

Avenidas de seda deslizando,
Praças de honra libertas sobre o mar —
Jardins onde as flores fossem luar;
Lagos — carícias de âmbar flutuando...

Os palácios a rendas e escumalha,
De filigrana e cinza as catedrais —
Sobre a cidade a luz — esquiva poalha
Tingindo-se através longos vitrais...

Vitrais de sonho a debruá-la em volta,
A isolá-la em lenda marchetada:
Uma Veneza de capricho — solta,
Instável, dúbia, pressentida, alada..

Exílio branco — a sua atmosfera,
Murmúrio de aplausos — seu brou-u-ha...
E na Praça mais larga, em frágil cera,
Eu — a estátua «que nunca tombará»...

7 Meu alvoroço de oiro e lua
Tinha por fim que transbordar...
— Caiu-me a Alma ao meio da rua,
E não a posso ir apanhar!

■

CARANGUEJOLA

Ah, que me metam entre cobertores,
E não me façam mais nada!...
Que a porta do meu quarto fique para sempre fechada,
Que não se abra mesmo para ti se tu lá fores!

Lã vermelha, leito fofo. Tudo bem calafetado...
Nenhum livro, nenhum livro à cabeceira...
Façam apenas com que eu tenha sempre a meu lado
Bolos de ovos e uma garrafa de Madeira.

Não, não estou para mais; não quero mesmo brinquedos.
Pra quê? Até se mos dessem não saberia brincar...
Que querem fazer de mim com estes enleios e medos?
Não fui feito pra festas. Larguem-me! Deixem-me sosse-
[gar!...

Noite sempre plo meu quarto. As cortinas corridas,
E eu aninhado a dormir, bem quentinho — que amor!...
Sim: ficar sempre na cama, nunca mexer, criar bolor —
Plo menos era o sossego completo... História! Era a
[melhor das vidas...

Se me doem os pés e não sei andar direito,
Pra que hei-de teimar em ir para as salas, de Lord?
Vamos, que a minha vida por uma vez se acorde
Com o meu corpo, e se resigne a não ter jeito...

De que me vale sair, se me constipo logo?
E quem posso eu esperar, com a minha delicadeza?...
Deixa-te de ilusões, Mário! Bom édredon, bom fogo —
E não penses no resto. É já bastante, com franqueza...

Desistamos. A nenhuma parte a minha ânsia me levará.
Pra que hei-de então andar aos tombos, numa inútil cor-
[reria?
Tenham dó de mim. Co'a breca! levem-me prà enfer-
[maria! —
Isto é, pra um quarto particular que o meu Pai pagará.

Justo. Um quarto de hospital, higiénico, todo branco,
[moderno e tranquilo;
Em Paris, é preferível, por causa da legenda...
De aqui a vinte anos a minha literatura talvez se entenda;
E depois estar maluquinho em Paris fica bem, tem certo
[estilo...

Quanto a ti, meu amor, podes vir às quintas-feiras,
Se quiseres ser gentil, perguntar como eu estou.
Agora no meu quarto é que tu não entras, mesmo com
[as melhores maneiras...
Nada a fazer, minha rica. O menino dorme. Tudo o mais
[acabou.

JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS

Excessiva de rica, a herança que nos entregou: poesia, pintura, prosa, teatro... Assinalamos *Ver* (com publicação tardia em 1982) por tratar-se de uma síntese invulgarmente feliz do quanto deverá preocupar a modernidade futura. Almada: nascido em São Tomé a 7 de Abril, 1893, morreu em Lisboa em 1970.

DIDATICON

Primeiro o um, depois o dois, o três «despues», e até ao fim, todo o latim, tu não mudarás. Tu não mudarás o que ficou no zero.

Tu não mudarás nem o ar. Todo o grego. Nem o ar.

Nasceste mudado. É tua a mudança. Entre zero e zero inventaram em ti o tempo para o matares. Condenado és à cronologia: só mudas em nascer e morrer de zero a zero, a série completa dos números.

Nem o ar. Nem tu. Só mudarás o que te segue. O que vier depois de ti.

E o ar não mudas senão de novas ondas. Todo o Oriente. Todo o Ocidente. Toda a Antiguidade. Toda a Modernidade. Nem o ar. Não mudarás.

Farás mudar. Terás a ocasião. A meta é o justo.

O ar recebe a tua mímica em testamento. É o elemento três. Do um ou do dois vieste para o ar. Do um e do dois se és pontual. Do um ou do dois se atrasado. Nasceste na água ou na terra agora, ou em ambas antigamente.

O ar afoga-te se o não desafogas. Não caias em mímica autómata. Faz o que não farás, mas que se fará porque o deixas feito para que se faça. A tua mímica seja como se o fizesses: outro t'a receberá. Este outro és tu depois. Nós vamos juntos uns antes dos outros.

Não te deixes falar sozinho: o ar não te receberá. A mímica do que vives e não a do que existes. Senão não

farás mudar. Ficarás encalhado na terra ou na água. Louco. Antes do três que é primeiro depois do um e do dois.

Por nada deste mundo sofras a existência: deixa-te viver. Que o ar te sirva. Para que faças mudar. Para que o ar mude com o que fizeste fazer.

Tu não serás nunca o teu próprio advento. Por conseguinte não percas tempo: vive — deixa tudo pronto para que o teu advento se faça.

A mímica é silêncio, gesto que o ar recolhe e não recocheta como o som e a luz. Guarda. Fica no ar. Recolhe-o quem? Um de cada vez e todos no fim. Faz que se faça. Silêncio. A mímica do silêncio.

O gesto da existência, apaga-o. Envenena-te o ar. O ar é o puro alimento. A vida tem a inabilidade fatal para a existência. Escolhe: a vida ou a existência. Funcionário da existência ou advento da vida.

Faz que se faça. Prevê-lhe a mímica. Três é a conta que Deus fez. Três vezes três são os nove números, e o perfeito é a década. Não ponhas espírito no Justo, que é o cinco e apenas quando for a ocasião, o sete, antes do justo. E farás que se faça.

Somos a maioria: o ar. Mais que a terra, mais que a água. Sem chefe homem, somos comandados por Chefe. Todos especializados em Vida.

O signo do Desprezo é da existência. Passa-se-lhe de lado. Para viver é necessário deixar viver: como se não acontecesse a existência.

A vida conhece o débil e o robusto e não conhece o fraco e o forte. Estes são da existência, do signo do Desprezo. A fortuna do débil e a fortuna do robusto são duas no ar e ambas nossas. Amemos o que não veremos duas vezes: a fortuna de que cada um é portador de nascença.

Fazer que se faça é cumprir o instinto mais forte do do homem: o da continuidade. O advento da vida está encadeado na maioria do ar.

Os da existência nada farão que se faça depois. Terão de fazê-lo eles, e uma vez feito, que fica por fazer na sua continuidade? Deixemos-lhes, a elès, a heresia da acção,

essa incontinência de paranóicos que inventaram o tempo e a história para escamotearem a Vida.

A acção não cabe senão na única continuidade digna: a de todos. A intrusão da história no tempo é só empatar com lições passadas o que o presente traz sempre perfeitamente sabido. Não há senão presente, sempre. Para a vida. Todo o homem é portador pela sua antecedência e sociedade de um conhecimento bastante para a sua presença. E a continuidade estaria desta maneira cumprida por um eterno presente. Mas atiram-lhe à cara com a existência. E de tal modo que a existência fica-lhe a cavalo na vida.

Este falcatruar dos valores existência e vida, é-nos suministrado com o título de progresso histórico, pura abstracção que nada ensina senão que os povos de cada vez se comunicam menos e apenas pela guerra, visto que deixaram de ser naturais e até possíveis os grandes êxodos de continente para continente, dando lugar a uma xenofobia mundial que arruína as nacionalidades com a utopia de se criarem estados invulneráveis pela força, pela indústria e pela ciência, planos exclusivamente existenciais.

ANTÓNIO BOTTO

Nasceu em Concavada (Abrantes) em 1897, a 17 de Agosto. No Brasil morre em 1959, Março 17, compulsivamente afastado do funcionamento do Regime. Entre as curiosidades que dele restaram, contam-se 47 cartas que na edição de 1956 das *Canções* vêm coligidas sob o título *Cartas Que Me Foram Devolvidas*. Daí extraímos os seguintes indícios de amargura: «Os cretinos, os falhados, os falsos inovadores, sabem quanto a minha obra os serviu nas suas audaciosas pretensões.» E de Federico Garcia Lorca, citado na portada da mesma edição: «Se a inveja dos inúteis, dos mesquinhos não o larga, Ele [A.B.] não dá importância. Traz nas lindas mãos uma estrela imponderável, aonde o insulto do irracional jamais consegue empanar ou diminuir o brilho da sua intensidade impressionante.»

Noite de estrelas.

Ao longo do cais
Um vulto viril de marinheiro
Tange à guitarra uma saudade quente;
E a doca,
Cheia de barcos, mastros, e rumores,
Atrai o meu mais íntimo sentir
Preso à maré altíssima e soturna
De proibidos amores.

Além —
No tombadilho da proa
Daquele barco amarrado
A outros de igual tamanho,
Uma velha meretriz
Abraça um moço de boina
Enquanto outros a apalpam

Nos peitos e nos quadris
Transtornados pelo cio
Que os envolve retesados
Desejando aquela carne
Marcada pelo infortúnio...

Cheira a sífilis e a morno.

Há risadas, luta: — uma lanterna
Atada ao braço de um leme
Dá uma luzinha débil, morrinhenta...

«Larga a mulher, ó meu corno!
A gaja só é minha!» —
Oiço dizer. Um harmónio
Soluça uma valsa
Monótona, desigual,
E encanastrada num motivo
Dolente da beira-mar.

Límpido, claro, mais alto, anda o silêncio do luar.

Embebedo-me na luz.

Um rapaz afadistado,
Sujo, descalço, vigoroso
— Uns vinte anos, se os tivesse! —
Procura no meu olhar
Talvez o instinto do pecado
E pára um pouco ao pé de mim:
— Uma centelha de vício
Desbravado em lupanares
Que a sensualidade improvisa
Num portal ou no recanto
De uma rua solitária,
Fulge e amortece molhado
No mistério dos seus olhos
De um negro azul concentrado.

Põe-se a fazer um cigarro.
Pede-me lume; e, então, vejo

No seu todo o indício fundo
De andar vendido e dominado
Ao contacto vilíssimo de um beijo...

— «Não quer vir dar um passeio?»
E a sua voz abafada
Numa intenção descoberta,
Levou-me com ele...

Deixei de ouvir os rumores
Da tripulação ansiosa...
E arrastado —
Por esse desconhecido tripulante do meu sonho,
Vou pensando no motivo desta canção verdadeira...

Ladra um cão —
Junto à guarita de um guarda.

Marchamos silenciosos.
— Ele um pouco à dianteira...

Atravesso uma viela onde canta um chafariz.

Chegámos à hospedaria.

O homem que eu acompanho é belo, tudo mo diz!

Mas num sorriso de quem viu a realidade
E quer fugir-lhe ou morrer,
A medo, atiro estas palavras:
— Já é tarde, meu amigo;
Ficará para outro dia
Ou outra noite qualquer.

Acabo, aos beijos, num quarto,
Sobre uma espécie de mulher.

VITORINO NEMÉSIO

Nasceu em 1901 na Terceira, morreu em Lisboa em 1978. Aquilo que dele até o público culto lembra resume-se à caricatura com que sempre a Tv maquilha quantos ali vão. *Limite de Idade* (1972) representa um tour de force na lírica portuguesa.

CANADÁ - FLIGHT, LISBOA / SANTA MARIA

Já voamos na rota do alumínio,
Com ar de bomba, iões de rampa, poços de ar.
Na fuga de desejos das senhoras
Há uma grande ternura de acepipes,
Panos de plástico, o medo à Morte na algibeira
E o ar altimétrico, o eterno ar.
O ozone é longe, vertical, escudo a raios:
Oh, redução de tudo a poucos elementos!
Levo hélio nos leves pensamentos
E plutónio pesado na consciência.
Tão bom, voar a fio de morte na Energia,
Lendo Simone Weil cheia de Peso e Graça!
Meus pecados contidos, se explodissem,
Fariam bem pior que eu morto a voo.
Velocidade, qual? De sedimentação?
900 km à hora e ao ar é pouco,
E mesmo assim o trem de pouso encurta já.
Ai, o burro *Junot* da minha infância,
Como era mais ligeiro na inocência,
Tão aerodinâmico na humildade!
Já desço à ilha que me chama às lamas quentes,
Metano e amónia que me arquitectaram.
Mais baixo fica a cucumária dos abismos,
A estrela-do-mar, que faz de cada raio um filho,
Os mil olhos e a umbela pulsátil da medusa,
Pais do meu coração de vagabundo,

Testemunhas do mar que me deu plâncton.
Meus amores flutuantes eram as rosas-dos-ventos,
Eu fui tu-cá tu-lá com sargaços e cúmulos,
Tratei aves, pintou-me a moreia malhada,
Um goraz na mão lesa do Lestinho
Deu-me fósforo aos versos
E o anel de hemoglobina a um amor taquicárdico.
Agora voo mais que o peixe aéreo,
Plano mais que a gaivota flutuante:
Mas sempre a cálculo, a reactor, na combustão da pena,
Revelado com Deus, lido em Job e Niels Bohr,
Ondulado na luz cogitada e fotónica,
Muito pouco fiel aos mendigos de côdea
Que só apertam o cinto ao descolar da fome,
Que não viram os Andes na Falperra
Nem tocaram o Rio a pés de feltro no Galeão:
Quando muito, uma estrela ou um papagaio
Levantaram seu olhar ingénuo a fio de grude
(Olhar de pobres): — Olha! Ena! Que guita!
A lágrima é ramela
Na cara de quem só tem a pista calculada
No voo de pés juntos para a vala comum.

Mas suspendo. Aterramos sossegados,
Chega a hora do cinto na barriga:
Oprime o pensamento, aperta a esperança.
Desatá-lo ao remorso significa
Parar, pedir ao chão outra vez planta
E juízo comum, modéstia. Oh, nuvens
Furadas para baixo, à busca de destino,
Já vistas para cima em chuva como outrora
Quando a chama a petróleo era o farol de todos,
A luz do pão por Deus e o sinal do silêncio
Na comunhão dos pobres sem aviões.

Meus ouvidos registam a pressão
Da descida ao traído coração.

■

ULTRA-VIOLETA

Sonho muito.
Tiro pedaços de sangue à noite, pretérito do dia
(Eu é que fico pretérito — preterido: — a noite irá).
Esclareço assim pequenas confusões adiantadas no senso,
Na cinza científica (azoto, silício, etc.),
No preconceito serial caligrafado a néon.
Escrevo torto/morto
E de repente tenho boa letra, vivo e não rimo:
Fugiu do meu sangue o ritmo do tambor auricular,
E, à sístole que fecha, a diástole abre e levanta
A Catedral do Homo Sapiens que abençoa sem mitra
[os ignorantes,
O Poeta de sangue, dador de sangue,
Cheio de picadas e rosas como uma pulga e um lençol,
Uma roseira brava ou um avental de menina,
Seja Rosa de Lima ou vá pela mão do Sr. Rosa.

Sangro muito.
Forço a protecção do epitélio
Destruindo o equilíbrio aos glóbulos sem núcleo,
Meras esferas admiráveis, rubras,
Levemente gordurosas,
Pã, pã, reflectindo o silêncio interior nas almofadas
E tingindo as estradas da pintura sagrada do acidente
(Cruz ao morto!).

Sangro muito.
Avermelho o branco deslumbrante até ao infra
E deliro ainda mais sobre o violeta, que queima:
Por isso há quem me chame o Pelicano esvaído,
Mas eu, o pai dos Nomes, chamo-me só Poeta.

■

QUÍMICA OCEÂNICA

Sinto-me e sento-me vestido de vozes, povoado
Numa túnica ardente de sentido a apagar-se.
Então meu sopro silabado torna o Dito alteroso,
Salvando as veras formas ao que declaro e aclamo.
Feito de altas vogais, como o mar de cloretos e medusas,
De consoantes ligadas nos abismos salgados do sangue,
De tudo falo em maré cheia, — vazo no vagar das
[pedrinhas
Com turpitudes a lavar na confidência
Dos grandes pensamentos que Deus dá.
Mas sempre com a túnica em fogo,
Sempre com a sensação de que sou isso mesmo,
Os sons, os gritos, os *pp* e os *bb*, partículas
Num mar de sangue e significação aflita,
Mar mesmo! e, assim sonoro e molhado, teimosamente
[alfabético.

S. O. S.? — Pois socorro, antena ao longe.
Só *S*? — Oceânico enxofre de sofrimento e peixes.
C? — Carbono, ou Charles náufrago que ainda teve tempo
[de mandar uma garrafa a...
...*K* — Kate, mas também potássio, que o há no mar para
[nos lavar de tudo.
Br — de bromo, calmante como uma manhã nas Ilhas
Levantada do mar para a nossa alma,
Sossegada comigo no silêncio,
Liberto enfim por ela do clamor ardente das palavras.

Mas volta... A túnica verbal de fogo torna e arde,
Os sinais alfabéticos refazem-se no mar e em mim:
Falta mais agonia, gargalhada, dicazes
Declarações supérfluas como rolhas nas ondas
De garrafas vazias noutras margens.
A poesia, então, volta a picar seus signos:
Muito *Cl, Na,* — acaso amores a bordo? Clara? Natália?

Talvez... Mas sobretudo cloro e sódio, água salgada.
Sr B — Sr. Botelho? um velho lobo morto
No pouco estrôncio e bário que o mar tem.
Até que, com 1,27 de *Mg* pan-pelágico,
É ele, sou eu o afogado azul que o verbo arroja,
Para sempre entre os sons equívoco, indecifrável.

■

PRAIA E PINHO

Um leão numa rosa de cretone,
Eis o Anjo que tenho pra saudar
Na pobre ratoeira de areia na mão vã do hominídeo,
Um penso de anémona na ferida flor de cianose,
Nossa angústia habituada — portuguêsmente vil-tristeza,
Nosso cansaço clássico, vitaminado a C.
Que maçada e que sono!
Lembrar-se a unha do pé que isto foi roxo e virgem
No pinho de Isabel, aragonesa breve
Que o marido plantou e enganou logo!
Uma corda de agulhas pendia ao pescoço da Rainha,
Burrinhos e ginetes despontavam raros do atalho:
Lá para dentro, mais tarde, num lenço de Alcobaça, Inês
[chorava:
Cismaram aqui os olhos grandes e doloridos de Mouzinho,
Sua alta audácia ao longe, flor de pólvora e teima,
Leve margarida de fogo inocente nas ventas de um cavalo
Que se está marimbando para Victoria Queen,
No arção bem suado o Cavaleiro das Mãos Limpas.
Tudo isto na praia ocidental de agosto e bruma!
Um palpite de tédio excita as motoretas que peidam,
As barrigas ingénuas de tristes pais mal pagos,
O golfinho de nylon que guarda o cuzinho conjugal:
Tudo isto na careta do leão de cretone do meu quarto,
Enevoado lá fora, preocupado cá dentro, ainda mais
[dentro metabólico,
Veraneando a taxímetro na saudade de ilhas pelágicas,

Com a coroa asterídea dos meus oito netos na cabeça
E — sobre tudo isto — velho e tolo pela esperança:
Que não é sensato esperar do nada alguma coisa
Mas só de morte fiar puro perdão de Deus,
Entre pinhas reais e Afonso LV, Dinis II,
Com um búzio e uma vieira — *or piango or canto* — muito
[fina,
Por conta de Camões e um pouco de Petrarca,
Devendo aliás chorar muito mais do que canto
E calar a buzina!

MANUEL DE LIMA

Nasceu em Lisboa (1918) e, de regresso da Venezuela onde vivia, em Lisboa veio cair na armadilha de um acidente vascular cerebral, às primeiras horas de sábado, 30 de Outubro, 1976. Como crítico de música erudita, destilou o vitríolo que habita o ventre do homem. A sua obra de ficcionista e dramaturgo encontra-se disponível em 4 volumes, e mostra a finura de um espírito que teve como inimigos dilectos a estupidez (filha legítima do país dos primos) e o Estado Novo — ou vice-versa. A parábola desse testemunho abjecto fica maestramente orquestrada no vaudeville *A Pata do Pássaro Desenhou Uma Nova Paisagem,* mas é em *Malaquias ou a História de Um Homem Barbaramente Agredido* (1953) que somos tocados pelo zénite do seu talento.

MALAQUIAS OU A HISTÓRIA DE UM HOMEM BARBARAMENTE AGREDIDO (fragmento)

[...] a tendência de Malaquias era para cair num marasmo de dúvidas e de certezas. Teria perdido a memória? Estava a sua razão de tal modo abalada a ponto de confundir as conversas? Podia ter sido atacado por uma afectação cerebral que lhe transtornasse a memória. Seria um caso de amnésia? Ou durante a conversa teria adormecido por instantes? Com um simples escabecear, arrojados ases do volante têm perdido a vida, às centenas.

A verdade é que ultimamente surpreendera-se a falar só consigo próprio e, durante os monólogos, dizia palavras cujo sentido não compreendia. Chegou mesmo a ter de consultar os melhores dicionários. Outras vezes não compreendia o sentido verdadeiro de frases inteiras. Viu-se obrigado a reatar os estudos de filosofia para atingir o grau de cultura que os seus monólogos revestiam. Se não

fosse ter de se interpretar a si mesmo já teria posto de parte todos os estudos. Quando ajeitava a gravata, em frente do espelho, conversava largo tempo com a imagem reflectida. Ainda não chegara a uma conclusão certa através das conversas mas havia lá qualquer mistério prestes a desvendar-se que o atraía na força de um vício. Até então apenas descobrira que só por acaso se parecia com o seu retrato reflectido no espelho. Por vezes achava-se com mau parecer — em relação a quem?

Deitava a língua de fora e calculava que não devia estar bem de saúde. Mas bem pior do que tudo isso é que no quarto deserto ele e a sua imagem tomavam a importância de duas pessoas distintas embora só uma fosse verdadeira. A grande dúvida estava em não compreender se na sua presença tinha a imagem de um amigo ou se, pelo contrário, se desenhava lá o pior inimigo que cada um pode ter na sua frente. E até que ponto devemos respeitar tudo quanto nos desperta a curiosidade, tudo que nos causa dúvidas, também seria preciso ponderar.

Numa revista de divulgação lera uma curiosa história que veio dar mais força às suas preocupações perante a transposição da sua figura espelhada. Era o seguinte:

Uma noite, em sonhos, Tartini vê o Diabo pegar no seu violino e inesperadamente executar certo trecho de incomparável beleza. Ouve com atenção aquela música estranha, improvisada à sua cabeceira e fica impressionado não só pelo acontecimento como pela extraordinária originalidade da obra. No fim da execução quando o Diabo desaparece com a calma do virtuoso que consegue um trabalho exímio, Tartini, desperta, salta da cama e tenta repetir no violino a mesma música que acabara de ouvir no sonho. E assim ficavam escritas para sempre as páginas maravilhosas do Trilo do Diabo. Mas o próprio Tartini, escrevendo a um amigo, queixava-se, com amargura, de não ter conseguido reproduzir fielmente a obra tal qual o Diabo a criara. «A obra do Diabo — disse — era incomparavelmente mais bela. O Diabo andou a fazer experimentações antes de se revestir na pele do Heifetz, de certo!».

Então a mesma pergunta se mantinha de pé e Malaquias já não tinha esperanças de encontrar a resposta que se ajustasse. Porque ameaçam as crianças com aparições diabólicas quando elas se espreitam no espelho? E são as pessoas crescidas — as mães que, como mulheres, passam horas a mirar-se — que estorvam a contemplação instintiva das crianças.

Ele não ia sair mais deste ponto de partida. Estava pregado lá porque tinha perdido o balanço inicial. Era preciso voltar ao começo de tudo para seguir em frente. O certo é que a aparição do Diabo nunca prejudicou ninguém. Tem ajudado muita gente que não está à altura do auxílio e, por isso, no fim acaba tudo de uma maneira tragicamente ridícula. O Diabo não se importa tanto com as pessoas; são as pessoas que se importam demasiado com ele. É uma entidade desvalorizada pela propaganda da oposição por ser razoável com as chamadas fraquezas humanas. Gosta dos artistas, dos homens de ciência e de todos os que trabalham com elementos. Tem um extraordinário sangue frio para ouvir com desdém as calúnias a seu respeito. Interessa-se pouco por política.

Os políticos é que o evocam para depois se desculparem com ele quando se vêem perdidos.

Como resultado dos seus solilóquios, Malaquias apenas tinha ganho a sensação de chegar ao limiar da porta principal de um novo mundo que o havia de submeter a novas experimentações. Para começar, estava convencido de que se as ameaças das pessoas crescidas se realizassem e em pequeno tivesse tido uma aparição diabólica talvez a sua fábula fosse explicada e portanto estivesse agora noutra situação mais esclarecida.

(E porque não pensar que a lenda do Diabo como figura que surge, era uma variação das religiões asiáticas no ocidente moderno; que este oposto entre o Bem e o Mal fica assim esquemática havendo no meio uma lacuna que tem de ser preenchida por santos ou malvados. Os homens comuns perdem-se no intervalo quando não puderem ir nem para um lado, nem para outro. Ficam suspensos em vão porque não há para eles mais do que dois pontos a atingir — já atingidos por génios — quando

afinal os vértices a alcançar são tantos quantas as pessoas que existem. Porque reduziriam os deuses? Quanto mais deuses houver não será o mundo mais protegido? Ou os deuses já não valem nada? Então no Olimpo só há estátuas? E as antigas civilizações que souberam ordenar o mundo não viam que eles eram objectos de adorno? Se alguém pudesse dizer isto a Malaquias quando estava em frente do espelho à espera de um Diabo perdido no tempo, talvez a sua história fosse mais brilhante. Faltava-lhe encontrar no novo mundo os segredos do velho mundo e lá dentro as leis para acertarem os seus gestos à semelhança da sua personagem da Fábula. Isto é um curto diagnóstico que ninguém encomendou e que ficará aqui entre parêntesis sem possibilidade de chegar ao conhecimento de Malaquias.)

Malaquias, esse mesmo homem que estava agora a imaginar que tinha perdido a memória como se fosse uma peça solta. A memória não se perde nunca. Nós é que nos perdemos quando ela é maior do que a nossa capacidade mental, posto que venha de muitas evoluções! E pode ir muito longe, às mais recônditas reminiscências, com velocidade superior ao pensamento enquanto nós ficamos a fazer disparates.

Assim como Malaquias a imaginar-se com amnésia.

JORGE DE SENA

1919 (Lisboa) a 1978 (Santa Bárbara da Califórnia), nascimento/morte. Teve inimigos, como tanta gente que demasiado se expõe, mas o seu péssimo estômago nunca digeriu. E foi até ao Pacífico arejar. Tocou muitos burros ao mesmo tempo, o que não abona em virtude: traduções, prefácios, ensaios vários teatro, prosa... tudo! Retenha-se o romance *Sinais de Fogo*. Rancor, mau-viver,arrogância, isso acabará por ser-lhe perdoado neste reino de estupidez; excepto o dossier-Surrealismo.

FESTA ALEGÓRICA

O bobo do imperador Maximiliano
organizou uma festa alegórica
que o povo e a corte de soberano à frente
saborearam em grandes gargalhadas;
juntou na praça todo o cego pobre,
prendeu a um poste um porco muito gordo,
e anunciou ganhar o dito porco aquele
que à paulada o matasse. Os cegos todos
a varapau se esmocaram uns aos outros,
sem acertar no porco por serem cegos,
mas uns nos outros por humanos serem.
A festa acabou numa sangueira total:
porém havia muito tempo que o imperador
e a corte e o povo não se riam tanto.
O bobo, esse tinha por dever bem pago
o fabricar as piadas para fazer rir.

■

SOBRE ESTA PRAIA... OITO MEDITAÇÕES À BEIRA DO PACÍFICO (fragmentos)

Pergunto-me a mim mesmo — tão curioso
como a criança a ser-se adolescente
que mal se entende em como os corpos agem —
a que diversos jogos ou não-jogos
se dão na intimidade estes que vejo
inteiramente nus no areal da praia
entre uma escarpa que os esconde e o mar
que tudo aceita em ondas sucessivas.
Deitados no saber de ao sol queimarem
o mais oculto de si mesmos são
dois jovens e uma jovem misturados.
Um dos rapazes se recosta contra o corpo
do outro rapaz que alonga dorso e pernas,
enquanto neste se debruça e dobra,
pendendo os frescos seios e os cabelos,
o corpo feminino associado ao de ambos.
Mas nada indica excitação nos machos
de quem se pousa o sexo ou distendido pende
em de sereno indiferente como
a só vazia ausência de mistério
que a corpos dava um fervor quente e humano.
São, como deuses, animais sem cio?
Ou são, como animais, humanos que se aceitam?
Ela é de quem? De um deles só, dos dois?
Um deles será dela mas também do outro?
Será cada um dos três dos outros dois?
Ambos os machos serão fêmeas do outro?
Ou só um deles? Qual dos dois? O que
sentado se recosta? O que deitado
aceita contra o seu o corpo recostado?
Os três são muito belos, e não só
daquela de escultura juvenil audácia
cifrada em curvas duras de suaves linhas,
mas igualmente da pureza límpida
que só em torno ao sexo se enegrece um pouco.
Quem se pergunta como eu me pergunto

confessa claramente que distância
existe entre o passado e este presente
assim deitado ao sol à beira de água
como estes três se deitam ou recostam
sem que sequer com as mãos os sexos toquem,
senão o de outrem, mesmo o de si mesmos.

Não sonharei da névoa sobre os montes
e o mar se faz de névoa sem distância
que o sol não rompe senão baço e pálido.
Uma friagem resta mesmo quando
a luz aquece esta paisagem parda
e a aclara em escarpas que o silêncio rói
num simples de cascalho tombam pedras.
Ao longe, entre os arbustos ressequidos
na areia sobrevivos onde o mar não chega,
o brônzeo e róseo de um desnudo corpo
as nádegas redondas e por certo duras
alteia em curvas luminosas como
o dorso e as pernas que ali estão também
na escura confusão de areia suja
e desses ramos nunca verdes antes.
Se se voltara para o sol volvendo
aquela fronte que de ambíguos corpos
separa os que têm seios e de pêlos
na inserção das pernas só triângulo,
daqueles que só liso o torso têm
pendente a tripla parte que os diz homens
lá de onde os pêlos mais espessos sejam,
nada seria no deserto a imagem
da livre humanidade que é só carne
e encontro eventual de dois desejos
com que se esgrimem sexos ou penetrem
o que estrangule e precipite o fim.
Não há metamorfoses neste mundo
que mesmo ardendo ao sol se esconde no
mostrar-se inteiro qual por outros mundos
apenas se entremostra o já desejo ansiado

as pernas apertando ou separando
na mesma força tensa, macho ou fêmea,
não existente aqui nas nádegas visíveis
ainda que tão duras de redondas
e do rosado brônzeo mal dourado ao sol.
Tão longe está de por onde outros passem,
não para que lá passem vendo ao longe
adivinhado corpo que se esconde
atrás de arbustos ressequidos. Longe
de todos e si mesmo. Um pobre corpo
esplêndido mas triste de o tão ser
que só distante aos ares se apresenta
como num espelho sem cristal a não
sequer o reflectir para lembrar-lhe
a própria imagem de que seja humano.
Mas aqui não. Aqui apenas é
na solidão do mundo a solidão buscada
para ter corpo inteiro sem que o saiba alguém,
nem mesmo ele saiba se é mulher, se é homem,
senão quando vestido for como lhe ordenam
que nas cidades vá como hábito de ser-se.

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

Nasceu no Porto em 1919. A importância da sua poética não se resume ao senso ético da cidadã no país dos outros. Quando em 1975 ela recordava a uma plateia dormente o provérbio burundi que diz «uma palavra que está sempre na boca transforma-se em baba», mal pressentia que à palavra então repetida à saciedade (revolução) já pouco faltava para também ser transformada num visco.

CAMÕES E A TENÇA

Irás ao paço. Irás pedir que a tença
Seja paga na data combinada
Este país te mata lentamente
País que tu chamaste e não responde
País que tu nomeias e não nasce

Em tua perdição se conjuraram
Calúnia desamor inveja ardente
E sempre os inimigos sobejaram
A quem ousou ser mais que a outra gente

E aqueles que invocaste não te viram
Porque estavam curvados e dobrados
Pela paciência cuja mão de cinza
Tinha apagado os olhos no seu rosto

Irás ao paço irás pacientemente
Pois não te pedem canto mas paciência

Este país te mata lentamente

■

SE TODO O SER AO VENTO ABANDONAMOS

Se todo o ser ao vento abandonamos
E sem medo nem dó nos destruímos,
Se morremos em tudo o que sentimos
E podemos cantar, é porque estamos
Nus, em sangue, embalando a própria dor
Em frente às madrugadas do amor.
Quando a manhã brilhar refloriremos
E a alma beberá esse esplendor
Prometido nas formas que perdemos.

■

NO DESERTO

Metade de mim cavalo de mim mesma eu te domino
Eu te debelo com espora e rédea

Para que não te percas nas cidades mortas
Para que não te percas
Nem nos comércios de Babilónia
Nem nos ritos sangrentos de Nínive

Eu aponto o teu nariz para o deserto limpo
Para o perfume limpo do deserto
Para a sua solidão de extremo a extremo

Por isso te debelo te combato te domino
E o freio te corta a espora te fere a rédea te retém

Para poder soltar-te livre no deserto
Onde não somos nós dois mas só um mesmo
No deserto limpo com seu perfume de astros
Na grande claridade limpa do deserto
No espaço interior de cada poema
Luz e fogo perdidos mas tão perto
Onde não somos nós dois mas só um mesmo

CARLOS DE OLIVEIRA

Nascido no Brasil a 10 de Agosto, 1921, morre em Lisboa na manhã do dia 1 de Julho de 1981, legando-nos uma acuidada obra de Poeta, ficção incluída, ainda hoje de má mastigação para a ala neo-realista. *Finisterra,* último «romance», ilustra o supra, sobremaneira. *Descida Aos Infernos,* em 1949, fôra então o primeiro quebra-cabeças, entre correligionários; demasiada nigredo individual para esses tempos de disciplina.

SOBRE O LADO ESQUERDO

De vez em quando a insónia vibra com a nitidez dos sinos, dos cristais. E então, das duas uma: partem-se ou não se partem as cordas tensas da sua harpa insuportável.

No segundo caso, o homem que não dorme pensa: «o melhor é voltar-me para o lado esquerdo e assim, deslocando todo o peso do sangue sobre a metade mais gasta do meu corpo, esmagar o coração».

■

POSTO DE GASOLINA

Poiso a mão vagarosa no capô dos carros como se afagasse a crina dum cavalo. Vêm mortos de sede. Julgo que se perderam no deserto e o seu destino é apenas terem pressa. Neste emprego, ouço o ruído da engrenagem, o suave movimento do mundo a acelerar-se pouco a pouco. Quem sou eu, no entanto, que balança tenho para pesar sem erro a minha vida e os sonhos de quem passa?

■

Contar os grãos de areia destas dunas é o meu ofício actual. Nunca julguei que fossem tão parecidos, na pequenez imponderável, na cintilação de sal e oiro que me desgasta os olhos. O inventor de jogos meu amigo veio encontrar-me quase cego. Entre a névoa radiosa da praia mal o conheci. Falou com a exactidão de sempre:

«O que lhe falta é um microscópio. Arranje-o depressa, transforme os grãos imperceptíveis em grandes massas orográficas, em astros, e instale-se num deles. Analise os vales, as montanhas, aproveite a energia desse fulgor de vidro esmigalhado para enviar à Terra dados científicos seguros. Escolha depois uma sombra confortável e espere que os astronautas o acordem».

REINALDO FERREIRA

Filho do vulgarizado Repórter X, nasceu em Barcelona a 20 de Março, 1922, e faleceu canceroso em Junho de 1959 (Lourenço Marques). Deve a José Régio o enfoque que nos anos 60 recebe a sua obra.

NOCTURNOS

Café de cais,
Onde se juntam,
Anónimos de iguais,
Os ratos dos porões,
Babel de todos os calões,
Rio de fumo e de incontido cio,
Sexuado rio
Que busca, único mar,
Mulheres de pernoitar,
Unge-te a nojo, não Anfitrite,
Fina ficção marinha,
Mas nauseabundo
E tutelar,
O vulto familiar
Da Virgem Vício,
Nossa Senhora do Baixo Mundo.

Eu, Rosie, eu se falasse, eu dir-te-ia
Que partout, everywhere, em toda a parte,
A vida égale, idêntica, the same,
É sempre um esforço inútil,
Um voo cego a nada.
Mas dancemos; dancemos
Já que temos

A valsa começada
E o Nada
Deve acabar-se também,
Como todas as coisas.
Tu pensas
Nas vantagens imensas
Dum par
Que paga sem falar;
Eu, nauseado e grogue,
Eu penso, vê lá bem,
Em Arles e na orelha de Van Gogh...
E assim entre o que eu penso e o que tu sentes
A ponte que nos une — é estar ausentes.

■

BISPO DE PÁDUA (fragmento)

Ora o céu não é um pálio
Para a passagem de quem
Vai para o trono da morte
Desde as entranhas da mãe,
Nem o mundo coroação,
Nem as vidas que pisamos
Poeira erguida, ao de leve,
Pelo manto que envergamos,
Nem Deus o erro prudente,
Degrau de altura do trono,
Osso de esp'rança atirado
À boca dos cães sem dono.
Nós somos mais, porque vamos
Lutando contra o capricho
Que fez de nós uma estrela
Num firmamento de lixo.

EUGÉNIO DE ANDRADE

Narciso absoluto. Para ele a poesia é uma «loucura mansa». A abundância de edições e reedições da sua Obra dispensa-nos grandes prólogos. Nasce na Póvoa de Atalaia (Beira Baixa) a 19 de Janeiro, 1923. Actualmente, faz do Porto a sua «ilha do Corvo», uma ilha com muitos tentáculos.

POEMA PARA O MEU AMOR DOENTE

Hoje roubei todas as rosas dos jardins
e cheguei ao pé de ti de mãos vazias...

■

PEQUENA ELEGIA DE SETEMBRO

Não sei como vieste,
mas deve haver um caminho
para regressar da morte.

Estás sentada no jardim,
as mãos no regaço cheias de doçura,
os olhos poisados nas últimas rosas
dos grandes e calmos dias de setembro.

Que música escutas tão atentamente
que não dás por mim?
Que bosque, ou rio, ou mar?
Ou é dentro de ti
que tudo canta ainda?

Queria falar contigo,
dizer-te apenas que estou aqui,

mas tenho medo,
medo que toda a música cesse
e tu não possas mais olhar as rosas.
Medo de quebrar o fio
com que teces os dias sem memória.

Com que palavras
ou beijos ou lágrimas
se acordam os mortos, sem os ferir,
sem os trazer a esta espuma negra
onde corpos e corpos se repetem,
parcimoniosamente, no meio de sombras?

Deixa-te estar assim,
ó cheia de doçura,
sentada olhando as rosas,
e tão alheia
que nem dás por mim.

■

O ANJO DE PEDRA

Tinha os olhos abertos, mas não via.
O corpo todo era a saudade
de alguém que o modelara e não sabia
que o tocara de maio e claridade.

Parava o seu gesto onde pára tudo:
no mistério das coisas por saber;
e ficara surdo e cego e mudo
para que tudo fosse grave no seu ser.

■

O OFÍCIO

Recomeço.
Não tenho outro ofício.

Entre o pólen subtil
e o bolor da palha,
recomeço.

Com a noite de perfil
a medir-me cada passo,

recomeço,
pedra sobre pedra,
a juntar palavras;

quero eu dizer:
ranho baba merda.

NATÁLIA CORREIA

Nasce nos Açores em 1923. Conta-se na sua vasta e multifacetada Obra com a *Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica,* que pelos «brandos» anos de 1966 conseguiu destabilizar a líbido da então polícia de costumes. Mais recentemente, é ainda a sua coragem cívica que reicinde em destabilizar qualquer hemiciclo de comadres da política.

A MOSCA ILUMINADA (fragmentos)

O meu perfil é a última esperança de existir um deus que não limita. Fitar o indemonstrável é a minha paisagem preferida. Por isso de perfil me vedes, infatigavelmente proporcionando-me a liberdade de um deus adormentado na cãibra da vossa fé.

Até hoje os deuses foram estupidamente demonstráveis na imagem e semelhança das vossas mandíbulas de devoradores do além. E assim morreram de estupidez.

A minha descrença é a última camada de ar de que dispõe o deus que sufocastes com a vossa fé, ó teocidas de excessivamente acreditardes em deuses! A minha descrença é o meu perfil gravado na suspeita de um deus que me trespassa como a dúvida de um cão atravessando uma rua.

Acaso já vistes uma árvore que se mostrasse de frente? De todos os ângulos que tenteis captar a eternidade suspensa numa árvore ela é um perfil, uma coluna do puro silêncio dessa qualquer outra coisa que é a árvore que julgais ver de frente. Contudo não duvidais de que as árvores existem e que num futuro inscrito no calendário do vosso terror, elas sairão de si mesmas como labaredas cantantes, arrancando-vos a língua com a sua música. E então sim tereis a guerra, não a que o ar empesta com o mau hálito das coisas separadas, não a que selando o mal com

as requebradas afectações do bem, as formas embriagadas do ser imobiliza no tempo hábil do estar. Mas a guerra do homem com o deus que no homem se ignora, até cessar a obscena oposição entre a verdade e o mito.

Com isto tento dizer-vos que o meu perfil é uma vasta canção esmagada na minha boca frontal e ferida; a largada de um navio carregado de nomes habitados que enrouquece na travessia, o derradeiro e fabuloso esforço para desnudar o delírio de um deus que a minha epiderme subjuga.

Os outros seriam menos estúpidos se eu não tivesse uma casa. Porque a casa é o imenso instante do homem repleto da sua poderosa ocultação. Ser-se homem é ser-se forçosamente vizinho, um tacto de toupeiras que se buscam na nossa exasperante invisibilidade, uma incurável cegueira infligida por uma proximidade impalpável. Mas dado que os cegos são, por mítica verosimilhança, obrigatoriamente videntes, os vizinhos sabem tudo o que não se passa na nossa casa.

Tenho uma casa. Uma construção de paredes eléctricas de fábulas. Uma malograda teofania de alguém condenado a perder-se na luz de um deus que jorra da sua própria ausência. Tenho uma casa no que sou externamente divina, involuntariamente incrível, compacta de todos os malefícios naturalmente atribuídos a uma deusa cujo único milagre é não ser deusa.

Da minha casa têm dito tudo. Tudo o que se pode dizer de uma deusa que paga imposto profissional. Tudo menos a verdade que é simples como eu não conhecê-la e não pensar nisso, porque não pensar nisso é a última esperança de virmos a conhecer seja o que for. Dizem, por exemplo, que com o intestino grosso de um jovem que sofria de asma por mim fiz um fio para lançar um papagaio que era o seu coração alarmado de amor. Dizem também que frequentemente me vêem a descascar a pele da cobra que sou por amor de uma abadessa que é eu mesma sugando por uma palhinha o pus do meu *strip-tease* fantasmal.

Agora os outros vão ficar um pouco mais inteligentes dessa inteligência que a decepção de não haver deuses faz desabrochar. Porque eu dou uma festa. A festa da minha abdicação de deusa na qual devolvo aos meus vizinhos os olhos que lhes arranquei tendo uma casa, uma caixa de música que pela salvação dos meus carrascos ponho a funcionar. Estão todos convidados. Entrem!

Que fazer de um morto? Sobretudo não o enterrem fruste escamoteação de um corpo que se não desvanece. O enterro é de todas as aflições que nos causa a tirânica disponibilidade do morto a que mais brutalmente improvisa uma grosseira ferramenta para o horror de não sabermos o que fazer do cadáver. Enterram-no em nome da higiene, pistola carregada de bolas de naftalina que ricochetam no mármore dos eleitos. Todos os mortos são eleitos. A morte é a eleição da necessidade. O morto ri-se. O riso é o seu reino inesgotável. A estação violenta de decifrar os vivos. Porque o morto sabe que não há morte. Há o sacrifício de um que se enrola na onda que o devolve noutro às areias do naufrágio. Não há além. Há vai-vem. O trabalho do escaravelho que no sonho da múmia carrega às costas a eternidade.

Tenho mortos vivíssimos como estrelas ferozes rangendo a impalpável vingança da higiene que os sepultou. Sou uma esponja das chamas vingativas dos mortos inconsumíveis nas suas próprias cinzas. Fixas e ávidas as suas bocas engendram a minha poética: a mais resoluta ignorância que alguma vez envergonhou os sábios, funcionários do assombro de estarem vivos. Por mim assombro os outros com a lívida certeza da minha ignorância de saber-me sabida pelos mortos, esplendorosos fragmentos de um deus insaciável que sonha a nossa vida.

De todas as asneiras que forçosamente dizemos quando falamos da morte, a mais perdoável de todas é a suspeita de que a vida é um desenho animado pelo sonho de um deus que nos mata quando desperta.

MÁRIO CESARINY

«[...] *Depois de ver com os seus próprios olhos como é que o ratazana toma o seu cházinho / Emile Henri / escritor da literatura da dinamite / lança a segunda bomba à porta do Café Términus / dado que: da má distribuição da riqueza e das coisas boas da Terra / TODOS SEM EXCEPÇÃO TÊM A MÁXIMA CULPA*» — assim fecha o poema *Passagem de Emile Henri*, cuja distribuição integral foi inviabilizada pelo Autor, que «lamenta, mas não está». Mário Cesariny. Nasce em Lisboa, a 9 de Agosto, ano de 1923. É Surrealista substantivo. Vive algures na Cidade; entre as suas munições conta-se uma dentadura. Testemunhou, apesar doutros, do passeio de Mário de Sá-Carneiro com Antero de Quental — sans blague. Como pintor, recordamos do muito as *9 Tábuas Correspondentes aos Arcanos Maiores do Tarot*. De 1977, e de *Titânia e a Cidade Queimada*, e porque mais nos impede certo Código:

«[...] *Sonho um barco em naufrágio, e um mar tão fundo que a descida do abismo é lentidão sem fim. Os afogados, no castelo da proa ou subidos aos mastros, interrogam sem resultado o seu novo horizonte. Desce-se? Sobe-se? Ou simplesmente oscilam? Alguns, mais ansiosos, experimentam lançar-se desde o mastro grande, todo obscuridade, para o caos sereno e azul que envolve tudo. Mas o gesto é inútil: permanecem pairando, o corpo em cruz, até que voltam ao ponto de partida. Outros propõem remar. E entretanto descem lentamente o abismo.*

«Há notícia de um barco que emergiu do fundo com todos os seus mortos e uma certa vida ganha lá em baixo. Os espertos disseram, em letras de jornal, que o fenómeno ali fora devido a uma caixa de ar não invadida pelas águas. Assim fecham na cara do inocente as raras portas de acesso a uma probabilidade de comunicação que o excede. Os donos deste mundo fazem de toda a morte uma palavra vaga, *sem relação com as forças diurnas. Esquecem que no bicho-monstro que habitamos a morte está tanto à obra como a vida e tem passos de*

titã que brilham à luz do sol com cintilação única.

«Deviam ser muito belos, assim maravilhados e maravilhosos, nos seus sudários de água! Decerto em circunstância idêntica à de outros afogados tinham resolvido agir, *colando braços, pernas, boca, às velas marejadas, na comunicação de um segredo de amantes para o qual nos faltam palavras e em relação ao qual permanecemos vivos e inábeis. Quando o navio desimergiu a pique na superfície marinha, alteava quatro homens unidos ao* aparelho de força *e libertando formas multicores para o Dia da Terra.* [...]»

Devemos-lhe o excesso e a recusa.

ANTÓNIO RAMOS ROSA

Nasce em Faro a 17 de Outubro, 1924. A vastidão de uma obra feita de cíclicas revisitações aos mesmos tecidos vocabulares tem vindo a minimizá-la como ascendente de tantos fiéis.

Há um sol de cavalo nas ruas e nos olhos.
Há um cavalo de sol nos campos e nas cores.
E a tua língua embriaga-se de sabores tão verdes
como as maçãs da infância das tias e avós.

Há um sul e há um norte na cabeça do cavalo,
uma agulha se crava no centro do meu cérebro,
as minhas vértebras dilatam-se pelo vigor do novo,
por cada pedra ferida e pelo verbo intenso.

O minério do cavalo, a parede, o incêndio
tudo devora a palavra, tudo tomba e se centra
no vigor de um alento de primavera verde.

■

A última oportunidade é sempre
esta
corre
só um pouco mais e o sol e o sangue
invadirá a árvore
a seiva empapará tua língua

eia! um homem
sem nada para a morte

ALEXANDRE O'NEILL

Era de Lisboa, e de 1924, 19 de Dezembro. De Paris era a *Histoire du Surréalisme*, de Maurice Nadeau, trazida (cerca de 1947) aos surrealistas da província. Mas ele depressa se pôs de parte a vê-los brincar aos grupos nos baldios do Salazar. Houve quem quebrasse o nariz e quem se encerrasse no quarto escuro — vigílias. Faleceu em 1986. *Ampola Miraculosa* (1948) foi ficando omissa das suas *Poesias Completas, 1951-1983*, e é pena, como prova do tempo rebelde.

OS CEGOS

«Ah, Madame! que la morale des aveugles est différente de la nôtre!»

Diderot, *Lettre sur les aveugles*

Durante os meses de inverno, podemos ver os cegos, sobre os telhados, acariciando os dedos — à procura duma mãe que não seja virgem.

O prazer torna-os redondos como ovos e o vapor de água vem flutuar sobre os seus bigodes sempre em sangue.

Às vezes soluçam e deixam escapar da boca pequenas coisas — o que não basta para interromper o jogo.

Quando chega a primavera, os cegos caem dos telhados e começam a andar pelas ruas à procura da moeda de perfil de luz.

■

A NOITE ORDINÁRIA

Que bela noite ordinária que eu passei!

Foi isso há tempos
num quarto defendido pelas pulgas
e vigiado por um vento carteirista
que morava (disseste)
mesmo ali ao pé.

O problema da luz foi o primeiro
(que resolvemos apagando-a)
depois o das torneiras
depois o do marinheiro
que queria entrar nos nossos problemas
depois o teu
o teu problema já na cama
— na cama com mais paciência que encontrei!

Depois
falaste com as torneiras
e eu gritei

Gritei por calculado amor
por brilhantina
por miséria
gritei até pela vitória
(supremo humor!)
dos que se batem contra a Cara-Alegre
gritei p'ra não parar de gritar
gritei «Chapultepec!» e «Oaxaca!»
(nomes por excelência afrodisíacos).
gritei até descobrir
o sítio em que te «escondias»
e então deixei-te gritar...

Quando a noite resignada
abria a última pálpebra
gritei ainda: «Mas é isto o espelho!»

E o dia levantou-se como um cão
(imagem acessível à família...)
da bela noite ordinária
que passei...

■

A UMA OLIVEIRA

Muito antes de *Os Lusíadas* diz-se que já aqui estavas.

Pré-camoniana,
sazão a sazão,
foste varejada séculos a fio.

O pinho viajou.
Tu ficaste.

Ao som bárbaro de um rádio de pilhas,
desdobram toalhas
na tua sombra rala.

PEDRO OOM

Nasceu em Santarém a 24 de Junho de 1926. O xadrez foi paixão maior, partidas telepaticamente disputadas com Man Ray, Marcel Duchamp, e nem por acaso. Ou só; por acaso. Professava um dadaismo do vómito como garante das locas Amorosas. Morreu de comoção, assassinou-o o Regime em estertor, a 26 de Abril de 1974, às 14 horas, 30 minutos. *Actuação Escrita, 1* reúne, segundo ele mesmo, o essencial da sua luxuriante ilha.

AUTOFICÇÃO DA CIDADE AMOROSA

Construí-a
irreal
transparente
lúcida esguia um mar
interior na barriga
correias de transmissão nos cabelos

Os anéis de Saturno são a força centrí-
fuga centrípeta que lhe agita os braços
no espasmo amoroso

Halley o metropolitano

75 milhões de anos-luz atravessam-na da cabeça
à cauda

deito-me com ela todas as noites na via láctea

■

Alegra-me ser todas as coisas e as sombras que elas
[projectam
ser a sombra dos teus seios e da tua boca
o criado de smoking branco que te agita os cabelos
para um cocktail estimulante e fresco
a mesa onde passo a ferro o teu corpo
as espáduas as coxas a curva macia dos joelhos
alegra-me ser o contorno da tua nuca e o binário motor
[dos teus braços
embora mais pequeno do que um corpúsculo celeste
sou os milhões de astros microrganismos estrelas
a rota de todos os navios perdidos
a angústia síntese de todos os suicidas
a forma de todos os animais conhecidos
o desenho rigoroso de toda a flora existente

Ontem em Paris hoje em Lisboa amanhã em Júpiter
caminho para a resolução de todos os problemas
sem a certeza de resolver qualquer deles
como se fosse uma máquina de somar parcelas
quatro vezes quatro oito vezes dez oitenta
sabe-me a vida ao que É
esta progressão assustadora de crocodilos bebendo limo-
[nada
Ontem fui a prostituta a quem paguei a noite
hoje serei talvez o inocente violentador frustrado
Sutmil é a cidade para onde me evado todas as noites à
[aventura
e «os anéis de Saturno são a força centrífuga-centrípeta
[que me
agita os braços no espasmo amoroso»
a cabeça em Marte os pés na Terra
vindo «lá do fundo do horizonte lívido»

O comboio está na gare o comboio vai partir
apressemos o passo o momento é solene

somos o automóvel que sobe a avenida
a pulsação acelerada dos maquinismos
taxímetro de uma cidade de província
satélites de um satélite lunar
Tu és o aeroporto eu o avião que parte
e muito mais calmos entre éter e fogo
percorremos os sonhos de planeta em planeta desfolhando
[o futuro a flor sempre rara
e marcamos nos astros o nosso roteiro DEZ QUILÓ-
[METROS

amanhã tirarei o curso de sonhador espacializado

ANTÓNIO MARIA LISBOA

Nunca a literatura produziu cometa tão fugaz —porque da literatura nada há que esperar; a trans-lucidez tem outra mãe. Nasceu em Lisboa a 1 de Agosto, 1928, partindo do nosso convívio a 11 de Novembro, 1953. Possuía o santo e a senha do Visionário. Só em 1977 foi possível, a contra-gosto de tanta gente, dar corpo ao que julga-se ser a obra completa, *Poesia de António Maria Lisboa.*

INTRODUÇÃO AO ESTUDO SISTEMÁTICO DE «MALAQUIAS OU A HISTÓRIA DE UM HOMEM BARBARAMENTE AGREDIDO», DE MANUEL DE LIMA, OU MELHOR: INTRODUÇÃO À ACÇÃO SISTEMÁTICA ADENTRO DO «PRINCÍPIO DE MALAQUIAS» (uma citação)

O problema não é o da autodestruição mesmo quando isso se nos aparenta e embora nisso o corpo se destrua: trata-se da oposição àquilo que verdadeiramente de dentro e de fora tende e pretende a destruição do corpo. Trata-se duma maior fidelidade ao destino, ao Mito. Trata-se da realização completa do corpo e não da submissão às forças que o negam. Certo é que se pode morrer neste caminho, mas isso foi-o sempre, e aqui esta morte é completação. Honremo-nos do crime e da bondade e o que fizermos, um ou outro, ou os dois, ou nenhum, seja feito até ao fim. Não é o Amor uma emoção, nem um sentimento, nem uma ideia: O AMOR É UM SENTIDO!

■

CARTA A MÁRIO HENRIQUE LEIRIA, PARIS 9-2-1951 (fragmento)

Se houver mortes comunica as duas primeiras, da terceira faz um desenho e depois deves ir esperar-me ao Rossio. Certo que entrarei na Câmara Mortuária sozinho. Mas o Rossio é sempre a despedida da *vida*. A morte vem sempre depois (com) um abraço — qualquer abraço. Encontrei cá o que na minha existência chamo o País de Chumbo (País ou Reino — Reino no entanto é luz demais para tanto *escadote*). As Águas Claras passaram já: foram a passagem das Águas Pantanosas para o País de Chumbo. Disto te falarei mais tarde — A Cidade de Bronze ergue os muros aqui em volta de mim. Só um esforço, qualquer: mais rico, retomo as experiências velhíssimas. Descobri, por enquanto *nebuloso*, o caminho da anulação do tarot. A última notícia: vou abandonar definitivamente a Europa. Parto para o Oriente numa viagem preliminar. Regressarei à Europa então para fazer a *Grande Viagem*.

■

POEMA DO COMEÇO

Eu num camelo a atravessar o deserto
com um ombro franjado de túmulos numa mão muito
[aberta

Eu num barco a remos a atravessar a janela
da pirâmide com um copo esguio e azul coberto de escamas

Eu na praia e um vento de agulhas
com um Cavalo-Triângulo enterrado na areia

Eu na noite com um objecto estranho na algibeira
— trago-te Brilhante-Estrela-Sem-Destino coberta de musgo

HERBERTO HELDER

Nunca a transmissão em cadeia poderia interromper-se. O adormecer de António Maria Lisboa e as primeiras pérolas de *A Colher Na Boca* coincidem: 1953. E o sangue re-fluiu, chama de círio em círio. E hoje podemos, aproximativamente, sonhar abrigo numa Catedral: *Poesia Toda. Edoi Lelia Doura,* antologia única das modernas vozes comunicantes, consolida o desejo maior de um Mestre — ser o edifício do Mundo pela boca alheia. HH, nascido a 23 de Novembro, 1930, no Funchal, habita o centro das matas incendiadas e só se desloca de helicóptero. Para si não haverá perdão.

(A POESIA É FEITA CONTRA TODOS)

É aborrecido ter que reclamar-se de todas as afirmações de princípio muito óbvias.

Nós respeitamos os atributos e instrumentos da criminalidade: agressão, provocação, subversão, corrupção. Queremos conhecer, exercendo-nos dentro de poemas, até onde estamos radicalmente contra o mundo. Nesse sítio, os poemas começam a fundar os seus entendimentos com a poesia. É também o momento em que desaparecemos, e seria grato ver como o nosso rosto poderia promover o susto dos corações afectos e afeitos à cordialidade.

Force-se alguém a afastar as palavras, essa folhagem de ouro implantada nos olhos e nos ouvidos, para descobrir o rosto zoológico que nem uma câmara de filmar tornaria capturável e doméstico. A impertinência põe-se a fornecer lições de arquitectura. Há muita gente para habitar as casas. Mas só gostamos de oficinas explosivas.

Temos tudo o mais contra todos os trabalhadores. O trabalho de uns e o capital de outros não bastam para alugar-nos, embora estejamos usualmente disponíveis. Eles fazem inculcas, em tempos de sedução, para

saber do nosso endereço. Mas desaparecemos, por irreversível disponibilidade. Somos inúteis até onde poderia, por acaso, estar a nossa morada.

Deus tem uma cabeça demasiado pesada para não ocupar totalmente o alforje do pão. Crê-se mesmo ser abusivo um toque no ombro, para nosso momentâneo desvio da carga. Deus dorme, dorme de um sono pesadíssimo, e por isso pesa tanto aquela cabeça. Às vezes pretendemos acordá-la, para que se faça mais leve. Tudo morreu em nós, menos exactamente a morte das coisas divinas. É por dentro de poemas que transportamos esse estranho alimento de todas as mortes. A celebração funesta torna-se uma política da ignorância pessoal, que nos compelimos assumir até ao fim, para ficar com a ciência possível que não conduz à cidadania. Nota-se logo a nossa ausência pedagógica, e quando os outros chegam para o ensino, já não estamos lá e, interrogada a população, talvez se fique a saber que nunca estivemos.

A poesia é feita contra todos, e por um só; de cada vez, um e só. A glória seria ajudar a morte nos outros, e não por piedade. A grandeza afere-se pelas conveniências do mal. O que se diz da beleza é uma armadilha. Pena que não pratiquem o pavor, todos. Seria o lucro do nosso emprego, e um pequeno contentamento para quem está com alguma pressa em agravar.

E leia-se como se quiser, pois ficará sempre errado.

■

(PHOTOMATON)

Até quando pode a memória, e quanto pode, sou o actor e o espectador cúmplice de uma vida perturbada, dramática e irónica. O pouco que percebo dessa massa teatral caótica pode inscrever-se na pauta de uma interpretação menor. Não compreendo nada.

Pensei que certas virtudes — a astúcia ganha na prova de todas as inspirações da inocência, uma sensibilidade adivinhadora desenvolvida através da indistinção espiri-

tual entre luz e treva — acabariam por conduzir-me a qualquer entendimento.

A adolescência foi insuportável até converter-se à ideia de uma suspensa, ou infusa, significação de tudo. Esta foi a primeira revelação, e com ela permiti-me abandonar esse casulo arcaico da angústia que a si mesmo se disfarça, para exposição, de leveza, apaixonamento ou luminosidade. Mas a adolescência é apenas ira e dor.

Procurando investigar os sentidos desta saída de um primeiro episódio do tormento, pelo que eu imaginava ser a revelação do próprio significado desse tormento, supus, para uso meu, um acesso a revelações maiores. Era a escrita — a escrita exercida como caligrafia extrema do mundo, um texto apocalipticamente corporal.

O assento da juventude indica esse labirinto, percurso atento e sonâmbulo que recorre aos roteiros de orientação e desorientação postos à venda do espírito por todas as moralidades da fábula. A juventude alimenta-se do que as garras apanham, e os antigos defendem-se das gerações insaciáveis atirando carne podre. Mas é carne onde se insinuam ainda o odor e o gosto do sangue, e um tigre juvenil não decorou tão bem a identidade que se não confunda desprevenidamente com uma jovem hiena.

Mas de tudo isso descobri eu os maneirismos e a figura romântica. Éramos uma nova imitação de Cristo na luciferina versão de alguns radicais, antigos ou modernos, para quem a poesia foi uma acção terrorista, uma técnica de operar pelo medo e o sangue. Ingenuidade tão monstruosa como a da mitologia solar que transporta para os mercados as pombas da paz, a terceira pessoa do pacto social — isso: o que a lei espera do amansamento das disposições dramáticas.

É sempre fácil caminhar em cima das águas, mas é impossível fazê-lo milagrosamente. Tornou-se um número de circo — aquele equilíbrio no arame que mata o apetite de vertigem e nebulosa delinquência de uma emotividade suburbana. A última revelação é esta de sermos os produtores inexoráveis e os inevitáveis produtos de uma ironia cuja única dignidade é descender do tor-

mento, um tormento sempre equivocado na sua manifestação sensível. Por isso cada vez mais me devoto às imobilidades, aos silêncios, ao sono.

Se quisesse, apresentava-me como uma vítima da escrita, da inocência, da neurose e suas instâncias psiquiátricas e psicanalíticas; uma vítima da mitologia do fogo e da água, das razões misteriosas da morte e transfiguração, ou do princípio de que aquilo que está em baixo é igual ao que está em cima, das práticas sexuais angélicas no fundo do inferno; vítima, enfim, da oposição ao mundo e do radicalismo com que alguém se empenha na utopia do ouro onde gloriosamente queima os dedos. Poderia dizer: sou um leproso!

Mas vivi em África, longe de toda a cartografia vertente, longe também da intenção mitográfica euro-africana — e aconteceram-me alguns entremezes sinistros e iluminantes. Vi leprosos, fui tocado por leprosos. Vi a guerra, a morte frontal, a minha morte — e vi os desertos. Vi-me a mim próprio subindo, numa metamorfose exasperada, dos precipícios do pavor até às estritas regras da vida. E estava maduro para ver tudo. Desejei então ser eu mesmo o mais obscuro dos enigmas vivos, e aplicar as mãos na matéria primária da terra. Gostaria de ser um entrançador de tabaco.

Não sou vítima de nada; não sou vítima da ilusão do conhecimento. Escrever é literalmente um jogo de espelhos, e no meio desse jogo representa-se a cena multiplicada de uma carnificina metafisicamente irrisória. As caçadas celestes, o esotérico pentagrama corporal, a antropofagia mágica imprimiram-se no filme docemente truculento do cinema geral de bairro, endereçado à fruição analfabeta.

Qualquer poeta que tenha atravessado os túneis pode assinar a palavra «merda».

Claro que conheço vários medos e ferocidades. Por isso ainda estou vivo. É o outro lado da ironia, lado a que chamo fabuloso de uma ironia a que também chamo fabulosa, não por serem posse minha, mas por pertencerem a este fabulosamente vazio enigma do mundo.

ANTÓNIO JOSÉ FORTE

Nasce em 1931 na Póvoa de Santa Iria, a 6 de Fevereiro. *Uma Faca Nos Dentes* (1983), resume aquilo que é reconhecido cometa de primeira grandeza do Verbo Libertário.

DENTE POR DENTE

Outros antes de nós tentaram o mesmo esforço: dente por dente: não, nunca olhar de soslaio e manter a cabeça escarlate, o vómito nos pulsos por cada noite roubada; nem um minuto para a glória da pele. Despertar de lado: olho por olho: conservar a família em respeito, a esperança à distância de todas as fomes, o corno de cada dia nos intestinos. Aos dezoito anos, aos vinte e oito, a vida posta à prova da raiva e do amor, os olhos postos à prova do nojo. Entrar de costas no festival das letras, abrir passagem a golpes de fígado para a saída do escarro. Se não temos saúde bastante sejamos pelo menos doentes exemplares.

Fora do meu reino toda a pobreza, toda a ascese que gane aos artelhos dos que rangem os dentes; no meu reino apenas palavras provisórias, ódio breve e escarlate. Nem um gesto de paciência: o sonho ao nível de todos os perigos. Pelo meu relógio são horas de matar, de chamar o amor para a mesa dos sanguinários.

Dente por dente: a boca no coração do sangue: escolher a tempo a nossa morte e amá-la.

■

DECLARAÇÃO

Eu de barba branca a tiracolo
rodeado de fumo por todos os lados vadios
menos pelo lado do mar

com um incêndio à ilharga
e dois artelhos clandestinos
eu salvo miraculosamente para te amar e curar
e esperar o teu regresso glacial e escarlate
que escrevo poemas desde que um rato
me entrou prós pulmões e só por causa disso
eu que disse: há um cancro no mapa universal
e engenheiros, geógrafos, doutores se apressaram a negá-lo
eu da cintura pra cima de alcatrão e terror
e do umbigo pra baixo de quiosque chinês
eu não espero piedade obrigado

MARIA GABRIELA LLANSOL

Nasce em Lisboa a 24 de Novembro, 1931. As vezes sabe bem ficar em pânico, fazer do próprio medo a maior alegria, a única paixão. Desde 1962 que Maria Gabriela Llansol tem vindo a tecer, sozinha no seu canto, uma teia de fogo. Ao lê-la, descobre-se que pode haver outra língua, e não há géneros literários que resistam: apenas um eco ininterrupto, um magma mortal, palavras fora de todo o alcance. Porque «o reino que lhe coube não tem cadeias, só ritmos e melodias.» Sejamos dessa música os escravos.

UM FALCÃO NO PUNHO (fragmentos)

Herbais: a ilha para onde nos dirigimos tinha sido riscada do mapa; a não ser que o lugar onde nos encontrávamos, desprendendo-se dos prados firmes, nos levasse para ela.

Os dias já não são o que eram; nunca havíamos suposto que seria necessário recorrer tanto à escrita:

> «si l'on pousse assez loin dans le langage,
> on se trouve pris dans l'étreinte de la pensée.»

a perda do mar pela areia é inevitável; da vela que arde à folha que respira, o seu rosto permanecia sempre latente; e qualquer objecto estava sempre a ser rodeado por ela.

---

esta noite, sempre que acordava, ouvia uma frase que, finalmente, exprimia com clareza os meus sentimentos particulares: aparelhar as velas. E fazia a seguinte per-

gunta: se sou, por natureza, um nómada, por que planto árvores e arbustos mal chego a um lugar, e depois desejo levantá-los do jardim, para levar comigo quem tem raízes?

trabalho agora de uma maneira um pouco dispersa, obedecendo a impulsos, e a muitas ideias que se perdem; hoje, quando escutava *aparelhar as velas* e essa ordem alvoroçada me dava alento para partir, senti que passar da fase de estar consciente à de escrever requer um papel sempre à mão, e uma interrupção voluntária da vida quotidiana. No fim, o texto reflecte, faz-me aderir ao meu próprio íntimo, e ao meu próprio caminho.

Aparelhar as velas foi hoje o meu oráculo, instrução dada ao espaço em que eu habito em Herbais, e onde faço «criação de perguntas». Não é uma metáfora, é realmente a ordem de deslizar de Herbais — o eremitério. A dor de o deixar, e a alegria de partir, ficaram em equilíbrio; é uma época assinalada por uma experiência importante — de um lado, isolamento e abandono, do mesmo lado arrebatamento e transporte. O «encarceramento» tem relações com as cenas fulgor de que eu não suspeitava quais eram os elos.

Aqui tivemos o ante-gozo do que era o deserto, sem sermos propriamente testemunhas oculares do sol, da extensão seca, e da areia; deixei-me enternecer por este lugar despovoado, por estes habitantes que vivem normalmente em sítios secos. Fulgor, tentação, e a sequência regular da incomunicabilidade. Neste ritmo gostaria de lançar os fundamentos de *Lisboaleipzig*.

à beira de um barranco havia um animal morto, que julguei ser um monte de terra. Mas um fio de sangue, e uma forma hirta de quadrúpude, desenganaram-me. Da morte à vida ia uma forma maleável, um pêlo brilhante, e um olhar denso, e parei hesitando entre se não seria a minha jovem gata *Melodia,* ou então o gato desconhe-

cido, uma sombra universal de gato. Como dar sepultura era oferecer o refúgio do desconhecimento às sombras perecíveis, transportei-a para melhor lugar, e abri uma cova: se fosse a minha gata Melodia, não a tornaria a ouvir. Embora sabendo que a ronda, naquela *cena fulgor,* era da vida à morte, e não o inverso, pus-me a juntar seixos nas mãos dando-lhes a significação de lembranças amorosas. Levantei-me para seguir a minha descrição da viagem com as duas imagens: a de um animal voltando para mim, e a
de uma coisa,
irrisória
forma
moldada
sobre
um esboço
de ser
vivo,
ou com o aspecto longínquo de ser vivo, porque se afastara da vida para parte incerta.

Por isso os mortos são para nós vagabundos, e com essa forma nos damos com eles, desejando que passem longe da nossa porta.

Levantei-me antes da luz (cedo),
envolvida pela pergunta como permanecer no conjunto das pessoas do meu sangue. Não dou importância a que já vivi com outras pessoas, na mesma casa, que já convivi familiarmente com alguém. São já nove horas da manhã, mas ainda sinto os efeitos da madrugada. Afastei-me do movimento do Augusto, da minha mãe, da minha irmã, que se levantam e, tomando café e comendo fatias com manteiga na mesa da cozinha, procuro perceber os meus sentimentos e ideias, determinar o seu lugar escondido na invocação do labirinto. O canto do galo, a urina de Jade no muro, os gatos de idades diferentes à volta do prato, e o chacal que me faz andar à roda, no interior de mim, e uiva à minha serenidade. Não

me reconheço apenas uma mulher, mas um anel, com algumas feridas. Fundada na luz que se eleva na cozinha, e que desce, condensando-se, da bandeira multicor da porta da entrada, junto-me a Spinoza, para subjugar o meu chacal, com a sua geometria; mais uma paixão, mais um momento de ódio, mais uma hesitação, mais saber que se transforma em fio subtil de poder, mais um instante de medo, eis o dia. É o sinal de que a madrugada está a passar, decompondo-se nos seus elementos, e vestígios. Por mais sombrios que sejam os dias, a companhia de Spinoza não me deixa nunca ficar muito tempo sem a terra, o ar, e o fogo.
Arrastador.
Alvor.
Insuflador.

O alvor que se anuncia na parte superior da porta com as outras palavras pertence à minha génese, e impeliu-me para fora do país de uma única língua; é preciso dar várias inteligências à língua reunida num todo, que só tem uma corola.

O meu país não é a minha língua, mas levá-la-ei para aquele que encontrar.

Não há literatura. Quando se escreve só importa saber em que real se entra, e se há técnica adequada para abrir caminho a outros.

Hoje sonhei que, nas janelas da lembrada casa de Jodoigne, tinham colocado folhas com notícias de uma revolta que ressuscitaria a cidade. À entrada do portão estavam suspensos enforcados, e pouco me sabiam explicar de que caos se tratava. Não me tranco em casa, e desço à rua que está quase deserta. Durante a noite não o soube, só soube mais tarde que um bando de mulheres e viúvas, presos e soldados, atravessou a cidade, e se prepara para voltar ainda algumas noites. Os enforcados que deixaram

em diversos lugares, não são membros do clero, e mosteiros, são eles próprios. E são pseudo-enforcados porque, de facto, já estavam mortos e, se os colocaram naquela posição, é por um dos gestos de loucura que os sedentários costumam atribuir aos peregrinos.

Não sei se hei-de enterrar os mortos, ou deixá-los como títulos comprovativos de direitos. Mas se já estavam mortos por si mesmos, que sinal adormecido representam na cidade?

Há um que reconheço.

Se, ao menos, eu pudesse reflectir com absoluta honestidade, adivinharia com que intuito fora pendurado este pobre. Tinha havido uma boda e nós, levando o seu prato, assistimos pacientemente a que lhe dessem comida, sentado, com outros, no chão. Ficara tão só pela sua mansuetude, no meio do bando, como eu, quando a verdade partir.

RUY BELO

Nasceu em S. João da Ribeira (Rio Maior) a 27 de Fevereiro, 1933. A morte veio a 8 de Agosto de 1978, em Queluz. Pelos motivos habituais dessa dialéctica bem portuguesa que se ilude no luxo de fechar portas na cara dos poucos vivos, enquanto refocila em tudo o que feda moribundo, a Ruy Belo iam-no ignorando. Bom, a sua passagem pela Opus Dei também o prejudicou bastante. A obra tem vindo a ser coligida por 4 volumes graficamente lastimáveis. Assinalável a tradução de *Moravagine* de Blaise Cendrars.

SERVIÇO DE ABASTECIMENTO DA PALAVRA AO PAÍS

Vieram ter comigo dos lados do mar. Eram três, eram três mil. Vi que era pão que procuravam ou que não era pão que procuravam. Pus-me a distribuir por eles as minhas palavras: árvore, pássaro, mar, criança, rapariga, mulher. A cada palavra minha eu ia-me esvaziando. Era a vida, a minha vida que se me ia. Eles ficavam incendiados. Nunca tinham pensado que se pudesse comunicar assim coisas próprias. Vieram mais, muitos mais dos lados do mar. Disse-lhes: morte, Deus. E caí redondo no chão. Naquele dia ficou instituído o Serviço de abastecimento da palavra ao país. Ainda vieram ter comigo, dizendo para eu arranjar outra designação, que aquelas iniciais não podiam ser. Mas eu já habitava plenamente a minha morte, meu planeta desde tenra idade.

■

Homenageio a tua primavera em flor
alma precocemente iluminada
que pões a salvação no mais profundo risco
o silêncio dos olhos sobranceiros
na predestinação da profecia
suavidade um dia em minha morte
com o olhar imerso na tristeza
Povoavam pássaros a noite
tudo era pensamento para mim
e as palavras só vinham depois
Ó meu país longínquo donde venho
nessa nuvem de vida sobre a minha morte
Na manhã combalida do domingo
na primavera dolorosa dos teus passos ruy
ao tempo de uma má reputação
o metro tem a voz de um cordeiro triste
É isso apenas isso e o demais são
a morte e a nascença dos contrários a
fórmula da ternura e do sossego
abismo de ameaças nos seus olhos
regiões insondáveis e inacessíveis
pequeníssimas flores da memória
relâmpago dourado do olhar
os cheiros acres das redondas cavidades
a tua boca de ouro de onde voam as palavras
animadas figuras do meu sonho
os peixes negros e dourados das recordações
olhos brilhantes de animais desconhecidos
coisas que por pensá-las eu as sinto
Os dias diminuem é outono
alguém alguma coisa me virá desse distante bosque
O que dirão de mim o castanheiro
os rostos múltiplos trazidos pela tarde num momento
a verde zebra que nos campos vibra ou
papoila rubra que no céu me sobra?
Mas amo muito mais amo o bem e o mal
os campos no outono moribundo

no meio do inverno a casa acolhedora
estranha companheira dos meus dias
demónio de demência e desespero
ao longo do caminho no outono
O receio da morte é a fonte da arte
Eu amo a embriaguez vasta dos espaços
a canção inquieta do amor as
alturas coloridas do outono
Não se pode dizer muito melhor
na monstruosa veemência dos sentidos
e sinto-me perdido de tristeza
entre esses longos nomes das mulheres casadas
Houveram morte às minhas mãos as cartas
os aviões nos distribuem por países
saem de um centro partem nas mais várias direcções
farejam na distância os seus destinos
retalham-nos o espaço em sulcos divisórios
Por onde corre agora a fonte das suaves raparigas?
Ficou na casa o meu lugar vazio
levo a desgraça como um braço ao peito
e árvores ao vento neste dia
e sombra ao sol deste meu dia
Queimam as folhas no parque del oeste
o tecto é baixo o sol está quase a pôr-se
tenho nas minhas mãos três notas do país amado
Esta manhã falavam-me de málaga
e de súbito no meio desta névoa
abriu-se o céu de há anos no verão
Éramos tão jovens nesse tempo
que não sabíamos sequer que nos amávamos assim
e discutimos junto ao porto e regressámos separados
ao hostal onde estávamos aboletados
E tu de olhos no chão reflectias o vulto entre as águas
e não havia os filhos éramos os dois apenas
mas enfim foi há pouco posto que inda hoje brilha
a moeda nesse ano posta em circulação
e que acabo de ter nas minhas mãos no bar
Não me farto de contemplar
o braço esquerdo e a perna direita
que cortados de mim não me pertencem mais

Tu foste sempre reino sobre ti
e o meu desejo é seguir do alto o tejo
Que depressa se esfuma uma cidade no ar
não são sequer as nuvens nem o vasto espaço
basta um golpe de asa que roçando limpe
o pára-brisas próximo horizonte
Pensar é estar alguma coisa a mais
pensar é o que sobra da respiração
pensar é o que não nos leva às coisas
pensando se antecipa a própria morte
O receio da morte é a fonte da arte

■

FUGITIVO DA CATÁSTROFE

Eu sou um fugitivo da catástrofe
mulher que tens por nome solidão
Envolto numa aura de tristeza
alumbro com profunda voz de órgão
obscuros territórios da imaginação
Nunca na tua vida te ouviram cantar
a tua juventude restaurada
É em madrid que longe mais gosto de ti
do teu único rosto oposto à solidão
Deixaras de servir havia muito
sulfúricas profundidades demoníacas
e o mundo foi triste para sempre
Somos da terra quando sob a terra
temos uma pessoa de família
e há costumes de pássaros velozes
espaço de solidão e esquecimento
Vê-se que um morto está muito sozinho
choras à chuva choras duas vezes
À cor da claridade do crepúsculo
por teres chorado no ventre da mãe
havias de nascer de olhos abertos

O meu entretimento é sentar-me a esperar
os visitantes dos meus pesadelos
Era uma quinta-feira era um dia
assim aprenderei a ser um homem
criatura hermética e hostil
de intuição forjada na desdita
Conheço os utensílios do bem-estar
se não receio deus temo os metais
e fujo dessa peste da insónia
do universo da imaginação
da matéria cansada do manejo
Um meio-dia unânime na terra
ultrapassei a margem do conhecimento humano
os mensageiros da concupiscência e
definitivamente solitário
venci a fantasia pelo menos
Até então não morrera ninguém
por isso não havia cemitério
Como se em algum lugar do ar
a música existisse realmente
as pessoas velozmente andavam
com seus pés sigilosos pela casa
Se um único nome alguém teve alguma vez
e que com dignidade o transportou até morrer
e num estado de alucinada lucidez
conheceu os deliciosos peixes das insónias
no inútil costume de dormir
na fidelidade sua eterna à vida
realidade tão reconfortante
como esse deslumbrante resplendor da alegria
eu canto os grandiosos pés caminhadores
por um desolador esgotamento
no volume do pão quando amanhece
na clepsidra secreta do meio-dia
que me chega intacta de distância
Cheguei aqui onde hoje estou
por uma alheia secreta madrugada e
vi a mulher sem peso nem volume
cheirando às flores murchas dos cabelos
Meu deus como arrancar à solidão os mortos

a essa morte que há dentro da morte?
Inclusive os mortos envelhecem
obedecendo à sucessão dos anos
Que é das ruas antigas de grinaldas e flores dos
salmos inteligíveis da alegria
da lâmpada de azeite acesa para sempre?
Aconteceu no átrio das begónias:
ao alvedrio da morte abandonados
ninguém mais reparou no seu amor
Eu transporto sardinhas portuguesas
estou fora do alcance dos cuidados
apesar das pressagas chuvas do outono
Resta-me ainda o café isso me resta
um silêncio odoroso a flores murchas
num ajuste de contas com a vida
Sou alto como a própria solidão
mas sob aquela madrugada lúgubre
com a obstinação recôndita dos mortos
eu sofro muito mais por possuir um nome
Quando mordias um secreto pranto
nos bocejantes domingos da morte
gostava de andar de quarto em quarto
entre as algas da minha intimidade
Nesta outonal paixão dos meus sentidos
já entristeces na distância larga
cavada como vala entre nós dois
Coração condenado à incerteza
custou-lhe enormemente a descobrir
os privilégios da simplicidade
pelo ar azulado da neblina
Sempre o melhor amigo é o que acaba de morrer
Uma tarde de agosto oh o mês de agosto
chovia tristemente nessa tarde
Passei aquela tarde a ver cair
uma chuva miúda nas begónias
sítio onde apodrecem os afectos
um animal feliz um artesão sem nome
Passei aquela imensa triste tarde
a ver pela janela os velhos plátanos
por fim a invencível claridade do verão e celebrei

um honrado contrato com a solidão
naquela ao fim imensa noite de cavalos
à solta num novel jardim de nardos
Comi melão já nos finais do verão
quando aprendi a versificação latina
e contemplei a minha solidão
Cada dia mais próximos da morte vemos nela
uma mulher de cabelo afinal comprido
cava profundidade do silêncio
O que se pode é contemplar a chuva
espero que passe a chuva pra morrer após
os sóis de três verões consecutivos
Disponho por cadeiras os meus mortos
o tempo que gastavam em gastar-se
segundo um centro de recordações
E são recordações indestrutíveis
um comboio que passa toda a tarde
os prados da definitiva morte
a criança outonal e solitária
perdida entre variadas violetas
à hora prima das amendoeiras
os salmos lúgubres do fim da tarde
Encontro-me nas vértebras do sábado
vou até ao passado por desfiladeiros
murmúrios de gerânios já antigos
na última manhã da minha terra
Não quero saber nada nada importa
Há é gente que acerta gente que erra

PEDRO TAMEN

Senhor de uma poética da beatitude religiosa, por um lado, e da validação dos nadas do dia-a-dia, por outro, inaugura a linha de pensamento que se estende até, por exemplo, o intimismo vibrátil de Moura Pereira. Nasce em 1934, Lisboa.

Amigo, temos veias importunas:
não é o sangue que arde, mas nós que o violamos
e trazemos de longe aonde estamos
ausências de vento nas escunas.
Por isso a custo navegamos
quase com raiva ou medo ou até pranto
— que o vento é sempre santo.

■

Para que alguma coisa seja minha
no concerto do dia
nota para esquecer assobio falhado
escrevo estas palavras atrás do tapume
enquanto aqueço as mãos na fogueira do guarda
e a obra abandonada em ferros e cimento
espera o dia seguinte a voz do contramestre
a eficaz função das ferramentas

Escrevo então muito leve ágil como um pássaro
na larga folha branca ao canto mal memória
o meu nome pequeno talvez abreviado
e assim o deixo posto presente mas sem peso
fácil de arrancar quase já mudo
para que alguma coisa seja minha

FERNANDO ASSIS PACHECO

Nasce em Coimbra a 1 de Fevereiro, 1937. A sua poesia tornou-se conhecida pelos estigmas de uma guerra colonial que, ora finda, nos liberta a leitura para outros prismas. Tem policopiado avulsamente a sua poesia; do mais fresco na cronologia fica a chamada de atenção para *Nausicaah!* (1984): «o mais simples verso/tem grandes manchas cicatriciais».

CAMPO DE OURIQUE, LISBOA: OS CHEIROS

Sobre os cheiros podia falar infindavelmente o do amor
[é o mais feliz
aos 7, 8 anos eu tinha já as narinas despertas para o
[esplendor das rosas
antes de me curar dele para sempre amei o rasto da
[pólvora nos foguetes
sobre cheiros conheço uma quantidade de coisas que
[ninguém compendiou

soube mesmo num dia melancólico de Outono
que cheirando a azedo foi porque me gastei por dentro
aquelas taxas de que se morre não estão famosas e
eu devia cheirar como — como o pasto as ervas doces!
[muito!
como as rosas! e só depois ficar pregado (seco) no muro
[de adobe

■

OS CÃES

Eram loucos. Alguns deles eram loucos,
parados uma tarde inteira ao pé

do arame, esquecidos, sobre o pó,
gemendo lentamente, sei
de fonte segura que eram loucos,
alguns brutíssimos, rodam
um dia inteiro, rodam sobre si
próprios incansáveis, e ladram,
ou gemiam apenas, lentamente
como um sopro de vento
quando dá no capim, ou sobre
o pó gemem esquecidos, deitados,
furiosos, ladram, loucos
uma noite inteira, brutíssimos,
coçando-me incansável nas
pontas do arame, e logo ladro,
gemem, «está um trapo», uma merda,
a merda destes cães deitados
porque em pé, percebes, eu já
não (aguento) e fiz o possível,
fizeram o possível por apenas
gemer somente, cães que somos
dez, vinte, chama-me «Niassa»,
ou «Tejo», vinha deitar-se aqui,
e principalmente rodam, rodam sempre,
vou rodando à velocidade
incrível da bala. Eram loucos.

■

MONÓLOGO E EXPLICAÇÃO

Mas não puxei atrás a culatra,
não limpei o óleo do cano,
dizem que a guerra mata: a minha
desfez-me logo à chegada.

Não houve pois cercos, balas
que demovessem este forçado.
Viram-no à mesa com grandes livros,
com grandes copos, grandes mãos aterradas.

Viram-no mijar à noite nas tábuas
ou nas poucas ervas meio rapadas.
Olhar os morros, como se entendesse
o seu torpor de terra plácida.

Folheando uns papéis que sobraram
lembra-se agora de haver muito frio.
Dizem que a guerra passa: esta minha
passou-me para os ossos e não sai.

ÁLVARO LAPA

A tentação íntima de vertigem deste pintor-escritor leva-o para os lados da autobiografia, do diário de bordo e da caixa preta. A sua influência é determinante para aqueles que pelos anos 80 se iniciam quer na pintura quer na escrita; aqui enumeramos todos os seus títulos: *Raso Como o Chão* (1977), *Porque Morreu Eanes* (1978), *Barulheira* (1982) e *Balança* (1985). Nasce em 1939.

A COISA CÉREBRO

que coisa cérebro... Isolado, retirado, colorido (levemente) e posto a pastar, o «cérebro» é um animal doméstico do subjectum. Dois hemisférios irrigados, e um grande casco equídeo para cada um deles, e eis descrito em sua forma mais um dos excelentes companheiros do homem total.

são complemento da nota anterior, os seguintes contos:

I *O DIAGNÓSTICO*

Um jovem tinha um cérebro artificial chamado diagnóstico. Um dia fez-lhe três perguntas e o cérebro não respondeu. Como era jovem teve medo e logo a seguir fez-lhe mais duas perguntas. O cérebro respondeu mas estava errado.

II *O SÍTIO DO SILÊNCIO*

O cérebro de um homem estava inutilizado pela discórdia. De que motivos eram os dessa discórdia, ele não poderia evidentemente dar conta. Nem dar-se conta. Apenas, — mas que sentido tinha afinal essa restrição —,

quando muito, ele poderia referir um lugar enorme, a alargar-se como um rasgão, imaginava-o como um lago rodeado de juncos e outras plantas lacúfilas, e chamava-lhes algo literariamente «o sítio do silêncio». Olhava-o em imaginação, com pleno domínio da sua configuração, e realizava-o na perfeição, fosse onde fosse. Que truque!... Que tanque!...

■

O DESERTO

O deserto sem nexo, inesperado, tal como surge metaforicamente sentido no imponderável percurso de além-tréguas. Sobrecadência de algum meio-dia já percorrido, já esgotado (em corridas, em percursos múltiplos), e aí se anuncia um excedente percurso a acometer e nesse percurso se revela o deserto. É a experiência pura da terra abrasada, desassombrada, enigmática de neutra. Estranha ao caminhante. Envolve a luz, a distância e a mortalidade consumada do caminhante. A finitude, e os vários amarelos dessas horas solares. Meio-dia, ou mais uma, duas, até sete meias-horas após o meio-dia: as horas magnas da insolação desértica. Em qualquer estrada anexa a um lugar povoado, ao sul. Espírito dos lugares circunvalantes, nas 7 meias-horas do meio do dia, ao sul. Experiência que pode ser instantânea, intervalar. Basta que surja sobre, a mais que, a cadência adquirida de uma manhã esgotada. É nesse além-tréguas, nessa sobre intimidade que o deserto consiste. Ir de rastos, a-té-ao-fim-do-es-pa-ço.

LUIZA NETO JORGE

Nasce em 1939, Lisboa. Aos tiques da Poesia 61 deve a sua obra cada vez menos. Também, a passagem dos anos, vem revelando quão nada importa se certo surrealismo a contaminou. É Autora de um livro seminal, a ler a uma luz diferente: *Os Sítios Sitiados, 1960-1970.*

O CICLÓPICO ACTO

Daquilo que mais o tempo ou mais um século apenas
matriz mais perto da erosão
por desejo realmente nosso de loco-
mover as regras em torno desta loucura
mansa
PAGANDO por estranho que pareça a pronto
o prazer a prosa moribunda. Outras civilizações
precárias, bem sei: futuras. Basta os jornais proporem
flutuações e câmbios; dias de címbalos de tantans de
klaxons
para o tempo sorver sorvar a fruta fruírem da tenebrosa
orelha nossa. Alti-falando daquilo que mais ou menos

«O tempo que estive à escuta!...» Máquina de oscilar
e Artaud dizia: os limbos. Ou nem isso.
Pulso aberto com seu remoto
relógio posto, o sol.

chorar ou rir? Um medo tal!
Descobrir um rastro, outra versão de, às cegas
outro corpo onde se expanda. Deseja-o
por exemplo e ele não pode — parece-lhe —
parar so-

cialmente. Postado na rocha
hipnotizando o mar acrílico.

É uma solidão (orgíaca) a de ambos
(querê-la!) impele-a, hasteia-o
(querê-lo! requerê-la!)
Tu mesmo aéreo, e tuas altas partes.
De perto vigiando o ar: o avião de Tróia.
Absorvente e absorto; inspirador e expirante.

...uma solidão (bis)

alegria redundando na configuração de um ventre
cheio como dizer-se: *nasço* do nosso assassinato
mútuo. Desde a terra tremenda.
Sóis remotos.
enterrando-nos, rendidos, rindo.

a alegria redundando nisso, um no outro, violação
das fronteiras onde poisar vivo. O pacto de
tu na paisagem (crespa) (verde) reatando
o teu dizer. Meu! — Que haste turva, que torvo
equilíbrio triunfa sobre. Morrermos já.

membrana prestes. Já. Revoar um pouco,
de encontro à montanha afro-
Dizias: «cofre». Abriu-se. Riu.

seu cinto de
castigar-te telefonando cingindo-te pela voz e daí
para a língua daí para aquilo que já é conivente
como o são pai e mãe, Diónisos, Eros, Ariosto, Abelardo
TODOS!

Uns: cremes, espumas, espermas, cuspos — outro:
mais barato, mais húmido, mais tu-me-
-fac-to comovente a simples confissão: «teu, tua».

Traz-me o pequeno almoço entre vinhas virgens!
Traz-mo de rastos! Um golo dessa bacia
de água viva!

Inicia-se, portanto, o cicló-
pico acto.

o falo perfurar (escravo!) a negra zona
de minas e armadilhas
quase amor quase já dois sangues da mesma família

oriundos do planalto: aedos, feiticeiros,
apóstatas, prosadores. Um con-
texto estridente texticular

selvagens! ensanguentada exclamação!!!
por toda a encardida via
láctea bebei passai agora
com a vossa gleba, a vossa glande.

arte inflamatória festa improvisada
para se parecer mais belo (a última
beleza) sexo anár-
a rebentar pelas costuras, escarlates: ele,
solar, multiforme, e tu: a debandada, contempladora
imagem da tesoura da agulha e do dedal.

Sob o teu dedo erigido em quê e para quê? nenhum
potro. Semi-
-deuses à espreita pela tua fenda, Baco o

desmembrado insere as esporas
na destreza na pressa com que fo-
gem e gemem as cabras, as éguas volumosas, as super-
-águias, pressentindo, embora,
ventos e luas e sismos e marés.

Que tu nunca deixes pôr que tu nunca rolando pelo chão
que tu num porto, enfim, português, sobre a espuma que
ao verso não chega por acaso, imagem para coito mais
para se parecer mais íngreme (o último espelho: belo!
belo!)

mas a caligrafia desagrafa a blusa. Em se disfarçarem de
cruzados, em serem assim eles os primeiros viris
À prima! com seus três
mastros de virtude: a fé a espera
a caridade jovem de vinte e tantas primaveras.

Que não houve nunca gentes que emigrassem dessas
revoltas vigorosas águas, em pé, com peixe até aos ová-
rios até às guelras a ponta fenícia da nau cravada
no fundo

à conquista daquelas especiarias que eram o sândalo a
pimenta a aventureira nádega.

FÁTIMA MALDONADO

«Um homem que escreve ou se interroga deixa de pertencer ao seu sexo. Escapa mesmo ao humano.» (Yourcenar). A haver alguma espécie de legitimidade na comparação de Fátima Maldonado a Cesário, ela seria um luciferino ajuste de contas com este deus da urbe. Qualquer dos seus livros está aí para atestar o dito: *Cidades Indefesas* (1980), *Os Presságios* (1983) e *Selo Selvagem* (1985). Nasce em 1941, Santo Amaro (Sousel).

O PONTO MAIS OCIDENTAL DA EUROPA

Em Sagres obesas criaturas
desferem ouros contra a beleza
que sangra de olhos postos em Miguel.
Obscenas peúgas
abusivas sandálias
dilaceram mercedes a gasoil
e mais atrás
arreganha-se o dente da roulotte
o reles instinto de polícia
sacode o cão
no mesmo torvo impulso contra nós.
Quanta raça nas damas
ao subirem patíbulos
o garbo dos mancebos
ao perderem cabeças
ao deixarem o mundo
depondo na garganta
guilhotinas
(apenas um adereço
somente uma *parure* sanguinolenta)
a mesma graça ao despedir o lenço
usava antes no pôr da gargantilha

um brio mordaz no lento caminhar
o desafio airoso no repuxe da luva
ódio galante ao sofrer o degrau
para que velhos cortiços
cheios de mel azedo
cruzem anéis à frente de barrigas
não sucumbam às nossas diarreias
e se babem à vista de artefactos.

■

FUNDO DE DESEMPREGO

Uma borboleta, um colar de coral
o rapaz não quer saber de competência.
Está por agora aqui
amanhã pode sentar-se noutro lado
não tem opinião sobre coisa nenhuma
e nada nem ninguém o desconvocam
do seu concílio com a indiferença.
Veio de Colónia e na volta é semelhante
suprimiu hamburguers
com pescadores ao lado.
O resvale da tarde sobre rochas
não lhe prega na alma
precipícios.
Um ocaso onde há melancolia
desperta-lhe a contra-gosto
recessões
e perde tempo a descobrir ao sol
a loura rapariga inanimada
enquanto apalpa
na bolsinha a erva.
No outro dia é com resignação
que se saúdam
e a tarde nos contunde
mineral.

■

INVOCAÇÃO A MYTRA

Há duas luas que estão em capricórnio.
Implorei: Amor se for possível
acostar no meio da intempérie
degolarei dois pombos
e o fígado de bode carbonizo
em tripés de amianto
o louro te ofereço
se mo deixares extrair
da noz onde embarcado
não singrou.
Violar-lhe a mudez
a dádiva te peço
e que me doa a mão
o desbaste dos véus.
Exposto ficaste
no frontão do palácio
inocente azulando
o medalhão cativo.
Exposto permaneces
enquanto se fazem
e desfazem mercados
e velhas arrecadam
nos bolsos panaceias
e moedas de cobre
amordaçam tilintos
no cabedal sujo.

■

NOCTURNO

Quando ao adormecer
partimos à procura
da face dos antigos amores
que sufocados

renascem provisórios,
como se vai à pesca
levando numa caixa a isca torturada
ou na boca a faca se transporta
antes de mergulhar à procura das ostras,
entre as pálpebras sustemos
sem sombra de recuo
a fé de destrinçar por entre moribundos
os limos dos desejos, as folgas da tensão,
as faces dos amados.
É sempre em quartos baixos
de vidros sobre as portas
ao fundo de corredores
que se inclina a face por entre os nossos braços.
E quando os nomes saltam da boca em alvoroço
os ternos nomes libertos dos esquifes,
os lázaros no fim sempre ressuscitados,
a cabeça ao fazer o gesto do encontro
acorda o corpo vivo que se sente
enganado
e vai para a cozinha remoendo ameaças
deitar da cafeteira o jorro reluzente.

■

ODE A UM PEIXE CHINÊS
OU
O CONVERTIDO À MORTE

A fractura do crânio prolonga sofrimentos
há rigores invernais no chão do sobressalto
espasmos caudais salpicam pavimentos
na cozinha tortura-se o mar-alto.

Vibra no gume longínquo movimento,
a guelra fere a Parca, despenha-se a cabeça,
ao colidir a pedra renova-se o tormento,
os deuses estão à espera que pereça.

Ondulações caudais não acontecem
e pouco a pouco o tem submetido
sopro na bússola as rotas desvanecem
recuam náuticas do novo convertido.

■

AREEIRO/7 DA TARDE

Caminho na cidade e sinto na pulseira
o indelével trilho seccionado no ouro
pelo agreste grão da parede do quarto
enquanto implacável
maceravas a pele do meu corpo
recuando o avanço impunemente.
Nos dedos os anéis
— o cobre não se mistura ao ferro
mas antes faz engaste
na espessura do dito —
os anéis, dizia,
formam em cada membro um halo protector.
Há povos que conservam
poder sobre os metais
e fecham cada dedo
à invasão do individualismo.
Há um amigo que está em Nova Iorque
e não manda recados.
Gente se junta e passa ao nosso lado,
acre corrente segura pela âncora,
algema na areia.
Alguém cujo riso era aberto de mais
cravou no coração, tranquila, uma verruma,
o líquido injectado agiu *incontinenti*.
A tua sede agarra-me no braço
e torce-me por dentro.
Igual a um toco de figueira
estiolo na berma do asfalto
um prego me sustenta
naqueles brinquedos circulares

que crianças agitam
e nunca se descolam da parede
o rubro do metal
a zona vulnerável
um acaso te fez a descoberta.
Tenho em cada meninge um olho de serpente
que te segue as pegadas no encalce da morte.
Vacilante rodeias precipícios
que não se vão fechar
por eu desaparecer.

LEVI CONDINHO

Nasce no Bárrio (Alcobaça) em 1941. A narrativa da sua poética nunca pretendeu comover ninguém. *Saxofone* (1981) e *Para Que Alguns Me Possam Amar* (1977) trazem marcas da herança beatnick, mas isso não desfigurou o olhar o mistério da terra; confirmação absoluta em *Tentáculos* (1981).

Ia no 115 com uma dor metafísica nos colhões
à procura da morte em diagonal perfeita
a música é a música é a música
disse a tia Gertrudes quando compunha o programa
da máquina de lavar
não me digas que não há beleza no ar que ela tem
essa putinha
sapatos rasos com talas de tortura para a sífilis
nas unhas
e o mugir da bicicleta quando lhe sugam o leite
das tetas gordas
sobe o Popocatepetl em pedaladas à Gino Bartalli-o-Cató-
[lico
e o cardeal com um osso buco entalado no recto purpúreo
a muralha de urtigas na labareda dos teus olhos travessos
oh meu amor de qualquer dia
ámen disse a gazela fintando o rinoceronte
estúpido hipocondríaco
ámen disse o gatinho no colo do útero
acaso o acaso faz rima com o acaso do acaso?
rima de merda numa sublime exaltação escatológica
e o reviralho da altitude em voracidade alarmante
para a consolação dos mortais e o desconsolo
dos que partiram
maldito seja quem te inventou oh spleen oh letargia
vou-me embora quando a porta rebentar
bom dia

■

ESTA VIAGEM

a modelação da matéria ao longo da paisagem
os troncos das árvores falos sustentando
a verdura impiedosa sussurrando na aragem do meio dia
as pedras afagadas pelas patas esconjuradas dos escorpiões
o automóvel segue pela estrada contendo a família tres-
[noitada
atentos vão ao aparecimento súbito de um rio uma falésia
uma coloração inesperada
o coração do poeta está no centro do movimento emitindo
os seus tentáculos fremindo
as narinas
na cidade interior havia uma velha igreja e o vinho
bebia-se na pia baptismal
era um vinho antigo e intocável — reserva dos santos
e dos perversos
não há definição para a saudade daquilo que não existe
já o Pessoa o disse doutro modo
não há parança para as alegrias comedidas da viagem
matéria e espírito e andamento aragem fogo brando
as botas do aldeão à frente do carro de bois
a vara ao acostumado ombro
ai daquele que lamenta qualquer pequena flor deixada
[atrás
outras flores surgirão entre os cardos e as bostas
e o resto é metafísica (dirias tu oh sábio)
quando eu estava no alto da colina e suspirava de alívio
quando eu morria de amores por um lagarto ao sol
quando ao suicidar-me jurei amor à terra

■

Juro uma vingança grave sobre
toda esta falta de viver
juro uma treva um nó de madeira obsessivo
uma mancha de podridão na abóbora

ou no pepino enroscado na terra aguada
juro uma unha roxa no rouxinol amado
um ponto negro nas tuas nádegas de concurso
um baque no peito uma recusa no planeta mais visível
juro o estalar da pedra nas patas do sardão
juro o próprio sardão
juro os teus mamilos na raiva do silêncio
juro o bornal apodrecido de Kerouac em Bordéus
onde a viagem morreu na baiúca do vinho
juro o vinho (a) martelo no resvés das pedras calcárias
basalto cilício cortiço de zângãos
juro as águas de velhas torneiras ferrugentas
e palavras e signos e símbolos sublimes
odeio Céline do meu lado esquerdo
e amo Céline do lado direito
ficando por cima como arcanjo astuto
juro mordendo este copo esta trégua este luxo
este ser disponível para tudo abrir
caixa de veludo calo do mindinho erva de plantar
no jardim falido de um ânus loiro profundo
ânus olho juro

NUNO GUIMARÃES

Nasceu em 1942, Vila Nova de Gaia; morre em Agosto de 1973, leucemia. A sua escrita denota, sintomaticamente, como o neo-realismo exausto deveria retomar pelas descobertas de Carlos de Oliveira o caminho e o tempo perdidos. De *Corpo Agrário* (1970) a *Os Campos Visuais* (Maio, 1973).

OS DIAS REGRESSIVOS — FRAGMENTO TERCEIRO

I Campos de ira, tão vasto sentimento
vos afasta. Íris morta! Os actos radicais
constroem, em projecto, um frágil
universo — a tinta, o espaço óptico.
Descansam os sentidos sobre pródigas
defesas: os filtros turvos, as precauções
na sua cura. Os nervos tersos
da análise da vida e da matéria.

II Desviam-se dos livros. Hoje escreve
contra a morte dos olhos, a existência
passível de leitura. Ineptos, os sons
perdem-se na encosta. O vento fere
ainda? Inscrito
na área da cabeça, é esse rasto
ainda vivo. Domino a sua queda, os seus poderes
plumitivos, a sua força hereditária.

III Persistir no imutável. Preencher
os anos que nos moldam
no vigor da fibra, no duro movimento
interior — a que destino, a que imaturo
ritmo, sem preço? Pois é o caro
prémio deste dorso,
de o cumprir, pensar, até ao fim.

Ou de saber adestrá-lo até que,
exausto, só impulso
vigore — a morte lida
num próximo sentido, ainda vivo.

IV Como contacto único, a distância
entre as frontes. Solidários, os campos
de visão? Fonte comum, brilho, sintomas
de amizade? Tudo o que, fora,
comovemos. O ar, as linhas variáveis
do horizonte, comuns,
reflectidas. Assim crescemos,
paisagens de uma lógica imprecisa.

V Uma lógica preside a esta noite.
Expulsa as sílabas, destrói a ilusão
dos livros, é táctil e real. Assisto à
sua composição, perdida a luz
e os reflexos: o breve ritual
da desfocagem, o movimento científico
do sol; os crânios submissos
entrando na penumbra e no exílio.

VI Nos dias revelados, na posse do que dita
o pó e as vigílias, nessa lenta
profusão de imagens e de rostos
traídos, roídos de beleza
— um dorso decomposto, deitado
sob a treva. E a cabeça
inclinada
cada vez mais no seu lençol.

VII Ordem exterior, sentidos renitentes
à aniquilação, ao extermínio. O problema
de uma moral primeira, de sinais.
É o lugar de um movimento, de imutável
fidelidade nos limites.
Suporta-se o silêncio. A crosta
do imóvel. Mas quem exerce
este poder primário e punitivo?

VIII Descemos para o mar. A economia
dos gestos, da matéria perecível
é árdua e inútil. Os deuses cegos
perderam o seu brilho, sobre as águas. Rodeiam
a pupila, cansada pelo sol, enfraquecida
pela acção dos nervos e das vagas. Reproduzem
imagens lógicas, construções sólidas
e rígidas. Todo o rigor possível
destas praias.

IX Mas nada aqui, embora estável,
nos redime do fim e do excesso,
viáveis à demência.
Exíguo, o pensamento constrói
paisagens sóbrias: um rosto
magro, insociável, corrompido
por hábitos marítimos. A sombra
intensa e dura. A exímia
e nítida cegueira.

X Quem poderá deter a extrema
organização: os nervos dispersivos, os gestos
do saber, os tensos soros
despendidos — a perfeição perdida?
Domina-se o crânio, a pobreza do
espaço, na mais áspera mestria. Junto
aos pulmões descobrem: as formações etílicas,
o pó, a ressonância. Ainda quentes,
os órgãos de um ser vivo.

JOÃO MIGUEL FERNANDES JORGE

O *Livro das Mutações*, livro de oráculo chinês, organiza a Força e a Ordem consoante o mundo das plantas. Des/Enrolando o nó sacro. Dinâmica fototrópica alternante. Vaga e ressaca. — Aqui, trata-se do yin. Nasce em 1943, gémeos, no Bombarral. Para além de uma crescente obra poética cuja quintessência se encontra reunida em *Crónica* e *À Beira do Mar de Junho*, o seu livro de apontamentos sobre as artes visuais, *Paisagem Com Muitas Figuras*, veio produzir leituras inauditas sobre os Autores versados. Por insolvência dialogal não pudemos reproduzir aqui o poema *Páginas da minha vida* (vd. *O Regresso dos Remadores*), nem aquele outro que tragicamente se inicia *Como estou farto do meu trabalho* (vd. *À Beira do Mar de Junho*).

MANUEL ANTÓNIO PINA

Nasce em 1943, a 18 de Novembro, no Sabugal (Beira Alta). A importância do seu primeiro livro (1974, Maio), *Ainda Não É o Fim Nem o Princípio do Mundo Calma É Apenas um Pouco Tarde*, excede em muitos ângulos a meia dúzia de linhas com que o contemplamos. Colagem, citação permanente do lado cáustico cesarineano (pela via de Nicolau Cansado), sincretismo Dada, eis alguns dos instrumentos vários de uso numa poética hoje recolhida à filosofia e ao trajecto iniciático de Pessoa. Noutro registo, são particularmente gostosos os seus textos infantis, pela fluente invenção quer fonética quer retórica.

ANTES DO PRINCÍPIO

Este é o traidor, o filho,
os seus puros olhos páram
debaixo da própria cabeça,
em silêncio percorrem a Morte

o passado, as palavras omitidas.
Só aqueles através de cujo horror
a Literatura escreve
se tornam faladores.

Aqui está a calúnia, o silêncio,
aquilo que não tem nada para dizer,
eu morro debaixo de isto e de tudo
e tudo isto é sabido em mim.

■

O QUE ME VALE

o que me vale aos fins de semana
é o teu amor provinciano e bom

para ele compro bombons
para ele compro bananas
para o teu amor teu amon
tu tankamon meu amor
para o teu amor tu te flamas
tu te frutti tu te inflamas
oh o teu amor não tem com
plicações viva aragon
morram as repartições

■

4 DE JULHO DE 1965

segundo fontes geralmente bem
os altos interesses nacionais
foi recebido carinhosamen-
pretende para fins matrimoniais

entre os países membros da otan
as suas provas de doutoramento
sua excelência o presidente da
a conferência do desarmamento

excelentíssimo senhor director
ardilosos amigos do alheio
nosso prezado colaborador
atrasos na entrega do correio

não perca esta excelente ocasião
da santa madre igreja faleceu
resposta em carta à administração
de casa de seus pais desapareceu

■

VAN GOGH MONDRIAN

uma vez um anjo apaixonou-se por van gogh e veio vê-lo
van gogh desenhou-o naquela cadeira, *te acuerdas federico*
[*bajo la tierra?*
o anjo depois foi-se embora e van gogh ficou com o tabaco
[estragado

mondrian também tinha um anjo mas o dele era mau
não se importava com coisa nenhuma batia-lhe nos olhos

■

TAT TAM ASI

Nós os maus caminhamos em
círculos cada vez mais estreitos
até ao centro de tudo, o silêncio de tudo
.....

(Nada é demais, porque existe tudo)
Na nossa terrível vigília
cultivamos técnicas mortas,
o pleonasmo, a pura repetição

Aqueles que afirmam tudo
existem já na eternidade
conquistaram a imobilidade e o silêncio
com sábia indiferença são sidos por tudo

ANTÓNIO FRANCO ALEXANDRE

Nasce em 1944. *Sem Palavras Nem Coisas,* em Novembro de 1974, trazia ao tecido poético a colagem dos ossos dispersos do Mundo, a que não era estranha a ressonância culta de e.e. cummings. Depois o Autor recolheu, livro a livro, a uma via íntima onde o cut up veio a ser ou subtilizado ou em absoluto diluído, do mesmo modo que os interessantes ruídos da cidade recuavam, domados.

COITO

todos os sítios presos como me pesa o braço de ouro
esta tarde de sandálias atadas ao coração com a boca
húmida de esperma & contraceptivos eficazes
escrevemos o poema com o pavor da baba sobre os olhos
mentindo devagar. é um parque? são a nudez? o calcário
despega-se dos ossos, os ossos do chão, o chão do sítio
o que fica depois é o lugar livre de te pegar numa terceira
[mão
e soletrar o parágrafo tantos do código civil. não. esta
[nudez
cola-se-me ao corpo, ao braço de ouro, à humidade
inquieta dos dentes. foeda est in coitus (et brevis) voluptas.
[o que fica
depois? é um lugar de lençóis, de lâmpadas partidas,
de muitos dedos dentro do ânus, de leis incompossíveis.
[a linha
recta que estende o sítio, oculta o sítio, resvala sobre o
[sítio.
nela o espírito (logos) desata o seu pavor. um rastro?
vejamos o fogo: deserto. o ar poeira. a água dissipada.
e a terra que os mistura, um rastro de olhos presos.
é a névoa? ser nu é uma névoa? assim se despega

dos sítios a palavra, a palavra da baba, a baba do pénis.
despega-se do tempo, colada aos dentes, a um lugar
livre de sandálias & bismuto de ouro. é um rio?
diz-me de amor, cos dedos no calcário. parágrafo mil.
[esperma
certificado conforme. posição admitida. vejamos: o fogo.
[assim se dissipa
o chão dos ossos, os ossos da nudez, a nudez de ser nu.
depois o que fica? foeda est in coitus etc. fica a palavra.
palavra que fica. e fica um lugar. um sítio de rastros,
um sítio deserto. um ar a pavor. sandálias na boca.
um resto de sítios atados nos ossos. é um coração?
fica sobre a terra o espaço das mãos. mas entre o seguinte:
entre ossos e chão.

■

TRÍPTICO NÓMADA, I — NOVA-IORQUE, UM

1 outras manhãs
molha o papel na cinza dizendo: «os meus,
ninguém que adivinhasse a mesa rasgada, as meias
balões verdes de areia pesando ao contrário dos olhos ao
pénis, demasia fácil.

2 descruzando o mostrador, para passar
o lápis partido a meio da boca
«seios, igualmente desertos
na quadragésima-segunda rua
anos: ardendo
as botas, de cavalaria

3 não tocamos na vaca
lenço preso à narina mais branca
o cuspo manchou todas as vitrinas
sentando-se, que o sangue apodrece
o arame dos testículos
apareceu por acidente adormecido
na janela com chuva

4 ou que não gira, mas
uma palpitação colada aos seios da cama
o polícia negro maneja a ventoinha sobre
retratos, uma moldura mostrando
a lápis, assinado rembrandt.

5 alimentando-se, outras
de aço fundido atrás dos anjos
desabotoando as rosas no urinol azul
helicóptero justamente às 5 e trinta apertando
a narina mais larga contra o peito dos
arranha-céus
«a boca,
uma pedra acaba de cair muito mais tarde.

6 por lentidão — ou por ser
o olho da vaca acende e apaga lápis
aparados no televisor uniformemente liso

o perfeito animal
entre as coxas do peixe suor branco
alheio à solidão.

7 por times square o tempo de virar
uma narina ao lado do silêncio
alisando as verrugas molha na cinza
o pénis da hora
na vitrina inconsolável presidente violeta
«são sensíveis,
animal perfeito, ninguém que descubra
o enxame inclinado nas axilas

8 a boca abre-se em duas cores com
plementares acrílicas ligeiramente so
brepostas;
a chávena na ponta do braço direito a
vança hesitando e o líq
uido quente enfia no buraco da carne
uma lufada de casas intermitentes
«pequeno almoço em tiffany's».

9 apenas o ar, dedos
enfiados no anel manejando o arame visível, até
as fezes do néon finalmente dissolvem
penumbra, o cacho «meramente,
aperta nos lábios uma saliva incómoda

10 espalhando o alcatrão por sobre a zona
entre as nádegas o cuspo mais facilmente seca
a viúva que o gelo conservou sem perca
«ao frio,

outras
agarrando nos dentes a pedra portátil
espera que o mundo caminhe ao contrário
em direcção ao esperma deixado
vagina sem mãe.

II — PARIS, SUMÁRIO

1 paris, o ar, a traqueia
vertida,
dormir em pé nos bancos
(lénine) do parque ratazana
: dormir pelo sofá
(freud) do Hotel do Brasil ao 6°
andar sem as-
censor
de olhar tão lentamente a pedra, o rio, a folha,
que o fio ao dissolver-se trans
pareça
a pura forma de ar, íris, parure

2 paris, o desemprego. açorda de gente em pasmo,
cenoura matinal & mal cozida.
acertar a samarra ao apito do campo
(campo)

onde bois, esterco, o ventre hospitaleiro,
a machada de cobre à entrada das alfândegas.
passo a mão pelo teu rosto repensando
que nos resta comer a mão do céu
ou, microscópica, a vaca do deleuze.

3 paris, astrologia. antes da lei: a regra
de estar juntos no mar interno à veia:
diz-se (lei
bniz) do compossível
sofre, traqueia, o golpe
das dedadas no chumbo:
esperando Saturno no quadrante de Vé
nus.

4 volta, paris, à terra prometida: jerus
além de garra
fão & diner's club:
que o fio ao dividir-se
transpareça
em sua sombra a pedra, a folha,
o rio.

5 paris, bosque de vin
scènes dez da manhã:
de tal i qual no brr
aço, & no pinheiro
cartazes délecê.

6 asa sem paz (aro), migrante: de empire
state no bolso azul de cheviote,
édipo duro dura, assobiando
madra-goa em chicago, bar-d(o)
e máfia.

paris, ocasional: pele da pele, e-
terna. acaso um salto:
a dança: íris de riso, um rio.

III — VENEZA, TRAVESSIA

porque amanhece, subindo
a casa calcária, súbitas asas espalhadas
no silêncio da rocha: o próprio asco
da água calcinada, a curva líquida de merda
à beira do palazzo,
& o doce ventre onde uma espiga ardente
jorra na piazza o céu dentro dos vidros.
suba a cà foscari! os dentes
ácidos de sementes quebradas, il manifesto
deitado sobre a cama, junto ao sexo.
desabotoando a camisola verde, dizia «os braços,
& na porta de areia os turistas pacientemente esmagavam
o papel dos chuveiros. dizia, «o torso,
& eu sentia, no quadrado cerrado, o suor
escorrido dos lábios. dizia, «a neve,
algures o vento,
& as lajes molhadas, um resto de cinza
contra os olhos,
enquanto as asas se despiam, vagarosas.
porque amanhece. almoço de bataglia
c/spaghetti.
mrs. stone roendo as implacáveis unhas.
a mão que dobra, lenta, a dobra dos cabelos.
a flor pousa no pássaro. miragem. quase noite.
vago, de hashish, o acre
minuto de falar. dizia «ninguém,
& o quarto quebrado, as mesas onde o mundo
pousa os dedos, porque
certamente amanhece. dizia, «o medo,
& o ombro levantado ameaçava os dias.
invento. a água,
o testículo de ouro,
a lâmina das folhas. invento. na bicicleta verde,
pousava sobre o pêlo: a flor.

& o quarto quebrado, a franja das falanges
sobre a curva das asas.
a pálida brancura das gavetas.
o crânio do silêncio contra a mesa. in
vento. manhãs, quando se parte, de dentro
das esquinas, dizia, «o sol,
algures o sangue,
& as mãos espalhavam a pele, cobriam
cuidadosas os ossos, o lençol.
noite fora crescia a bicicleta verde,
de cornos espetados sobre o olhar deserto.
esmagava, no peito, o papel das sementes. dizia, «o ar,
& repartido o trigo, amanhecia.
a casa, escura. a relva incendiada e por dentro
da luz, a seiva do calcário. miragem. invento.
o sol partido em dois. azul. e quase noite
os degraus encardidos, a cama onde adormece
o moedeiro falso.
colar a boca aos passos, o desejo.
devagar se despindo, dizia «o mar,
algures os astros,
& a boca amealhava o ouro ardido.
invento. o ombro de água,
a ruga onde começa
a brancura das asas. horizontal respira.
a carne mansa, do calor da relva
deitada sobre a cama, junto às lajes.
uma manhã, invento. dentro da chuva, erguido
sobre a cinza, dizia «quase noite,
então amanhecia.
ao fundo, longe, vê: a poeira nos pulsos,
& a mão se dobra, lenta, no travão das rodas.
despindo em torno o ar, dizia, «o dia,
& os aviões roncavam sobre a areia.
subindo o céu de vidro,
a casa desertada, ao longe
a cúpula dos sinos, a névoa de são marcos.
ventre que a noite invade,

madrugador o pão dos embarcados. não invento.
papel de azul, as asas. um fio cortado a vento.
inclinado nos olhos, olhava. inclinado nas unhas,
olhava, dizia «amanhece,
porque amanhecia.

ANA CURADO

Nasce a 10 de Julho, em 1944, S. João do Estoril. Poeta entre a ironia de uma lágrima e um vagabundo whisky nocturno. Vive na outra margem da avenida Luísa Todi num T2 mobilado, onde, afortunadamente, se dedica a tempo inteiro aos cavalheiros e à Poesia. Os inéditos cedidos pela Autora pertencem a um ciclo em preparação de seu nome *Poemas de Ana Curado.*

Nasci há, anos, 42,
Em terra de minha mãe
E de meu pai também,
Num carrinho de bois
— Irmãos tive dois —
Em paisagem bucólica
— Nunca fui, portanto, alcoólica —
Aos 10 de julho, 0.30
Horas, e, que vai faltando a tinta,
Mais o que não acrescento,
O que, sincera, lamento.

Mas Ó cursei a Faculdade
Em a já remota idade,
A Faculdade de Letras,
Rodeada de poetas,
O que, deveras, lamento,
E o mais não acrescento.

(inédito)

■

Há as mulheres cultas
E afamadas prostitutas,
Mulheres argutas
Que se entregam a disputas,

A um povo — são poetisas,
Herdeiras, eternas artemisas
Que perderam as maneiras
E desgrenham cabeleiras

Em as lutas, tão guerreiras,
Com as maduras-ultras,
Intelectuais robustas,
Exibindo-se, perfeitas,

Em lugares social
E moralmente limpos,
E abraçam os amigos
Que as bajulam no jornal

E as titulam «Marginal»!

(inédito)

■

«Mirror on mirror mirrored
is all the show» — W. B. Yeats

Encontrei o Cesariny na Alsaciana.
Egrégio ou não não trazia o anão britânico
P'la mão. Desenhei um na margem do jornal.
Rasguei-o cuidadosamente
E convidei-o: «Queira sentar-se!»

Ali ficámos três decisivamente pelo chá
Pelas torradas e conversas literárias.
Viria então, assegurou o anão, enorme
Um rapaz azul alado (dos que andam aí
Pelos poemas) pô-lo ao corrente dos esquemas.

Esgotou-se a noite e o rapaz não veio.
Despediu-se britanicamente o anão
Deixando na mesa a rosa que trazia na mãozinha.
Deitou-se à última chávena que o Cesariny bebeu.
Suicidou-se, penso eu.

Vejamos: a poesia é uma coisa
Estafada, fácil, quase insuportável
De se ler, mas, porque me é agradável,
Escrevo para entreter, animo a coisa!

Torna-se uma espécie de dever.
Perguntam críticos, leitores: pode lá ser?!
Mas pode! Concerteza! Há neste país
Alguma gentinha que o que fiz

Não há-de nunca fazer, há-de na espelunca
Horripilar-se, dar ar de enfado, estremuca!
E depois dirá que não a lê — mas a lê
E escreve — pois não lê quem não lê, não se vê?

Não? Não digas, nada! E se te alaga,
Como escreve quem já me aborrece, Sê!
E se não podes salvar-te, diz, se te agrada,
Um palavrão, que às vezes alivia, e coisa!

(inédito)

JOAQUIM MANUEL MAGALHÃES

Yang: uma cabeça enérgica expandindo-se, fruto de luz sobre luz, indivisível. *Dois Crepúsculos* (1981), primeiro volume de leitura crítica das mais apreciáveis poéticas contemporâneas e prova de apurada intuição, continuará sendo o único ponto de inteligência para quem venha re-ler estes amargos anos muito post-61. *Os Dias, Pequenos Charcos* e a edição renovada de *Segredos, Sebes, Aluviões* só por si clarificam a mágoa atlântica que a todos move. O Autor nasce em 1945, gémeos, no Peso da Régua. Por ser um magnífico exercício sobre os temas e as áreas lexicais de uma geração de Poetas mais novos, gostaríamos de ter podido reproduzir a série *6×14 aos da educação* (vd. *Os Dias, Pequenos Charcos),* que o Autor teve o cuidado de inviabilizar.

FERNANDO GANDRA

Uma estreia de parceria com Moura Pereira, *As Forças Amadas* (1981), experiência alargada a solo em *O Lado do Cisne* (1984). Nasce em Silves, a 3 de Fevereiro, 1947.

Nunca tive nada nas vias respiratórias. Não sei se posso ficar contente como é universalmente aceite. Além disso não queria que precipitassem juízos sobre a minha saúde.

Sabe-se há muito como a descrença fermenta durante as mudanças de estação. A deturpação do ar, com as primeiras chuvas, é conseguida por microrganismos pouco resignados. Eles adoram viagens por regiões inflamadas. E os mendigos adoecem. Irritados, os melhores tecidos exaltam a pátria: secreção cremosa que se afirma em combate.

Os mendigos não têm casa para os botões. Na sua voz há uma inclinação que evita magoar. Passa-se pela sua mania sem pensar voltar ao assunto. Depois do último minuto, ajudamo-los a vestir-se pela frente ou antes pelo contrário. As mãos cruzam-se por cima do silêncio numa lenta rejeição do mal-estar. Os mendigos ficam pela tarde e regressam por um fio. Não digam que exagero: estão a seu favor os aquedutos.

■

Os que têm deus lambem as secretas
feridas da cabeça um tanto louca.
Torcem o tempo como um lençol
suspeito. Dormem na minha história.
À boca das palavras escondem a carne
e é grave. O silêncio é um baldio
posterior onde o ruído areja

e se defronta. O que está antes
não vale o que nos paira e pacifica.
A carne é quente e basta.

■

Algas pobres cobrem o cemitério
admiravelmente repleto de palavras.

Répteis marinhos mordem
o bordo líquido destes textos
porque aqui se procura
a mais húmida coincidência dos segredos.

Mesmo agora pássaros
excedidos voam por cima disso.

■

Só hoje te escrevo este vestido
de palavras. Desculpa.
Oxalá que ao recebê-lo os pés
inchados das tuas ilusões inamovíveis
sosseguem junto à fonte.
A mãe, aqui ao lado, é uma sombra
do que pensas: repousa entre o frio
dos joelhos. A tua boina em ponto cruz
está pronta. O forno é bom e sem
enredo: sempre o mesmo.
A taça muito magra do silêncio
entra (ainda) pela janela.
Na varanda as zínias continuam razoáveis.

Pelo corrimão do tempo desce o gelo.
A tua ausência é uma casa muito espaçosa.
Responde-me na volta do sangue.

Beijos.

JOSÉ AMARO DIONÍSIO

Nasce em Faro a 21 de Fevereiro, 1947. A sua actividade profissional de repórter ajudou-o a criar zonas literárias onde a sensibilidade poética vem diluída numa arquitectura de faits divers. Publicou em livro *Notas Sobre a Circulação de um Corpo* (1978), *Bardo* (1981) e *Todo o Alfabeto Dessa Alegria* (1985).

Aparecia na taberna do cais de tempos a tempos, em intervalos regulares. Podia ver-se-lhe os olhos muito verdes, o rosto tuberculoso, as mangas já rasgadas. A pouco e pouco, sem querer, foi-se habituando a um ritual preciso: o empregado trazia-lhe um copo de aguardente e, ainda a meio caminho, o homem começava a fixá-lo. Estabelecia com o copo sobre a mesa uma relação imperturbável e secreta. Nascia-lhe a pouco e pouco e nítido um sorriso. Estendia depois o braço na direcção do copo, transparente, molhado, e rodava-o, em quartos de volta, como se desenhasse uma carícia. Erguia-o assim à altura dos lábios e bebia de uma só vez o líquido. Deixava sistematicamente que um pouco de aguardente se entornasse e espalhava-o, com as costas da mão, pelas partes da cara mais próximas da boca. Pousava em seguida o copo, sempre devagar, e continuava a olhá-lo ainda durante algum tempo. Por fim, com a mesma lentidão e o mesmo olhar, procurava de novo o empregado.

■

Ele quis morrer para arrasar a morte e voltar. Pensa: «No meu corpo depositei o mais e o menos, há porém ainda lugares onde salpicar o riso de água.» Sabia que estava no caminho da vocação do homem — romper, e o seu tumulto transporta uma memória já contida. De encontro aos olhos dele o mar teve medo e recuou. Lem-

bra-se do amigo vestido de preto que chora agarrado às grades da cela. Ninguém põe as mãos no seu casco. É um exemplo. O homem jura que pode dizer hoje a qualquer mulher da cidade: fica calada e recosta-te. O sexo é a última violência, e tens o ventre dilatado. Devo servir-me de ti porque me purifico e os meus amigos renascem. O cabelo cai na testa do homem como certas hienas se enrodilham nas árvores. Tem algas dentro da boca, os membros são cardumes. Durante meses experimentou sentar-se no chão e soterrar o inferno no pó. Agora volta, e a sua pele brilha. Amou vorazmente, mas nada percebe do que amou. Foi uma bola batida. Assim partiu, e se hoje regressa do outro lado das campas para reabsorver Lisboa é porque quer dar início ao seu derradeiro trabalho. À beira da estrada pára o cansaço e queima-o.

S DE SOLIDÃO

Solidão é uma palavra obscena. É mesmo a única palavra irremediavelmente obscena de que já ouvi falar. Cheira a atropelos, pudor, colhões, e tenho medo. Medo — um homem pode dar por si a cometer crimes sem grandeza. Assassinar, por exemplo. Princípios superlativamente adolescentes. Prefiro a decomposição da pele, uma taberna entre cabeços, o petróleo de candeeiros que projectem sombras imóveis, recantos, pequenos estrumes. E já agora, se me dão licença, um frio de certo modo inculto a bater no vidro da janela, nos ossos, talvez nos ossos quando se acaba o dinheiro. Mas é humano, bárbaro e humano. Uma espécie de sinfonia entregue ao poder de cada qual, arrecadações da alma, mansas. E dardejante o círculo azul de um copo de aguardente, aguardente, imagine-se, a saltar dentro de si, a subir, a subir, e um homem dizer, imortal: senta-te, copo. Bebe comigo. E ele senta-se e bebe. É remoto, quase no outro lado das

trevas. Mas magnífico, oh, tão magnífico. E ainda há quem me fale de escritores, romances, e até de revoluções. Balelas. Quero uma nora que páre o mundo rente ao fogo do inferno. E a água detida, doente, de preferência afogada pela mão de Deus a arder. Nada de riscos. Eis do que falo. Precário, inviolado, entregue ao soalho.

HELDER MOURA PEREIRA

A lucidez do seu exercício crítico sobre as poéticas contemporâneas é largamente reconhecida. Como Poeta, sublinhem-se desde já três expoentes felizes: *Gestos de Miradoiro*, *O Amor Desta Morte* e *Esta Passagem*. Nasce em Setúbal, a 7 de Janeiro, 1949.

Esta folha que eu abro não é
para ti. Veio dos imaginados desertos
da memória, trouxe-a a esta claridade
como quem a não queria aguar.
Folha de deserto: o acaso das palavras
feriu-a nas gaiolas urbanas.

■

O chefe do bando desviava-se um pouco, quase tocava as folhas de zinco, duas telhas partidas, a chaminé disfarçada de negro. O que se vê da minha janela virada a oeste demora o tempo entre as passagens da casa, vejo metade do rio, metade do jardim, a rua toda, uma árvore a morrer cada mês que passa. Este acto de estar tão parado traz sombra de hesitação e temor, fecho os olhos, heróis da infância recuperam a memória, roseiras tiradas aos campos ficam em arco com o arame preso, o mar tão longe da cidade grande, conchas numa gaveta, o Almanaque aberto a meio com uma fita encarnada. O que se vê da minha janela é mais para dentro de mim, vou saber o que arde nesta inquietude, vou semear paciências, rainhas dos prados.

■

De um golpe de mágica esse animal
parecido com o homem, autómato
sem a astúcia e o poder da guerra,
máquina diurna executando tarefas,
secreta força de destruição. Um
rápido golpe de eutanásia lhe
traria fatalidade e repouso.

■

Oiço os meus passos, os ruídos
com o filtro de folhas de árvore
entre os ferros que vedam o olhar.
A pouca luz às riscas e as sombras
dirigem o rosto, toco objectos
que pertencem ao lado do corpo.
Apago devagar todas as luzes da
casa e digo: meu amigo. E digo:
as tuas palavras tiradas com o
cuidado de uma tesoura fazem
lembrar a voz. Pergunto que tempo
era aquele. Que usei de ríspidos
silêncios, declarados movimentos?
Quebro contra a mesa as pontas
dos lápis, a falsa escuridão de
entre tarde e noite começa a acabar
e devagar guardo folhas dispersas,
uma sobre a mesa, outra com adesivo
na parede, fecho as madeiras das
janelas. Espero que desça sobre
os olhos a cortina do tempo, então
não terei versos. Nem lembranças.

■

Este é o falso vento
subindo às ruas da cidade.
Lançado sobre o mar outro
vento evoca corpos tidos,
lidos em todos os poros
como se palavras fossem,

interrogações, espantos
de descoberta. Uma época
de desastres: falo do que
por mim passa, nada
mais, confusos passos.
As frases vão ficando
no tingido azul do céu.
Só por vezes. O acaso
como num teimoso fotógrafo
disparando tanta vez até
ao acerto. Este é o falso
desejo da verdade, o enganoso
encontro do corpo com o
corpo. Ouve, voz ao longe,
se não são pacientes
estes homens.

RUI DINIZ

Personagem biograficamente enigmático, Autor de um único e magnífico livro, *Ossuário (Ou: A Vida De James Whistler)*. Apurámos que este nosso «amigo americano» nasce em Janeiro de 1949. E é tudo.

O DESAGUAR DOS CREPÚSCULOS NO EBRO

Eu estava presente quando o corpo de hernandez
deu à costa. Era um corpo magro e extraordinariamente
roxo, evocava os últimos dias da sua vida,
quando se demorava o menos possível nos cafés de
barcelona, perseguido até por si próprio.
De facto a loucura procurava-o lentamente.
Durante a noite, em tempo de lua cheia, a sua
sombra por vezes corria pelo silêncio dorsal
das colinas, rindo. Eu lia então até tarde as
suas descrições de uma espanha enlouquecida,
sonhadora de sangue, impulsionada pelos
cemitérios sombrios onde corpos se iam decompondo
enquanto esperavam. Os seus dedos crispavam-se
quando o vi trazido para terra naquele poente
áspero como poentes da cantábria. Os seus olhos
eram duas covas percorridas por algas e
peixes minúsculos, os lábios articulavam ainda as
últimas palavras para o aniquilamento negro dos
seus dias. Mas a boca, submetida no silêncio de
estar morto, esboçava o mais puro sorriso,
a ironia de poemas inteiros meditando o mais
violento infortúnio.

A noite escurecia a praia e os rostos estranhos
das falésias. Vinha com as asas de morta humedecidas
de sangue, irmã de hernandez despedindo-se

suavemente da lua negra.
Olhei-o uma derradeira vez:
o ebro cobria-lhe os cabelos agitados
e no espesso desaguar das narinas
o seu estilo reaparecia.

■

ARGUMENTO

Escrevi um longo conhecimento do desespero.
Um dia abri na noite as razões silenciosas.
Senti o cérebro torcer-se lentamente e depois
parar, toldado pelo esquecimento. E na amnésia,
entre alguns rios lisos de cores escuras, dias
e noites permaneci. Ao fim de alguns meses
recordei uma cidade, que um rio atravessava,
onde eu conhecera outrora todas as pessoas
destruídas pela sua própria vida e onde só
pessoas assim eu conhecera. Lembrei-me da
maneira estranha como tantas delas tinham
morrido. O alcoolismo era então uma enorme
razão. Alguns dos amigos fumavam marijuana.
O seu riso rachava o muro da noite e descobria,
para trás, lentos cemitérios onde o luar
tingia. Os livros consumiam-me os olhos e
a cabeça doía-me. Pude assim lembrar-me
de ter escrito poemas sobre a doença de
imensa gente, uma espécie de febre, ou uma
coragem constantemente estrangulada, um
último oferecimento do seu desejo à vertigem
e depois, uma manhã em que se sabia dos
suicídios.
Mortos, os seus dedos floresciam a penumbra
dos quartos, os seus lábios apodreciam já
sob poeira azulada, as praças inclinavam-se
uma vez mais como sítios de uma única
ternura. Os seus quartos estavam sempre cheios
de lixo quando os encontravam, e alguns

ainda sorriam daquilo que os tinha feito
dizer: amo-te e podemos tentar ser muito
felizes e depois, quando o desespero os elucidava:
amávamo-nos, poderíamos ter sido felizes.
Escrevi esse longo conhecimento dos amigos
mortos e eu próprio escapei a uma noite
qualquer. Mas nesta amnésia de só algumas coisas
ainda mais permaneci.

Essa cidade e esses nomes dissolveu-os o
que pude lembrar: poentes nas esplanadas,
tomando aperitivos e rindo e vendo
a multidão descendo os espessos lugares.
Noites nos dancings ou nos quartos, fumando
a desolação, escrevendo poemas sobre ruínas
e vidas que se consumiam em abandonos
e viagens.
Tudo era estéril como a doença que nos
movia, de lugar para lugar, uma fome pura
e quase construída, uma indiferença que
compreendia tudo e os anos através das
caras e dos corpos e mais tarde o desalento
e estarmos vivos.

Escrevi sobre as tardes e a sua lenta solidão
e depois as vozes vindas através dos sítios,
essa cidade em que esqueci o que poderia
escrever ainda, a minha recordação talvez
dos anos, nas bocas azuladas, no repouso
com sangue, com lentos sonhos dentro
dos olhos lívidos, com o último olhar de
esquecimento, o mais árido lugar,
a insuportável solidão.

E repeti dias e dias o desassossego. Os nomes
que poderia lembrar. A cidade com os seus
lugares de desespero, o que me foi sendo
possível recordar. E neste desolado hospício,

hoje, vi todo o meu enlouquecimento — um
propósito de me lembrar de todas essas coisas
e o seu lento e doloroso sabor. Um
obsessivo crescer do sofrimento — maior amor.

■

COLAGEM

Albéniz percorreu as épocas mesetárias
num velho renault de 1911. O seu
sorriso era a herança de um veleiro
ou um corsário do tempo de isabel, a católica.
O campeão dos bebedores de cervejas,
um tal hornblower, espalhava a alegria
por todo o país. A viagem diluía as ruas
de basalto, os oleiros de córdova, a cera
das próprias asas. E os pavios das velas
extintos, extintos.

Foi o vinho tinto, catalunha
mais de um mês durou a botija
de couro.
A cantábria
ébria
ufana
do áspero vento. A virgem lola.

Músicos d'españa.

NUNO JÚDICE

Nasce a 29 de Abril, 1949. Mexilhoeira Grande. Legou-nos em 1972 um programa, *A Noção de Poema*, que ele próprio, deliberado, se tem empenhado em passar ao largo. O romantismo teutónico exerce sobre o seu trabalho essa irrefutável torsão.

À LUZ VAGA

Não se via ninguém na vasta planície gelada.
Os ventos contrários fustigaram-lhe o rosto, fustigaram
[o cavalo; e
erguendo a mão direita, disse:
— Ó meu corpo estéril! Eu estou sobre a Terra, sentado
[na falésia
do Infinito, e no entanto por detrás de mim cavalgam
[as hordas minerais
dos mortos e dos vivos. Dito isto, sentou-se no chão,
[ergueu a perna
direita, mexeu os dedos dos pés e murmurou: «Canto...
[Canto... Canto...»
A alegria e o sofrimento determinaram-no a levantar-se.
Porém, do outro lado da vida, eu estava sentado a uma
[mesa e escrevia
tudo o que me vinha à cabeça. Embora não estivesse
[mais ninguém comigo, parecia-me
que o poema era mais do que o revestimento opaco de
[uma ideia,
e que esta já estava algures,
estranha não só a mim, que a tivera, como também ao
[poema,
que não a comportava. Neste sentido, posso dizer que
[estive, durante algum tempo,
na presença de dois corpos distintos,

um dos quais talvez correspondesse ao meu próprio corpo,
e o outro a mim próprio.
E ambos farejavam-se, preparando a inumerável
[brancura do regresso.

Voltando a montar, acrescentou:
— Ó cavalo, tu és o próprio poeta e se eu sou o poema
[já o horizonte
me anuncia, e assim por diante.
Ao sentir a espora cravar-se-me no peito, avancei através
[das extensões
pantanosas, enterrando os cascos no lodo e nos corpos em
[decomposição. Alimentei-me
da carne esponjosa dos mortos, e os meus lábios perderam
[a primitiva
cor de sangue.
Agora sou Deus. O meu relincho corta o Tempo como se
[fosse uma lâmina,
e afogo-me no sangue que ainda jorra da ferida.
Por fim, só as minhas orelhas afloram o ar livre;
[transformei-me num ser aquático,
vivendo de pequenas plantas de carne corrupta. E se
[alguém me chama da superfície,
de dentro da Terra, ao Sol, limito-me a abrir mais os olhos
[e a resfolegar.
Como se algures eu atingisse a margem... os limites da
[grande ferida aberta...

■

QUEDA

Sem dúvida, a sensação de divino aparece a muitos,
[próxima ou longínqua,
no curso da vida. E, como o pálido brilho da chama,
[indica o sombrio caminho

de um futuro. Mas só o poeta a recebe como duração,
[algo que nasce
entre a vegetação dos minutos, que as mãos da alma
[colhem num êxtase musical,
e só ele por instantes compartilha uma vibração de
[eternidade
na inércia nocturna das aparências. Assim se desprende
[da humana corrente;
no seu rosto se inscrevem os traços de uma primavera
[precoce, e no tumulto
do coração reconhece o fruto das secretas moradas celestes.
[É ele,
habitante casual de uma respiração de casulo, que no
[fértil sopro se move;
e de si o Idêntico surge numa inferior afirmação de fide-
[lidade ao infinito
em cujas garras, imóveis, o pássaro da incerteza jaz.

Canta, essa ave, uma voz azul que rasga os ombros da
[noite.
E a luz alastra enquanto permanece o canto. Ao olhar se
[abrem os contornos
de naturezas mortas, vultos litorais de um rumor de
[florestas,
o sofrimento baço das paredes do quarto onde as ervas
[reflectem o mar
agitado pelo vento mental de uma inesperada manhã.
[Canta
sobre as águas encrespadas desse mar de estranhas mãos,
[e nos lábios onde naufraga
uma crepitação de augúrios as primeiras gotas de sangue
[anunciam
o silêncio. Cai breve um híbrido crepúsculo. Ainda vi as
[asas,
manchadas de sombra, modelando a argila da definitiva
[imagem. Que opaco horizonte
abriga o seu voo? Que faroleiros do limite avistaram, pela
[última vez,

esse ser de efémera matéria? Aqui, uma nostalgia se
[mantém nos ouvidos. Nada
se evade da pura ânsia de ficar, partindo...

Uma relação sobrevive se o poeta, ou a ave, se afastam
do humano.

■

«SIM, FUI UM PROFETA»

Experimento um contacto de sombras,
o mal estar de uma efervescência de ruínas, das folhas
que tomam a forma virgem de um tronco. Sou já um
[hábito,
habitado por diferentes direcções de espírito, ouvido no
[fundo dos poços
humanos: um tom de voz que multiplica a contradição
[ofegante
das nostalgias. Diziam-me:

« — Procura no coro dos mortos o primeiro grau
da felicidade; na obsessão dos pescadores de ostras
um derradeiro uivo de sofrimento...» e as palavras
[chegavam-me
em tumulto, numa pesada respiração, num estertor

de velho. Então, vi o fim: a queda sinuosa dos astros,
[o rosto
de um gelo azul, o ruído contínuo de ondas sobrepondo-se
[à imagem
do ventre rasgado até às entranhas. Nenhum exorcismo
[me restituiu
a força. Entrei na procissão dos sonâmbulos,

juntando a voz ao gemido comum. « — Quem é este?»
« — O taciturno poeta, o antigo portador de absolvição.»
[E comentavam:
« — De que nos serve, agora?...» E a maré engrossava
como as nuvens do crepúsculo! Entre os homens ainda há

quem se lembre: o bêbedo contador de histórias, o músico
cego das feiras, a louca decifradora das sinas. As crianças
[apedrejam-nos
à entrada das aldeias. Um deles apareceu, de manhã,
[boiando
no canal

— e os seus olhos viam tudo.

■

NOITE

Deixo atrás — o quê? que sombras
vagas me perseguem ainda, como insectos que nenhuma
[treva
assusta? Fujo! E as asas calcárias do louva-a-deus
colam-se-me às costas. Voo, agora, levando comigo
o fogo terrestre. Nenhum horizonte de ontem me poupará
o remorso de uma eternidade crepuscular: céus cinzentos
que entrevejo da esplanada branca do casino; o barco
[imóvel,
na enseada, apontando o nascente. E desço a escada
de pedra, com um lento rasto de caracol nocturno,
levando comigo a fúnebre notícia: «Ali,
onde um astro pousara o seu casco, deixando a luminosa
impressão de um fundo musical, os meus olhos beberam
[o último
brilho»; e uma constelação de sais prendeu a sonâmbula
inspiração do vento.

■

SALMO

Há mulheres mortas nas árvores do cais. Ensinei-as
a escrever poemas: e elas pendem dos ramos, a cabeça
para baixo, mudas e estagnadas. Meto-lhes os dedos nos
orifícios do corpo — os ouvidos, o nariz, a boca, o sexo, —
[e tiro-os
cheios de pus, de sangue podre, de restos de algodão.
[Por dentro,
elas falam-me numa voz marítima, cujo sentido surge e
[desaparece
no ritmo das marés loucas de setembro. Digo para mim
[próprio
que já sabia tudo isto; que aqueles corpos estavam pre-
[vistos
no curso de alguns astros da infância; que não perdi nada,
afinal, em ter esperado tanto tempo.

E o horizonte abre-se-me na continuação das conchas
[vermelhas
do crepúsculo. Deus é um coral queimado pelo rumor
[monótono
dos ventos. Entro no pórtico da morte — e encontro
navios ancorados, o poço seco das águas
letais, almas adormecidas pelo tédio da infinita espera.
[Sento-me
no banco, sob o relógio e o tejadilho da ponte; uma
[carruagem
vazia brota-me dos olhos num ilusionismo final. Cuspi um
[êxtase
celeste no tropel dos evangelhos.

« — Conhecíeis o fim da história? O alucinado
incêndio das vésperas? A corrupção dos sinos na memó-
[ria?» — nuvens
inabaláveis no céu da frase.

JORGE FALLORCA

Nasce em Mortágua a 15 de Junho, 1949. As múltiplas direcções para onde partiu obrigaram-no a convergir num ponto: «É assim que ele fica sozinho. No terraço. Amarra o sonho, e guarda o barco no balde ou dentro da camisa — contra o peito — para que ninguém veja. Só se fala disso: dorme.» Em 1983, no seu *Aqui Se Reúnem Caçadores Pescadores e Outros Mentirosos.*

COIMBRA, 9 DEZ 72 — Notas

...As estátuas avançam de pé
Aquelas estátuas, sobre as quais não crescem os líquenes, ainda estão vivas...
(lendas de Matakiterani)

—

COIMBRA, 19 MAR 73

Paranóia do Fogo.
Faço as mesmas mandalas — atravesso as ruas ao contrário. Cada vez que escrevo pequenas palavras, gestos, ossos — mesmo um perfume distante — o círculo aparece-me sempre branco, como se de areia se tratasse.

Lagoa da Vela.
Antonin Artaud.
Montezuma.

— só eu assisto a isto no terror da tarde. As últimas palavras de Kaufman em letras de fogo

—

COIMBRA, 16 ABR 73

Os seus métodos eram outros: as mulheres torciam a
roupa, e ele desejava essa pequena humidade —
ser desalojado assim, por um gesto secretamente feminino.
Ou ser cordel, ligar a infância a um papagaio.
Possuir todos os graus da relação.

LISBOA, 21 JUN 74

Um doido sorri-me do táxi. Poucos doidos em Lx. Uma cidade, um país, uma cidade-país, que não tem doidos, mesmo poucos, não interessa. Tá bem eu sei que em Lx. é tudo doido, ou melhor: louco, eu sei, mas refiro-me a doidos mesmo doidos, com quem se possa aprender alguma coisa...

.....

CARNAXIDE, 4 MAR 77

a minha bicicleta é só uma buzina — sou dos que buzinam
enquanto pedalam

(inédito)

. 18 MAR 78

tinham medo dos sonhos — afastavam o olhar para lá
de mim e no regresso insistiam no pesadelo
coisas de acordados:
os olhos escancarados pró vazio

a literatura
a alegria por tristeza
que era tudo muito confuso, diziam às claras pró anjo da guarda

(inédito)

ABR 78

este é o espaço destinado a todos
os equívocos, com gente assomando
— estridentemente — às colunas
por onde se esvai a escrita.
porque a necessidade deixou de ser
travessa e assume-se como gazua

(inédito)

EDUARDO PITTA

Nasce em Agosto de 1949, a 9, Lourenço Marques. O seu mais recente título, *Olhos Calcinados* (1984), tem uma unidade orgânica decerto aqui falseada pelo convívio avulso com o poema de *Um Cão de Angústia Progride* (1979).

ENQUANTO TE DEMORAS

Um cão de angústia progride
na cidadela sitiada

enquanto te demoras
no sorvo
no arquejo largo
no topo da saliva

enquanto te entreabro
as pernas altas
enquanto te humedeço
o musgo tenro

para te ferir com a boca
cheia de vidro moído.

■

Houvera ali um rosto
muito belo, mal disfarçado
na teia geométrica
de uma finíssima máscara.

Sulcos de um antigo
ardor.
Tranquilo e arbitrário
desapego.

A luz baixou tanto.
Aquele rosto é
um mapa: um mapa
crivado de cidades saqueadas.

Temos que baste: a pátria à janela
e a vontade na cama.

EMANUEL JORGE BOTELHO

Os Açores, onde nasce em 1950, a 11 de Agosto, e onde vive escravo de uma profissão, não o desviaram de publicar pelo menos três pequenas pérolas: *Full Auto Shut Off* (1981), *O Brilho da Bota Nazi* (1982) e *Boomerang* (1985).

---

até na língua se vê podias ter
aí plantado • nenúfares não me
admirava que dissesses • que as
rãs gostam do teu cuspo só não
precisavas de chomskiar a
linguagem do teu hálito, porra!

---

podia sentar-te no meu colo • talvez • um dia
contar-te que as minhas mãos preferem os
teus mamilos libertos do rimmel arrancar-te,
palavras dos poros sem te ouvir dizer a mar
ca da tua última espuma de banho ou a cor
do teu bidé a funcionar como anticoncepcion
al para o lavar dos actos • preferia ter-te
sobre um lençol de saldo sobre o meu corpo
sentada sussurrar-te a previsão do tempo se
m a preocupação de um qualquer • orvalho ist
o para te contar do gozo que é colheres águ
a nas tuas pálpebras limpas, senta-te

---

post s.

lembro-me do gosto a mentol da tua
boca quando dizias nada com os
teus olhos já • vinha daí o teu • há
bito • de pores as árvores num
aquário,

JOSÉ CARLOS SOARES

Nasce em Leça de Palmeira a 14 de Maio, 1951. São de *Algia*, segundo título do Autor, os instantes aqui reproduzidos.

---

não te vistas do meu corpo, não
vergastes a leitura
do que sonha ver-se
morto. despede-te

do frio, do presigo
sobejante da paixão. imita

as lágrimas, a caça, o inferno solitário
de quem não mora nelas.

---

ocupa o sentimento
com toalhas brancas. bebe
a flor do vinho, a tua própria

sede. não há doutrina
para o mais secreto
luxo, não se despede

um dia a faca
na gargante adolescente.

---

há silêncios, motocicletas
nesta pequena rua
desprezível. prudência,

um sangue dilatado,
mas de prata. e deus,
o seu olhar

sobre os apêndices da alma.

é uma arte
estranha, resplandece apenas
quando vai. submete

o corpo a trinados
rentes, adormece
a dúvida de quem mordendo

sonha. move-se
no mato, agride as aparências
com seu cuspo de anjo.

---

lâmpada nenhuma
revela a face
do pequeno príncipe
enforcado. nem o cavalo

interior estima
aquele que da alma
apenas aproveita
escuridão. parte-se do fim

para uma breve
prece. guarda-se
o dardo. escolha deus
o resto.

ISABEL DE SÁ

Esmoriz, 8 de Setembro, 1951, aonde e quando nasce. *Esquizo Frenia* (1979), *Bonecas Trapos Suspensos* (1983) e *Nervura* (1984) resumem o melhor da sua claustrofóbica visão. Desenvolve paralelamente uma actividade de pintora, que não poderia ser desligada da sua descida aos infernos do Poema.

O homem que inventei ser, sou-o hoje, enquanto trabalhamos, enquanto me observam sem expiação (?). Estudo-os. Misturo-me com eles mas somos coisas distintas. Eles embruteceram mais oito horas. Ainda racionais, têm aspirações: suicidam-se noite a noite. Completam a angústia.

Combinamos saídas, destruições. Conspiramos. Largaremos as escolas e as fábricas numa destas noites mais chegadas e mais quentes. Não voltaremos. Teremos outras vidas: trocaremos as infâncias, as brincadeiras. As imaginações.

Aqui encerrado que lhes posso ensinar? Cores, beleza, traços? Fasciná-los como se faz às crianças?

Conversamos. Destruímos sempre. Fingimos acreditar no fim de ignóbeis explorações.

■

Nas luzes das casas os bebés eram repulsivos e comiam fósforos, masturbavam-se, ficavam com rostos de lampreia agonizando, depois pinchavam em cima de camas e de trapos, urinavam contra os vidros mostrando as gengivas.

Mais tarde, noutras casas, vi meterem-nos em caixotes com rodinhas e todos decoravam catecismos, choravam, e com unhas encardidas remexiam nas partes.

■

Fui à rua buscar a morte que andava desaustinada pelas paredes como cão raivoso. Ofereci-lhe o braço, trouxe-a comigo, fi-la minha amante. Num leito de linho nos deitámos e em segredo me falou dias seguidos sobre a sua infância, a solidão debaixo da terra, o amor pela natureza. Explicou-me como acariciava os bichos comedores de cadáveres e dessa alegria maliciosa.

A morte passou a ter para mim muita importância. Comecei a vesti-la de alvas roupas, coser-lhe flores ao crânio, amando-lhe a face lívida, iniciando-a numa sensualidade sem fim.

Então, numa manhã a Morte sorriu mostrando nos lábios o seu carácter perfeito, isento de mesquinhez; beijou-me a boca, as pernas, o coração. Perturbou-me.

No meu interior países fervilhavam, milhões de rostos se viraram à luz:

tudo era claro como nunca sucedera.

Começara uma outra vida: dera-se a iluminação.

■

A besta batia no rosto.
Do nariz escorria sangue: eram os Descobrimentos Portugueses.

Descobriu-se sempre muita coisa.

JOÃO PEDRO ROSADO

Autor de apenas dois títulos, *Prece Em Ó* e *Hermes e o Frigorífico* (este último maravilhoso reflexo de uma viagem iniciática); nasce no Redondo a 29 de Setembro, 1951.

UM PÉ EM TRÊS MUNDOS

Não tenho certezas. Enigmas, não sei resolvê-los. Mas reconheço que a matéria é sobrenatural e o número tem uma qualidade que ignoro: a minha memória é parcial. O que mais simbólico tenho a dizer refere-se ao passado e aos sonhos. Misturador de ideias e mitos, só a fantasia e o delírio me apaziguaram com a doença. Umas vezes estou no limiar da realidade, outras naufrago. Mas aprecio os enigmas — por isso Deus também me seduziu. Deus, que em sonhos é como em vídeo, apareceu-me um dia envolto em neblina ocre apontando para um bando de pássaros, para um juiz barbudo e de chapéu que identifiquei — um mago que na minha infância despertara sentimentos de terror e devoção —, e para um livro donde vi sair anjos afrodisíacos que inspiravam a insurreição do corpo. (Com esses anjos atravessei uma cidade cheia de vestígios de morte e, entre sombras elementares e artifícios sangrentos, vi no horizonte da memória o ossuário mental onde flutuavam rolhões de nafta, trapos, corpos automáticos, manchas de óleo e os peixes que a imprensa e a t.v. fizeram tão lendários como os aborígenes da Austrália.)

Não tenho certezas mas tão-somente um pé em três mundos. E tudo me surpreende.

■

ILHA MENTAL

> Quando se inflama tudo à volta de um imaginário eixo no meu cérebro, entre labaredas configura-se uma ilha sem memória. A persistência dessa imagem, a que chamei Ilha Mental, como veloz anti-galáxia cruza o meu espírito...

Se um ciclone não a submergiu ou a formiga branca não a devorou, a Ilha Mental irrompe do Mar das Caraíbas coberta de neve doce, milhas a leste da ilha Barbada. Não é grande nem pequena, com um lago de estanho onde sobrenadam folhas de gladíolo que, sopradas pelo vento norte, espalham vertigem.

Os seus habitantes — homens de meia-idade e adolescentes — sabendo como é glaciar essa vertigem especulam com as emoções e dedicam-se à solidão e à indústria do plástico. A esta ilha — sua ilha — chamam o Santuário de Magma. Com o degelo têm medo das primeiras águas que deslizam para um abismo onde pássaros inventados aprendem a voar e lobos espreitam pelo buraco dos sonhos.

Presume-se, ainda, que um veneno circula em depredações sucessivas eliminando das mãos o ácido fino que imprime fotografias na madeira, a lentidão. Nos homens mais fortes provoca uma doença que os tratados não descrevem mas o vulgo chama *megalitismo* — as cinzas, depois de queimados os corpos, parecem pedras aladas que desenham no ar alusões à morte e à sombra. Muitas vezes escrevem

death is not an ordinary call

ou, de outro modo,

a luz não é morte vulgar.

MANUEL FERNANDO GONÇALVES

Nasce no Meixedo, 24 de Novembro, 1951. *Isaac* e *Outra Geografia* (ambos de 1985) não pretendem enrodilhar a história bíblica no telejornal diário, mas acordar, no Homem que lê, todas as reminiscências da sua viagem pelo cosmos, e abrir as cicatrizes do gelo quotidiano, porque, pelo menos o sangue é quente.

Nas manhãs de vidro conheço
os dias posteriores
a raiz movediça das cidades
invento uma mulher branca
e o futuro transparente
ângulo minucioso do fixo perfil
não interrogo as construções
implanto um deus no último
patamar o desejo bebo
e rasgo de olhar uma mulher
branca mulher é manhã
as águas irrompem abanam os dias
de ouro e livros ousados
fumam em volta seu delicado
movimento de fumo
sua ténue ameaça de larva
Caminho para as cidades
a minha mulher branca
que em mim se desfaz tempo
morreu nas manhãs de vidro
Caminho pelas cidades
meu leve tacto de tempo
meu áspero remorso de saber
uma esparsa qualidade:
eis o litoral o futuro

■

Volto senhor funcionário
a jerusalém agora
pergunto ao senhor
que forças me deu exactas
para assim voltar
lá me esperam o profeta
a família uma cidade cara
o verde áspero dos montes
levo alguns amigos
um pouco do mundo inteiro
bebidas fortes da península
ervas algumas raras de áfrica
mel branco do sul
estas folhas escritas
são poemas de gente vigorosa
que mora um pouco
por toda a parte
e tão bem conhece o senhor
Levo mais nada
simples alto funcionário
e um outro gesto
para destruir babel
Ouço rir a minha amada

R. LINO

Nasce em Évora, a 12 de Janeiro, 1952. Publicou *Palavras do Imperador Hadriano* (1984), *Atlas Paralelo* (1984) e *Paisagens de Além Tejo* (1986).

---

ter-se-á narrado então a ventura da travessia
pelos vários modos havidos nessa altura.
acercaram-se desconhecidos os dedos pelos mapas
cujas cidades designassem a esmo
o nome de quem pelas ficções
houvera permanência: santos e escravos,
poetas, putas e astrólogos.
no minucioso detalhar de cada rua
se fez geográfico continente para visitar:
quotidiano rodeado de ficções por todo o lado
menos por um a que se chama isto.

■

PALAVRAS DO IMPERADOR HADRIANO NO PRINCÍPIO DO SONO

há um pouco de vento fustigando a tarde
— mas não mais que um pouco —
e o meu corpo exposto às dunas
cai como ao princípio da noite.
hoje e ontem
escorrem-me pelos olhos
enquanto estendo as mãos
e por elas inscrevo o gosto do tacto pela areia.
disseram-me que o homem
estava escrito no homem
e o tempo dele: linhas cruzadas
ou ilhas ou maior profundidade.
nunca pude ler as tuas mãos

e das linhas apenas percebi
como pelos gestos tu me afirmavas
ou negando
me reafirmavas: dunas pelo vento
e de novo partíamos.
não posso, no entanto, pedir contas
à tua ausência. no simulacro
da coragem, quantas vezes
teremos dito o que negávamos
e a tua boca
mais perto da minha
teria, apesar
a certeza de que ninguém perde ninguém
e que os negócios do estado
apenas confirmam
        entre as misérias de uns
        e os ousados roubos de outros
como passa sobre essa certeza
o tempo
ao correr das sociedades
e dos impérios
no princípio desta noite.

■

HOJE, AS CIDADES

hoje, as cidades
ficaram um pouco mais longe
e eu não sei porquê
só sei que ficaram mais longe
        as cidades
à beira-mar, havendo por todo o globo
as duas vidas:
eleanor damortis animada de festas e de estios
ou a rapariga que vive
a mil e quinhentos paus por mês
não sabendo no armário
outros sítios de ser festa ou esperar.
(do outro lado da ribeira o velho cão

guarda o corpo como algas
e compotas de frio às seis da tarde...)
a rapariga do armário
mata-se na cidade
do outro lado de ser diferente o mesmo tempo.

■

os barcos ficam amarrados aos paredões
número um, número dois, número três do cais
e o frio aquece, ao redor dos guindastes
as grossas camisolas de lã dos estivadores
parados entre as encomendas e a última escala.
enquanto as docas estão ancoradas
vão contando como e porquê
viram, diferentes, as auroras boreais.
dizem: mais para cima é o gelo
ou a perfídia magnética do pólo...
no perigoso rebordo das lendas
o desconhecido não se relata
mas inventa-se, de ironia em ironia
pelos interstícios dos mapas.
é insuportável o reflexo do sol
neste frio e o mundo pode ser
um discurso impaciente
no meio de um grande silêncio.
ícaro teria voado para lá
onde dizem nascer os pássaros
e os gelos, mais a norte, se derretem?
é preciso explicar o inverso sentido dos climas
na transgressão dos animais... aqui
sabe-se de tudo como quem espreita
os vizinhos chegando aos bordos pelas escadas.
alguns dizem — no entanto —
que certos exploradores
foram mesmo silenciados pela loucura:
outro sol no centro do mundo.

GRAÇA VIDEIRA LOPES

Nasce em Mangualde, 1952, 23 de Abril. *Horácio e as Bonecas* (1983), até ao momento único livro conhecido desta Autora, inscreve na matriz poética as marcas de um gosto ao invés da bondade atlântica de, por exemplo, Espanca.

M^lle DE GALLAIS REZA

1. A lua desapareceu há dois dias
e o sentimento colectivo esvoaça
chove sobre as obras do metro
e a lama é um cenário em viés
no coração.

2. O meu chapéu de chuva abriga-me
da chuva e das quedas astrais
figura primitiva do teu amor
ausente e grande.

3. Colectivo de árvores e praça
atravessado pelo mês de setembro
e pelos que dormem nas grades
do metro e são enormes
figuras de ti.

4. A felicidade então
bate as asas e cai.

5. Dias alegóricos luas que passam
em casas respeitáveis onde
se bebe gin e o sentimento
colectivo esvoaça.

6. Soluções marítimas finais
com imagens de portos ao contrário
líquidas figuras sobre um rosto branco.

7. Há dois dias que me sento
na cadeira e observo o universo
disponível. A chuva inunda-me
de um humano sentimento de alegria.

8. Protege-me da chuva e do terror.

■

M^lle DE GALLAIS TEM VISÕES

1. Chamo as imagens todas que
me ocorrem nesta manhã de sol.
Está frio mas o inverno é o doce
casaco comprido que vesti de manhã:
pássaros, árvores, areias
vindas do litoral. Cheira a mar,
cheira à memória do mar
sem nenhum motivo.

2. A felicidade dorme nesta mesa
ao sol sob o teu doce olhar
infantil: olhas-me de dentro
da terra e o teu sorriso
está cheio de fragmentos.

3. Uma torneira pinga nesta manhã
de sol. Uma árvore separa-se doutra
árvore. A tua presença transforma
o mundo, está frio e a mesa enche-se
de pássaros e de raízes leves.

4. Atravessas o pátio, páras, bato-te
na cabeça com um martelo e o teu sangue
cobre o pátio de alegria.

ALICE CORINDE

Nasce na zona fervilhante do Barreiro, a 20 de Junho, 1953. Redactora da revista *Pravda* (editada em Coimbra), o seu *Arbeit Macht Frei* (1985), de tardia inspiração situacionista, indicia o mal-estar crescente na dormência da vila-modelo universitária. Os poemas aqui coligidos acordam, pela bitola do mundo pós-industrial, os ritos do retorno ao *paraíso perdido.*

«O trabalho é a raiz dum mundo desenraizado, o espírito duma época decapitada. É o ópio do povo.» — Alexis Chassagne e Gaston Montracher

A MÚSICA ARDE, AO DESCER

Ouvirei daqui, dum existir incerto,
as gravações dos ossos no computador,
e a miséria dum silêncio barulhento e imbecil
que escorre pela rádio — enquanto,
mais à frente, o sangue explode no interior das casas
de comércio, ou vai entrando nas páginas a incendiar
da contabilidade. Entenda-se: contas são contas,
mas por isso mesmo é que o tempo se avizinha
dum indolor abismo, dum zero bruxuleante
banalizado. É já notável essa presença
do futuro: em gestos dum tédio entumescido,
no olfacto nosso de animais encurralados
no medo, no respirar o sangue que já se espraia
pela alta temperatura do nojo.
São os altos fornos progressivos,
a sufocação democrática. A água continua
o seu curso, mas ergue-se agora nela,
já à superfície, o veneno. A obscuridade impôs-se;
e invocam-se as bagagens para deixar este mundo

entregue a quem, de joelhos, e grato, o preserva.
É aí que de novo os olhos se cegam,
conduzidos pelas luzes do desastre.

No ar rarefeito, a respiração do século aí há-de ficar:
tossindo em frente. Chegará a indústria farmacêutica
desse bom senso suicida
para manter incólume uma tal sociedade
— este monte de merda reluzente?

■

Trabalho: do latim *tripalium*,
instrumento de tortura.

RESES

Regressam rente à noite as reses ao redil,
pesadas, quase gastas e dormentes
como agentes da peste em fé febril.

Um só pensamento as conduz
ao curral sem luz: dormir
— dormir pesadamente
após a ceia quente e a tv.

Abençoadas reses. Alvos corações da peste.
Este pesado elo que em vida a vós me irmana
está no pesadelo que desta voz emana.

ARTUR ROCKZANE

Criador do asfalto que faltava à pequena cidade do Porto, *Cavalos, Heróis e Lunáticos* (1983) faz o tour do triângulo doirado Porto-Amsterdão-Tetuan, com passagem por Londres (Portobello Rd.) e estágio em Stuttgart. Nasce em 1953, a 4 de Agosto.

NO AMOR E NA MORTE
— PARA ANDREAS BAADER

Já ninguém tem revelações a fazer;
a noite é a véspera da noite.
A Alemanha fria e ressentida
a pesar-me sob os tennis-shoes.
Uma guerra que nunca acabou;
pode ser que essas crianças,
os filhos desgrenhados e perdidos
duma geração desencantada,
pode ser... apenas isso.

Berlim é para sonhar
Frankfurt para morrer,
e há que vingar um milhão de poetas
de dedos decepados!
(com uma certa elegância mística...)
ONDAS DE RAIVA NIILISTA
arrasam a Europa!
e sacodem o pó das virilhas metálicas
sem o fascínio dos miúdos pálidos,
europeus.

Há que cravar punhais
na face outonal e seca dos cidadãos!
Atirar aranhas enormes, venenosas
contra o tédio!

Siegfried arrasta as asas...
flores mortas para Siegfried
(escrever a madrugada)
pobre pagador de karma...

E depois,
há um certo prazer
(falo com Meinuch, guerrilheira de veludo)
em ficar debaixo da chuva,
clandestinos —
— nada para perder, nada para ganhar!
Ah! Este tédio das ruas
banhadas em suor cinzento
E eu desde a nossa tribuna
erigida no silêncio flutuante
por anjos sujos.
Berro!
Grito!
Declaro o brilho das minhas botas...

E depois, através do meu corpo disperso
percebe-se a luz
(os anjos cravaram nele os seus punhais).

■

SOLIDÃO A DOIS

Anjo, triste
de serenidade obscura.
Com o asfalto trepidante
sob a pele de veludo difícil.
Canção nocturna e fatal
sem solução;
guardador de Igrejas encerradas,
asas cansadas,
voo interrompido
por solidões anémicas e cruéis.
Bebedor de absinto,

sem motivo, sem nada.
Gritador de uivos
— o que encerra à noite
as portas da madrugada.
Sem nome nem direcção
filho abstracto e nu duma não-geração.
Ferida aberta na avenida indiferente,
crepúsculo de gente.
Criatura estranha, indefinida
defensor da minha escuridão.
Tenho-te como cúmplice, um anjo sujo
e sinto-me — apenas — só.

JOSÉ MIRA

Nasce a 23 de Fevereiro, 1954. A sua obra, de que publicamos dois inéditos, continua a organizar-se para a oportunidade de um futuro caderno impresso.

---

levanto os olhos pouso
ousado voo de mil flechas
no coração ao abandono. sei
só eu, o doce garrote
ao redor do peito.
levas-me pela mão
pelo sossego da noite
ao turbilhão dos ventos de nenhuma parte

(inédito)

■

abrem-se os olhos na brutal luminosidade, faróis
que quisessem ver dentro de si. perdoai-me, são
três horas da manhã. ocupo o tempo estarrecido a
alta velocidade. não derrapo, tenho a pele bem colada
à corrida das horas. nem vacilo nem hesito.
espanto-me por detrás dos óculos, passo pela noite
um vidro perfurante.

(inédito)

MÁRIO DUARTE

Nasceu em 1954, Lisboa. Acidentou-se na Holanda em 1978. O seu testemunho de um asilo holandês para velhos holandeses pô-lo mais perto da morte, esse livro de vidro intitulado *Aquário*. Continua inédito o seu *Jornal Poliédrico (Reportagens Poéticas)*.

INSTRUÇÕES PARA UM CONSUMO DIGNIFICANTE

No princípio era o consumo.

Em girândolas esotéricas separados foram da horrenda escuridão os super-mercados de consumo automatiquíssimo.

É sexta-feira, o ante-penúltimo dia, quando os gloriosos seres criados se evolam do esterco diário, das árvores agonizantes pelo fumo e vão dissolver as monotonias no interior dos saldos. Assim:

Empurre um carrinho metálico e emita um ruído sibilante de dinheiro fresco.

Atravesse então uma porta foto-electricamente guardada, forrada com sorrisos e setas (entre! entre!), pingando promessas de bem-aventurança a quem ajudar o sistema a parir alienações.

Enfim, entrou!

Ordeiramente dispostos por uma superfície de várias centenas de saldos quadrados, exibem-se os magníficos artigos, como prostitutas habituadas, esperando que os repuxem, apreciem, possuam, destruam, paguem!

Acalme-se. Não se espartilhe pelas secções. Temos tempo, a morte ainda vem longe, o nosso regime é sólido, as personalidades políticas dão o exemplo quando passeiam os seus pénis metálicos pelas montras do poder.

Repare, sobre si já paira a nuvem dos pensamentos de consumo:

«Viva, estes cogumelaços estão em saldo!» ou «Que maravilhosas perôncias».

Funcione, lubrifique com dinheiro a engrenagem, faça da sua volúpia uma cumplicidade: estique o braço, olhe o precinho (cada pacotolho tem o seu particularíssimo preço — que toque tão íntimo no seu coraçãozinho consumidor...)

Prossigamos, enquanto o artigo desce suavemente até ao carrinho (o gerente já sorri lucros). Meus filhos, como é bom pertencer à classe mais nobre, ao núcleo restrito da verdadeira confraria, à autêntica orgia da compra, à masturbação dos cheques!

O nosso prezado gerente delicia-vos com música de carrilhões dourados, emoldurada em fanicos de salame.

Mas que esplendor, que deslumbramento se aproxima?

Numa auréola azul de violoncelos suspensos, o genuíno refresco da Califórnia, único, irradiando felicidade e a força dos grandes espaços, em saldo.

Em saldo!

Oh, maravilha das maravilhas! Agarra-o, acaricia-o, sente-lhe a muito doce e discreta sensualidade que dele emana, fá-lo descer para o carrinho, aprecia-o uma vez mais com um suspiro de felicidade...

Assim passamos o limiar da exaltação, os carrinhos saracoteiam os consumidores com soluços de êxtase pelos longos corredores.

Dance a oferta, cante o desejo, trove o poema do desconto madrigal, receba carinho dos brindes exclusivos, abandone-se ao cântico da nova marca, da pasta dentífrica que o fará feliz e lhe dará uma inacreditável potência sexual... espreite o novo modelo, sente-se ao volante, projecte a sua agressividade matando peões, esqueça o seu complexo de inferioridade com o novo creme de barbear que evola um perfume caça-fêmeas, beba o autêntico brandy para homem todo homem... sinta-se seguro com o triplo filtro dos longuíssimos cigarros onde pode socialmente dissolver o receio de estar vivo mamando, mamando, mamando... compre a revista que o esclarece da

autêntica cor da camisa de noite *Dela*, da estrela inatingível, que circula na órbita verdadeira do prazer comprável, veja-a nua, impressa a cores na página central, autêntico corpo de deusa que nunca sofre de diarreia e apenas mostra a secretíssima vagina a super-homens de smoking... por uns instantes esqueça-se de que existe, pois isso não importa; o que importa é o carnaval da ostentação feroz, o precioso bilhete para a final, o supra-sumo da televisão a cores, o que importa é poisar nos dias com os olhos fechados e empurrar a vida como se arrasta um carrinho no super-mercado...

Mas o fim aproxima-se. Ouve-se o gargarejo da máquina de calcular esterilizada em cifrões.

Paga! (silêncio doloroso e ruído de moedas a circular irrelação).

Depois começas lentamente a embrulhar as tuas solidões em papel celofane.

GIL NOZES DE CARVALHO

Afinal o poema é o lugar onde o ser se redime da omnívora condição de humano. Não que haja ou deva haver algures arrependimento, perdão, benesse. Sempre o crime que passa uma esponja sobre o crime que nos é anterior, sempre a labareda que ateia a labareda, demónios votivos. Gil Nozes de Carvalho nasce em Lisboa, 1954. Publicou *Alba* (1982) e *Aboiz* (1985, lançamento atardado pelo editor).

BULE DE SOL

1 Escutas na madrugada o começo da luz, tordos,
o dia explode, no muro esmagado, um pénis.
Coisas dispersas orientam a manhã por vísceras
colhida no bico a pestana sangrenta, tomba
no papel, a mancha quente.

2 Poisa num filamento do mundo, a escolha, suspensa,
da mão sobe, o minarete, a oração.
Quem vem de longe sabe.
O que se ergue na água é sublime quando
o corpo sai no pescoço dum grito
e pousa, folha húmida, na memória.

3 A rã devora uma das mãos faz
o cristalino fedor, este universo
e, por momentos, cai
no tanque de amargura, a beleza, tordo morto.
Hoje em dia quem defeca
não está ao pé de quem trabalha.

4 Um objecto, no muro doméstico, perto do que amamos,
renasce, o tempo,
a corda líquida do medo, cortada

pelo bule volátil, isto
de vivermos.

5 O cheiro do senhor pinta uma de duas maçãs
no arame do silêncio dura devagar o crânio
suspenso, uma noite, rompe-se, a escada irisada.
Caminhas em linha recta,
alcanças a cintilação na íris
dos cavalos esventrados, o cu
composto p'la luz.

6 Negamos o farol do coito, a hélice
da tadorna p'lo rio, a punheta.
Mas o trajecto, as migrações, o navio perdido,
no círculo das noites, repousam.

7 Pelo interior do rosto se gasta,
uma vez, a pequena espada.

■

AO CONTRÁRIO DO MITO

Parámos.
Da janela vi o sexo,
pousado na mesa, o ferro,
esquecido na mão ágil, a pata
pousada na lâmina, se perfuma,
é um ombro.

E na porta de uma casa,
este rosto, desfeito,
dum minúsculo triângulo movido,
apaga-se.

O focinho viaja comigo ainda
algum tempo, do interior para
o litoral, ao contrário dos mitos.

■

Armei a boiz, a derradeira porta,
flexível, a favor do vento.
Pousado na noite
descobri o teu rasto.
Uma vida não basta
para termos um rosto
e levá-lo, sem morte,
ao lado encontrado
num embrulho de dedos.

Corta o barbante,
e segura no corpo
até que ele morra.

RUI ANDRÉ DELÍDIA

Nasce em Odivelas, 1954. Tem dado largas ao atrevimento marginal numa actividade de Editor. Nutre-se de carne da Grande Necrópole.

«Tudo existe na sombra» — Ernesto Sampaio

Tudo existe na sombra. O tempo é, por excelência, o território da sombra. Amplo território de inóspita paisagem. Delimitado a nascente e poente por um sol real que se esconde todos os dias, sem nunca se pôr; e, a norte e sul, pelos reflexos da sua ilusória ausência e total permanência.

Tudo existe na sombra, mesmo que provisoriamente; até a mais agressiva das claridades.

O tempo é o maior dos vários artifícios da sombra. Promete eternidades e tudo reduz a pó, mesmo no domínio do espiritual, como é o paradoxal caso da memória caída no esquecimento.

A história é uma sucessão de factos inverídicos, olhados por presentes que vão deixando de sê-lo. Ela só existe no presente; quando é feita. Contada ou escrita é alterada. Só é verdade se não falada; intocável no silêncio da sombra.

O presente que tenta olhar o passado é já, sem o notar, um passado; um nauseante passado.

A sombra é a imutabilidade.

Lua — irmã gémea da sombra.

Inspiradora de amantes. Musa de poetas. Padroeira de assassinos.

Lua do amor. Lua da arte. Lua do crime. Luares de sombra, reflectidos nas sombras do luar.

Luz baça e envolvente; auréola de prata em noites quentes ou gélidas, próprias para o livre arbítrio.

Sob o campo descarnado e por lavrar, a planície envidraçada. Ácida terra de vermelhos tons.

Edifícios que vão e vêm. Sombras esvoaçantes. Precaridade.

Total ausência de paz, neste silêncio de repousante gume.

No céu azul-escuro, voa uma ave nocturna na absurda predação da sua espécie.

Na fonte, a água corre sem ruído. Sinfonia sem som.

Os amantes tentam desesperadamente beijar o brilho dos seus olhos.

O poeta declama um poema sem versos, no interior do silêncio.

Um assassino, obedecendo à imperativa voz sem eco, mata a punhal um recém-nascido.

Tudo existe na sombra.

RUI REININHO

Nasce em 1955, a 28 de Fevereiro, no Porto. Apenas com *Sífilis Versus Bilitis* (1983) publicado em livro, podemos ouvir-lhe a voz num agrupamento pop. A sua inspiração não-universitária infiltrou no discurso poético uma frescura dandy, porque quando se perde em sofisticação e artifício de linguagem ganha-se no plot ou argumento. Como Rudy Romeo assinou também algumas notas no jornalismo cultural.

S. SOPRANO

Às 8 horas ela sentava-se frente a mim.

Os seus cabelos ruivos encaracolados ondeavam ao som
da Jukebox.

Pedia um grogue e tamborilava os rocks na mesa verniz.

Eu odiava aquela música.
Eu sentia que ela nos afastava.

Às 10, eu molhava a palheta do sax,
até que ela começou a sentar-se
frente a mim.

O seu cheiro, vindo das primeiras mesas,
os cabelos ruivos e encaracolados,
fixos perante o contrabaixo incisivo do Jetso.

Durante noites imaginei-me a enlaçar-lhe
a cintura magra,
a soprar-lhe nos seios duros.

Às 7 horas da manhã vi-a abandonar
o quarto mísero do Jetso.

■

CHARME

Um pouco de limão, dois dedos de brandy, tequila q. b. ... Hmmm!! Os teus cocktails são deliciosos, mas preferia que estivesses ao pé de mim... COSI FAN TUTTI... HnMnn!!!!! sinto imenso mas 'tou outra vez com aquela coisa chatíssima TRICOMONA SHOW...
...E o mais grave é que está Esta com os Trico/Trico, a Betty também, a Mary também e a Outra, UAU!! vai passar ao marido que por sua vez entrega à entrada da área FUCsy que devolve ao do Alfa que entrega à Loira, que passa à Gina, que devolve ao Puto, que injecta c/ a Sara o Pipas e a Tecas, que vai de férias, que dorme na Praia, que fica lá em casa, que lava a loiça, que chupa o Quicas, que escreve à Tuxa, que odeia a artista que vende coca, que empresta o carro que chuva intensa, quem compra a cerveja, quem dá beijinhos, quem dorme aqui, quem paga a pílula, quem limpa o vómito de quem és filha, quem vai p'rá praia, quem limp'ópó quem chuta a renda quem quer saber que livros leste, quem foi que tos deu, quem sai à noite, quem tem a chave, que merda é esta, quem toca o baixo, não telefonou???????? ??

Sou um gonococo com sorte
Sou um gonococo com sorte } bis

Faça (essencialmente) férias portuguesas !??!??!?!!!!!!

■

NOVO ROMANCE

Começo num relato exaustivo da Nossa Birmânia
O capitão disse: — Conheço-o! Matou três dos
Nossos. Quantos livros escreveu?

Obviamente não respondi. Os aromas doces fugiam.
Um espaço livre de tempo. Tal qual Rilke.
A boquilha marfim mordida por dentes amarelos.
A boquilha branca.
O aroma doce — repito —
Um espaço livre, literariamente ausente
Uma camélia brava no meu catre.
Um osso livre do meu corpo
Um cansaço — gotas, bagos de suor.
Um copo com álcool, quase puro.

O quinino dos teus dentes, a febre da tua língua,
A ferida da tua boca. Aberta.
Abcessos. Os teus seios o pus, a pústula
As tuas carnes congeladas.

As campainhas Os gongos

Saber esperar. Com o último barco, a lancha de braços
Humanos e olhos em bico a ausência Cantada e corrom-
[pida
O ocaso é vermelho O tráfico de vinho, amargo
Premir exaustivamente o gatilho do revólver. O vinho...
Cometer novo crime escrever.

Os olhos de vidro — jóias! — das estátuas
As jóias, as pérolas que pesco nas tuas profundezas
Quando TE ABRES COMO UMA OSTRA CANCEROSA
[LEPROSA
A peste: possuir-te
Miss Tailândia 47

Um rasgo de génio
Descrever o furo de uma bala
O ESTAMPIDO da corrente
No Junco
X capítulo, pág. 173.

A migração fecundada (Hölderlin)
Embarco. A sífilis de Gauguin
As escrófulas de Artaud
A sarna feminina, mas duradoira

Espasmo ———————— contradição

Rómulo/Remo
O junco sulca e encalha nas margens
Da-Raiman, os bolsos cheios de ópio de Xangai.
A solidão essencial.
A fuga (epílogo)
Azulejos árabes o espaço da morte

E as Nossas Cabeças Sagradas
Viram-se lenta mas austeramente.

Que corpo pequeníssimo, birmanesa
Só nua não pareces criança
Pois tens a cor, a flor e o fruto
Do ónix, da esmeralda, da turquesa.

JOÃO DAMASCENO

Autor de *Corpo Cru* (1983), nasce a 10 de Abril, 1955, em Coimbra. Faz parte do Directório responsável pela revista da sua terra natal: *Pravda*.

Sentado próximo de um cadáver,
como uma perna de galinha

As carnes muito brancas,
os olhos muito abertos,
a língua dura e roxa,
o céu da boca azul:
não parece já, apetecer-lhe almoço

Passei à sobremesa,
em óptima melancia enterro o meu dente;
com a língua dou um estalo,
o sabor é excelente

Daquele corpo pútrido,
o cheiro já mal aguento;
cuspo uma pevide,
acerto-lhe no ventre

Ainda estou para entender,
da morte, esta alquimia:
quando a sento à minha mesa,
a galinha sabe a faisão
e a melancia duplamente a melancia

■

NOVA CARTA AOS PSIQUIATRAS

Disseram que ia ser confortável, que ia ficar tranquilo

Deram-me os vossos comprimidos:
Quero masturbar-me e não posso

Onde está a minha solidão? Quero a minha solidão
Onde está a minha angústia? Quero a minha angústia
Onde está a minha dor? Quero a minha dor

Deram-me os vossos comprimidos:

Engordei e fiquei lustroso como um gato a quem tivessem
[cortado os tomates

■

Há um sítio em mim onde tudo é igual a tudo:
onde posso, finalmente, escolher

JORGE AGUIAR OLIVEIRA

Autor de *Não Mais Mar Não Mais* (1985), aguarda a publicação de *Os Lábios do Rio* (donde retirámos os inéditos abaixo reproduzidos) e *Da Dor Das Colinas*. Nasce em Tondela a 17 de Janeiro, 1956.

---

lançou-se aos vidros do rio
vestido de branco fermento.

Encontraram cadernos
na margem da vida com alguns
amores-perfeitos espalmados e

um verso escrito, como se fora nascer
de novo

andei procurando
o meu príncipe de Darque *(inédito)*

■

os lábios do rio
as margens desse corpo
os beijos,

ínsuas do amar
por mais algum tempo
minha face nas árvores
no teu rosto

eras um lenhador
de gillette mais um
emigrante pela tarde
a caminho de Augsburgo
e eu ficando na janela

oferecendo águas às águas
do rio. *(inédito)*

ANTÓNIO S. RIBEIRO

Nasce a 2 de Março, 1956, em Lisboa. Tem alguns dispersos publicados em revistas da «especialidade». Os inéditos aqui incluídos são por si suficientemente explícitos do estado de espírito comum aos (a preto & branco) anos 80, os nossos.

INSTANTAMATIC

Nada no horizonte tem
limites
vejo o que os olhos vêem:
vides, cavalo a galope,
céu azul...

No interior o chá esfria
na chaleira,
o frasco de compota aberto,
o disco esquecido no tapete,
frutos secos num prato
largo e branco,
uma mão abandonada na cadeira,
a saudade que fica
na polpa dos dedos.

(inédito)

■

TARDE

Os dias passam assim,
como direi?
— delicados.

Não há projectos de viagens,
o tratado das grandes ideologias
abandonado a um canto;
os crimes perfeitos são outonais
e esta tarde é uma estação infinita;
a cama? «oh! a cama é larga».
lá fora a árvore é verde,
o universo expande-se;
do caderno à janela, penso neles,
nos amigos.
tarde duma única visão:
ter um terraço plantado de rosas.

(inédito)

JOSÉ DIAS DE SOUSA

Nasce em 1957, 21 de Março, Chaves. Despertou-nos a atenção a truculência imponderável de *O Menino da Sua Mãe* (1983), narrativa de onde isolamos o capítulo III.

A criança rosa-leitão que eu devia ser para ser criança deu os primeiros passos um pouco mais tarde do que usam as que hão-de ser ricas e felizes (isto deve ter sido um presságio de algum corvo da família: mesmo sem asas, bico e penas a família distrai-se apostando). Já então estava escrito todo o meu destino, e escrito estava que destino certo eu nunca havia de ter nenhum. Fez-se de roda de mim um círculo de bocas desconfiadas, e o meu avô deve ter-me puxado a pila com a serenidade de quem se descalça em casa: aquela coisa que eu era ensaiava, com um atraso que nunca hei-de recuperar, os primeiros passos duma peregrinação que ainda aguardo perceber aonde me levará. A imaginação mais desencantada poderá simular-se o espanto da vizinhança, sempre gulosa de escândalo e de milagres: o menino, que muitos condenavam já à paralisia, deixando cair alguma baba duns beiços ainda meigos, marcava naquela terra nordestina os primeiros vestígios duma promessa que o levaria tão longe que, agora, desisti de querer saber que lugar é este. Devo ter caído como soem todas as criaturas quando experimentam uma coisa nova: a liberdade do meu corpo, que já então era diversa da minha, negando enfim o apoio das criadas. Nunca mais me haviam de pegar ao colo, excepto quando eu pedisse, numa hora de cansaço e tédio ou pura putice que naquele instante comecei a aprender: carregai-me, que ainda sou menino e já me doem os primeiros dentes. Lembro-me mal de tudo isto, ou não me lembro de todo, e menos ainda do redondo seio que antes espremera para não ter a sorte dos desprotegidos de outras terras mesmo quando não são abandonados pelas

mães: secas, ainda que se entreguem à boca dos filhos apenas lhes adiam a hora do adeus: as crianças sugam, espremem, desesperam-se e a mulher nenhum dos dois prazeres consegue: cevar o crianço e ser beijada por lábios que ainda não pensam em sexo. (Os lábios que ainda não pensam em sexo, esses, devem dar um prazer dobrado, eu não sei, nunca fui mãe, mas estou em crer: mordem sem cuidarem da doçura que sempre cai bem nas coisas similares às da cama, praticam uma violência que o objecto maltratado só rejeita quando desconfia que tudo aquilo visa a sua destruição. Provar isto?; é olhar, sem que elas percebam, as mulheres que não admitem infame leite de vaca na boca dos seus meninos, como elas encolhem os ombros e riem, humedecendo a boca como se as mordessem grossos lábios de um indesejado estuprador, afinal mais hábil do que a dos seus amantes-lobos que fedem a tabaco e se deitam com elas como se fizessem um favor à mãe; é olhá-las, as mulheres do leite, quando enchem a barriga dos infantes vampiros que um dia hão-de crescer e não guardarão lembrança de nada embora a lembrança esteja toda neles.) Mas eu não fiz parte de esse exército de condenados: a minha mãe, julgo, tinha um seio de estrela que fizesse gemer plateias de operários muito machos, e assim pude crescer e engordar e arrotar no fim, como se a vida me fosse propícia sem resmungos. E aquela criança que devia ser eu, ainda sem saber se um dia, quando o alvo sexo se lhe cobrisse de pêlos e a alma de dúvidas mortais, apeteceria idênticas protuberâncias, encostava a boca ao maternal seio e esquecia-se de gritar aos ouvidos da família; silêncio raramente quebrado por mudos protestos de quem não está completamente a gosto ou porque o bico lhe fugia ou a mãe estremecia rindo: esses estremecimentos provocavam-lhe enjoos de marinheiro que sopra barcos de papel nas águas profundas de uma banheira de pato-bravo e espuma de morangos. Nas tardes quentes da Primavera que me viu nascer eu aprendia o ofício do vampiro branco: lembro-me mal, ou não me lembro de todo, mas sei que a lembrança inteira daquele seio está em mim.

EDUARDO A. S. GUERREIRO

O Eduardo nasceu a 23 de Dezembro, 1957. Almada. Os anos que correram entre 74 e 79 (data da sua opção pela morte: 12 de Agosto, 1979) radicalizaram perigosamente o seu sentido da liberdade. Para ele, tratava-se de não acabar como um vegetal; conseguiu-o, ao preço da própria vida.

---

a memória atraiçoa-nos com uma precisão metálica, a sua
procura é transviada, recolhe-se a locais de claridade cega,
desesperada. e aí o único fio que sustém ainda a loucura
das palavras é uma angústia latente, irrisória, como um
animal morto e quente de olhos abertos e o horizonte nas
pupilas infinitamente mínimo e todo.

---

espero. as palavras começam por vir uma a uma vagamente.
de início parecem sons perdidos no meio da noite
depois respondem-se como os navios ao nevoeiro

---

o vento vem bater à memória, nas zonas mais frágeis.
a paixão insiste com a crueldade que lhe é própria.
entra pelas mãos acima, quase gela os músculos. depois.
quando acaba por se abandonar deixa-os presos à dor
morta que os mantém imóveis pelo tempo.
a solidão aparece de início vagamente no que se esquece.
depois volta, como o frio em alguns invernos. às vezes
parece querer dizer algumas palavras, sobe aos olhos
e escuta como se estivesse presa a um movimento de
[acaso
e necessitasse de um só gesto ou de uma imagem líquida.
depois. não se sente mais que um grande vazio fantástico
com presenças nítidas, realmente nítidas e presentes.
faz parte do tempo como um animal doméstico.

nesta costa do atlântico donde se esquece o mar
tento escrever-te e nada mais leio que a dureza das
palavras a bater pela frase, frase. a minha loucura é
de uma angústia fina, mínima, perigosamente fendada e
infinitamente suspensa, um acaso a sustém e a perde;
e eu nada mais posso que escrevê-la mudo e estranho.
o deserto, um desenho cinzento
o sol a brilhar para lá do vidro
um rio entre as vozes

JORGE DE SOUSA BRAGA

«As víboras têm um anel de escamas doiradas no ventre. As restantes escamas são negras. Os dentes inoculadores... (Alguém disse que os poetas eram pintores cegos. Eu diria que os poetas são pintores a quem arrancaram os olhos.)» Nasce em Vila Verde (Braga) a 23 de Dezembro, 1957, e gosta, por vezes, de contar a história acima. Entre as suas publicações conta-se *De Manhã Vamos Todos Acordar Com Uma Pérola No Cu* (1980) e *A Greve dos Controladores de Voo* (1984).

NA DÉCIMA NONA PRIMAVERA ANTES DO FIM DO SÉCULO

Por uma árvore
que dê primeiro frutos
depois flores
depois folhas
e só depois
muito depois
crie raízes

■

EPÍSTOLA SOBRE A MERDA

As retretes transformadas em santuários:
eis a minha obsessão

A merda é uma boa causa
Demasiado boa
para que alguém lute por ela

Só é poeta aquele que
é capaz de comer as próprias fezes

A merda é a única coisa
que não se pode conspurcar

■

Passara quarenta anos de binóculos assestados, a seguir as migrações das aves e a tomar estranhos apontamentos num caderno. A última vez que foi visto voava a meia altura em direcção ao sul.

ANTÓNIO CABRITA

Nasce a 16 de Janeiro, em 1959, no Pragal, sob a empedernida sombra tutelar do Senhor. E aos ares da cintura industrial devolveu o pólen da sua sabedoria: *O Milagre das Tribos* (1982), mas já antes em *Oblíqua Visão de um Cristal num Gomo de Laranja ou Perene o Sangue que Arrebata os Anjos Vingadores* (1979). Entregue-se-lhe este telex: «As frangas da burguesia são de aviário».

GUARDIÃO DE FÓSSEIS

escrevo com o sucesso da maldição no osso,
solicitando a descrença, a ironia das fábulas,
os barrentos poços onde se encontram de frente os sáurios
da manhã logrando na imagem turva o coração intrans-
[ponível.
perdi quem era por ser atento e amar a distracção,
o eucalipto pesa mais que o feroz vento
mas verga cego ao fascínio dum acidente de inúmeras
direcções.

roo as unhas, calço ténis brancos no verão
tenho de mim um retrato nu e outro vestido.

quereria ser falésia arenosa: empilhador de vértebras,
amante do que ofusca os exíguos cristais e os comprime
reconciliando uns olhos mansos com o olhar desértico
de quem nenhuma vez se despediu o suficiente.
estou tão só como sempre mas com a alegria insuportável
de ser sensível ao particular.
um búzio carrego no bolso, púrpura e madre-pérola,
oferecê-lo-ei a quem do mar amar os corpos de estimação
[fácil,

os cavalos marinhos atraídos ao lusco-fusco das efeme-
[ridades.

(...) ainda desistir era fértil: não soube o conselho das aves
declinando para sul.
foi tudo outra elegância dos silêncios, no ano
em que emigraram os desertos, Moisés me contou.

roo as unhas, calço o inverno nos ténis brancos
tenho de mim um retrato vestido e outro nu.

as áspides aguardam, escondidas pelas uvas na cesta
em vime. escrevo com o sucesso da maldição no osso,
as mãos quadriculadas onde os teus olhos arrefecem
e comentam: escatológico o tempo dos profetas...

■

caminhar pela cervejaria com a discrição da massa
[vidraceira,
rever os habituais aprendizes de meridionais: muita tusa
esconde a cabeça como as avestruzes.
porque é difícil o acesso à cogitação que não seja
[confronto.
saberão todos quanto custa deixar a metafísica
e o que dela nos garante a derrota dum corpo
ilibando nas libações um pouquinho de solidão?
a que visitações se entregam neste momento
ou serão místicos envergonhados perante o destino
tropeçado em si: na incompreensão dos morais limites?
temer o céu é temer essa lisura sem memória: a leitura
que faço dos azulejos — cupidos espreitam
donzelas que brincam inocentes na orla das clareiras
com animais de haste.

■

«Mas, afinal, só as criaturas que nunca escreveram cartas de amor é que são ridículas»

Álvaro de Campos

'tudo faço pela minha amada': escrevo,
mas alguma vez saberei por quem morro?
mais fácil evitar-me antes de questionar.
estas mesas umas a seguir às outras
numa perspectiva de losangos,
vazias, inertes, como um caminho sem amoras
ou um hábito com pessoas que pernoitam.

fragmentos: sinto a falta de raiz
o que possa creditar o espinho na rosa,
sei apenas que morrer tardio
mais dolorosa torna a inserção.

entra um rapaz arrepanhando os cabelos
com a mão esquerda, a mão menos ensaboada
por Pilatos. como não me sentir culpado
se todos se avistam inocentes?
não há geração para suceder à geração,
brilha o passado para a irreverência
do passado.

vou na quarta cerveja, não me interessa,
predigo no acaso o estético: o desvio óptico
e maravilhado de quem ousa esquecer-se...

ADÍLIA LOPES

Nasce a 20 de Abril, 1960, Lisboa. Publicou *Um Jogo Bastante Perigoso* (1985) e *O Poeta de Pondichéry* (1986); aguarda o lançamento de *O Decote da Dama de Espadas (Romances)*. Só por falta de charme se poderá garatujar que a sua poesia é «mediana».

Depois de lamber cuidadosamente
as minhas feridas mudei
o lugar às minhas jóias
estavam num cartucho
de papel pardo dentro de uma gavetinha
despejei-o em cima do tampo da minha secretária
toquei nas jóias uma por uma:
um par de brincos que não ponho
porque não tenho as orelhas furadas
três alfinetes: um galgo de vermeil
com uma coleira de rubis
um lagarto de Toledo
um filete com um amor-perfeito
duas pulseiras com o fecho estragado
também os alfinetes não têm conserto
os anéis são dois
um tem uma pedra amarela
o outro é mais complicado
estão-me os dois largos
o resto é um coração
que se abre com a unha
mas hoje não tenho unhas
cortei-as com uma tesourinha de bordar
mudei tudo para uma caixinha de madeira
com um falcão peregrino na tampa
e folhas de acanto
e mudei a caixinha para ao pé de mim
o que é que eu posso fazer mais?

tratar do piolho verde das minhas roseiras
chamar-me Maria Bárbara
escrever uma novela gótica
viver de pão e laranjas
cantar uma canção que acaba com os versos
Liebst du um Liebe, o ja — mich liebe!
pedir um favor ao príncipe Teodósio

■

PARA UM VIL CRIMINOSO

Fizeste-me mil maldades
e uma maldade muito grande
que não se faz
acho que devo ter sido a pessoa
a quem fizeste mais maldades
nem deves ter feito a ninguém
uma maldade tão grande
como a que me fizeste a mim
não sei se tens remorsos
tu dizes que não tens remorsos nenhuns
porque dizes que és um vil criminoso
para mim
eu também sou uma vil criminosa
mas não para ti
desconfio que tens o remorso
de ter alguns remorsos
por me teres feito mil maldades
e uma maldade muito grande
a maldade muito grande está feita
e não se faz
acho que essa maldade muito grande
nos aproximou um do outro
em vez de nos afastar
mas para mim é um drôle de chemin
e para ti também deve ser
mas com um vil criminoso nunca se sabe

■

A NOIVA

Toalha preta
lenço de prata
do bouquet de rosas
sai uma andorinha
sem uma pata
a noiva tem a mão esquerda
arranhada pela gata
chupa o sangue com a língua
quando o noivo lhe enfiar o anel
no dedo
toalha preta
lenço de prata
duas gotas de sangue
cairão no vestido branco
a noiva tem um verme branco
na cabeça
com mil patas
toda a noite
bate com a cabeça na parede
toalha preta
lenço de prata
mas o verme não despega
chama a gata
e a gata arranha-a na mão esquerda
toalha preta
lenço de prata
duas gotas de sangue
cairão no lençol branco
a noiva tem um buraco
no pescoço
e no buraco cheio de água
uma rosa
presa com um arame
toalha preta
lenço de prata
duas pétalas de rosa
cairão na renda branca

da gola com goma
toalha preta
lenço de prata
do bouquet de rosas
sai uma andorinha sem uma pata
a andorinha voa à volta da noiva
até a fazer cair tonta no chão
toalha preta
lenço de prata
avoa avoa
em torno de toda a folha

■

Onde é que eu já a vi
Parece-me que é uma Ana Bela
que conheci há muito e muito tempo
não lhe vou falar lembro-me eu melhor
das outras pessoas do que elas de mim
e não tenho nada para lhe dizer
parece-me daquelas pessoas
que não vão a uma loja para comprar coisas
mas para serem compradas pelas coisas
que será feito da mãe da Ana Bela
estava convencida de que o mais importante
a fazer nesta vida era ser a esposa
de um sócio gerente da fábrica de
impermeáveis Parabellum inquiria
antes de convidar as meninas que a Ana Bela
conhecia o que é que os pais delas faziam
o teu aspira a sala? não faz nada?
o teu é escritor? mas isso dá alguma coisa?
o teu morreu? já não faz nada!
só o pai da Ana Bela fazia
alguma coisa que dava alguma coisa
a Ana Bela é que já deve ter descoberto
que os impermeáveis Parabellum
não fazem a felicidade de toda a gente

FERNANDO LUÍS

Nasce a 29 de Maio, 1960, em Quelimane. Publicou *Conspirador Celeste* (1983); aguarda a saída de *Sólon,* de onde extraímos os poemas aqui dados como inéditos.

O ronco da sirene à entrada
da barra traz o jovem às
portas enxameadas do deserto.

O olhar vai espancado nas
águas inflamadas, para o vão
das escadas iam sentir o
lume das salivas, o cabelo
desfeito no céu das calçadas.

Vais ficar sem canções,
tigre baleado, os dedos destronados
do peito, coração encordoado
na rocha dos fulgores.

E o brilho que nos varais
o mar entrança não é senão
o esgar do adeus, giz da boca,
cinza mordida que voa
para o último crepúsculo.

(inédito)

■

DEZASSEIS

E o mar de novo revoltara-se.
Toda a noite o vento viera afocinhar
nos areeiros, entregando-se depois
a enfurecer os astros.

Escutavam-se as braçadas da espuma
devastando o patamar, a escadaria primeiro,
a raiz dos minerais, a própria luz arrastando-se
com dificuldade, rebentando depois a clarabóia
onde eram atraídas as tardias
crinas da tarde.

Eu ficava no sótão ao abrigo
dessa força,
esforçando-me por persuadir a noite
a largar-me os dedos
onde se refugiara a tremer.

■

BLACKFRIARS

Era o herói da erva.
Tinha para vender
e o corpo.
Nem os olhos, nem a alma
sabia emprestar. Trazia
nos punhos íngremes
metais de marca, duas estrelas
para vigiar-lhe o destino.
Sem luz aos ombros partia,
campeão do sonho sem partilha.

Tremiam-lhe os dedos, um resto
de coração vibrava delirado
noutro corpo. Cortado pelo gume
das lágrimas o amor, longa
escadaria sem patamares
ou portas possíveis.

(inédito)

■

EZRA GILLIS

Tirou a navalha.
Num passo expandido,
punho onduloso, cortou
as carótidas ao navegador.

Golpes de mar
traçam silhuetas pela
poeira azul do rio.

Ao amanhecer, sob as ervas,
cresce o vento e a cinza
das monções,
a tropeçante luz do mundo.

(inédito)

■

VINTE E CINCO

A noite apunhalada de relâmpagos.
A roupa entrelaçada à cadeira.
As persianas cortando-lhe o corpo.

No chão a chama cega, o suor,
a porta fechada, o tremor da seda
ascendida, o olhar por ti deserto.

AGRADECIMENTO

Não seria interessante, de cansativo, também obrigar o Leitor a assistir aqui à enumeração minuciosa de todos quantos, à sua maneira, contribuíram para a feitura do volume tal como vai impresso. Mas, ou por obrigatoriedade, ou porque os organizadores assim o entenderam, não poderiam ficar ausentes certos nomes.

Alexandre Melo e Pedro Calapez, por *tudo*.

Os Autores, familiares ou herdeiros, por não haverem criado entraves ao nosso trabalho.

Fernando Pinto do Amaral, pela nota sobre Maria Gabriela Llansol.

Assírio & Alvim, Editorial Estampa e Livraria Sá da Costa, pelas facilidades concedidas no que diz respeito, respectivamente, aos autores António Maria Lisboa, Teixeira de Pascoaes, Manuel de Lima e Carlos de Oliveira.

António Botto © Herdeiro e Publicações Dom Quixote

Paulo da Costa Domingos
Al Berto
Rui Baião

Apartado 5258
1708 Lisboa Codex (Portugal)

RUI BAIÃO	Quiasma
PAULO DA COSTA DOMINGOS	Tigres de papel
ISABEL DE SÁ	Bonecas trapos suspensos *(esg.)*
JORGE FALLORCA	Aqui se reúnem caçadores pescadores e outros mentirosos
RUI BAIÃO, VITOR SILVA TAVARES e PAULO DA COSTA DOMINGOS	Ara
RUI BAIÃO	Mix dixit
AL BERTO	A seguir o deserto *(esg.)*
EMANUEL JORGE BOTELHO	Boomerang
PAULO DA COSTA DOMINGOS	Violeta náutica
ÁLVARO LAPA	Balança
JORGE AGUIAR OLIVEIRA	Não mais mar não mais
HELDER MOURA PEREIRA	O amor desta morte *(esg.)*
MANUEL FERNANDO GONÇALVES	Outra geografia
RUI BAIÃO	Nihil
PAULO DA COSTA DOMINGOS	Cicatriz
ADÍLIA LOPES	O poeta de Pondichéry

SIÃO
org.
Al Berto
Paulo da Costa Domingos
Rui Baião

---

capa
Pedro Calapez
(impressa nas oficinas de manuel a. pacheco, lda)

1200 exemplares, 200 dos quais fora do mercado
(depósito legal n.º 14 647/87)
compostos em times 10:10 e em italiano 8:8
impressos durante o mês de fevereiro, 1987
nas oficinas da minigráfica — cooperativa de artes gráficas, crl
lisboa (portugal)

© dos Autores